

GUSTAVO BUSS CEZAR

**CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE: UMA RELEITURA FRENTE À NOVA
RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DA SOCIEDADE EM REDE**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Máгда Cunha.

Porto Alegre, março de 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C425c Cezar, Gustavo Buss

Crerios de noticiabilidade: uma releitura frente à nova relação espaço-temporal da sociedade em rede / Gustavo Buss Cezar. – Porto Alegre, 2010.
155 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade Comunicação Social, Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Mágda Cunha..

1. Sociedade em Rede. 2. Notícias. 3. Internet. 4. Comunicação de Massa - Aspectos Sociais. 5. Comunicação de Massa – Influência. I. Cunha, Magda. II. Título.

CDD 301.161

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

GUSTAVO BUSS CEZAR

**CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE: UMA RELEITURA FRENTE À NOVA
RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DA SOCIEDADE EM REDE**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mágda Rodrigues da Cunha - (PUCRS)

Examinador: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda - (PUCRS)

Examinador: Prof^a. Dr^a. Miriam Rossini - (UFRGS)

DEDICATÓRIA

Ao meu Cruzeiro do Sul, meu guia e incondicional referência: Mãe (norte), Pai (sul), Ana (leste) e Quinho (oeste). Amo vocês mais do que a mim mesmo. Meus adoráveis irmãos/cunhados, Sansan e Lorenzo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar meu profundo agradecimento a orientadora desta dissertação de mestrado, Mágda Cunha. Muito obrigado pela confiança depositada e oportunidade dada a mim para realização deste estudo.

Ao professor Eduardo Pellanda, por abrir meu horizonte tecnológico e incentivo à pesquisa acadêmica.

Aos editores de Zero Hora, pela disponibilidade e amabilidade.

A todo grupo docente do Programa de Pós-graduação da Famedcos.

Ao querido Roberto Porto Simões.

Minha grande amiga Poli.

*“A verdadeira viagem da descoberta
consiste não em buscar novas
paisagens, mas em ter olhos novos”.*
Marcel Proust

RESUMO

Vivemos numa sociedade em rede, conectada pela Internet, que estabelece uma lógica própria de fluxo de notícias. Essas quando em perspectiva de rede são mais tempo que espaço, atualizando-se de segundo a segundo, sem limite espacial. A rede rompeu a lógica de fluxo informacional de atualização diária, de vinte quatro em vinte quatro horas, característico do jornal impresso. Motivados pela hipótese de que o fluxo da rede exerceria influência sobre os critérios de noticiabilidade postulados em teoria utilizados no jornalismo impresso, pretendemos realizar uma releitura desses critérios dentro do cenário espaço-temporal da sociedade em rede. Buscando evidenciar se permanecem os mesmos, ou se houve alterações. Para isso foi necessário entrevistar os sete editores-chefe e acompanhar as reuniões de pauta do jornal Zero Hora. Concebendo o jornal impresso enquanto sistema de auto-referência e heterorreferência, segundo Niklas Luhmann (2005), o contextualizamos em perspectiva de sociedade em rede de Manuel Castells (2000, 2004), que propõe a existência de um novo espaço virtual, intitulado de espaço de fluxos, no qual se dá o fluxo informacional da rede; as teorias de David Harvey (2002) sobre a relação espaço/tempo e a explicação de virtualidade de Pierre Lévy (1999), para quem a virtualidade é onde a sociedade em rede se articula.

Palavras-chave: Sociedade em rede; Critérios de noticiabilidade; Tempo/espaço; Espaço de fluxos; Perspectiva sistêmica.

ABSTRACT

We live in a network society, connected by Internet, that establishes an own logic of flow of news. Those when in net perspective are more time than space, being updated from second to second, without space limit. Internet broke the daily update logic of information, characteristic of the print newspaper. Motivated by the hypothesis that Internet information flow would exercise influence on the newsworthiness criteria postulated in theory, used in print journalism logic, we intend to make a rereading of these criteria in the time/space scenario of network society. Seeking evidence if remain the same, or if there were change. For this, is required interviewing the Zero Hora's editors in chief, and observing staff meetings. Conceiving the printed newspaper as a self reference and straight reference system (Niklas Luhmann, 2005), contextualized in network society perspective (Manuel Castells, 2000, 2004), which proposes the existence of a new virtual space called space of flows; David Harvey (2002) time/space theories and Pierre Lévy's (1999) explanation of virtually, for whom the virtuality is where the network society is divided.

Key words: Network society; Newsworthiness criteria; Time/space; Space of flows, Systemic Perspective.

LISTA DE TABELLAS

Tabela 1 - População mundial estimada e usuários da Internet	41
Tabela 2 - Acesso à Internet no Brasil	42
Tabela 3 - Critérios de noticiabilidade codificados como unidades de registro ..	82
Tabela 4 - Critérios de noticiabilidade codificados como unidades de registro ..	91
Tabela 5 - Menções dos Critérios de Noticiabilidade/Unidades de Registro	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Percentual de usuários da Internet.....	43
Figura 2 - Penetração geográfica da rede	43
Figura 3 - Geo-localização	56
Figura 4 - Página web do projeto Locast	57
Figura 5 - Repercussão	58
Figura 6 - Mídias Massivas <i>versus</i> território informacional	63
Figura 7 - Critérios de noticiabilidade em Luhmann.....	70
Figura 8 - Critérios de noticiabilidade em Wolf	80
Figura 9 - Twitter Timetable	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os tempos sociais.....	46
Quadro 2 - O tempo da sociedade em rede.....	47
Quadro 3 - Proposta de tempo da sociedade em rede.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MERIDIANO DE REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 UMA TESSITURA CONTEMPORÂNEA: A SOCIEDADE EM REDE.....	17
2.1.1 A virtualidade em rede.....	20
2.1.2 Os nós da rede.....	29
2.1.3 Espaço de fluxos	33
2.1.4 Relação tempo/espaço	37
2.1.5 Mobilidade e descentralização	49
2.1.5.1 Tecnologias móveis	49
2.1.5.2 Descentralização	54
2.1.6 Ambientes informacionais:mídias locativas como <i>feedback</i> do sistema	58
2.2 PERSPECTIVA SISTÊMICA E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	64
2.2.1 Segundo Niklas Luhmann.....	64
2.2.2 Segundo Mauro Wolf	73
2.2.3 Critérios de noticiabilidade desde a consonância entre os autores... 80	
3 TRATADO CIENTÍFICO	83
3.1 TRATADO CIENTÍFICO DO ESTUDO.....	89
4 RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO	94
4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO	100
4.1.1 Perspectiva Sistêmica e Critérios de Noticiabilidade.....	100
4.1.2 Zero Hora em contexto de sociedade em rede.....	113
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	124
BIBLIOGRAFIA	126
APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista	129
ANEXO A - Roteiro da Entrevista	131

1 INTRODUÇÃO

Para a construção desta dissertação, estabelecer-se-á um eixo, uma espinha dorsal, sob a qual se desenha um cenário social dos tempos que decorrem. As sociedades sempre se articularam em rede (CASTELLS, 2000), não diferentemente o cenário contemporâneo que identificamos e estabelecemos como contexto ao presente estudo. Na referida textura contemporânea, a rede será apropriada como sendo sinônimo de Internet, bem como, característica preponderante da sociedade em rede.

Motivados em compreender se a lógica de fluxo de notícias da sociedade em rede exerce influência sobre o modo de operação do jornal impresso e conseqüentemente sobre os critérios de noticiabilidade, define-se o objeto de estudo desta dissertação. Critérios de noticiabilidade: uma releitura frente à nova relação espaço-temporal da sociedade em rede. Tratando-se de uma investigação científica, a saber, se os critérios de noticiabilidade postulados em teoria (WOLF, 2005; LUHMANN, 2005) permanecem os mesmos, se sofrem modificações quando em contexto de sociedade em rede.

Os critérios de noticiabilidade compõem a essência do jornalismo, sendo por meio destes que são tomadas as decisões de quais notícias são publicadas. A teoria que contempla os critérios de noticiabilidade foi estabelecida sob uma lógica particular, em outra ordem espaço-temporal da sociedade. O jornal impresso organizado por repórteres e editores é um sistema que se estabelece em função de critérios de noticiabilidade, sendo uma constante em seu funcionamento.

O contexto no qual analisamos o editor de jornal impresso depara-se com uma nova realidade espaço-temporal ocasionada pela Internet, distinto da concepção dos critérios de noticiabilidade instituídos teoricamente. Recorreremos à teorização de David Harvey sobre a relação tempo/espaço:

[...] podemos afirmar que as concepções de tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem a reprodução da vida social (...) a objetividade do tempo e do espaço advém, (...) de práticas materiais de reprodução social: e, na medida em que estas podem variar geograficamente e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferencialmente. Em suma, cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e espaço (HARVEY, 2002, p. 189).

O que nos revela tais considerações de Harvey (2002), que também podemos facilmente relacionar ao estudo, é perceber o jornal impresso como uma forma de prender o tempo ao espaço. Quando impresso, o fluxo informacional deixa de ser tempo corrente e passageiro e passa a ser imutável, eterno, mesmo sabendo que as informações podem ser modificadas no dia seguinte – acompanhando o tempo, e em concordância a lógica de atualização do jornal impresso.

A proposição de Castells (2000) que aduzimos ao presente estudo concebe a existência de um novo espaço – de fluxos. Este espaço permite que as informações permaneçam espaciais por tempos diversos, visto que uma informação pode ou não estar à disposição no tempo futuro. A lógica de fluxos da rede é mais temporal do que espacial, atualizando-se em consonância ao tempo em que decorre. Essa proposição incita uma nova ordem de tempo e espaço, característico da virtualidade da rede: o tempo intemporal. Esta apreciação nos é válida para demonstrar a velocidade com que as informações são disponibilizadas em perspectiva de rede:

O tempo intemporal pertence ao espaço de fluxos, ao passo que a disciplina tempo, o tempo biológico e a sequência socialmente determinada caracterizam os lugares em todo o mundo, estruturando e desestruturando materialmente nossas sociedades segmentadas. O espaço modela o tempo em nossa sociedade, assim invertendo uma tendência histórica: fluxos induzem tempo intemporal, lugares estão presos ao tempo (CASTELLS, 2003, p. 489) (grifo do autor).

Tanto a sociedade em rede como as informações articulam-se virtualmente, em panorama de fluxos. Damos anuência a Pierre Lévy (1999) ao desmitificar o senso comum de que o virtual é antagônico ao real. A partir da

concepção deste autor, as notícias em rede assumem característica de atualização constante, sendo o atual sinônimo do virtual:

O virtual pressupõe a concepção metafísica da substância, isto é, haveria coisas materiais (tangíveis) e imateriais (intangíveis). Atentando-se a diferenciação entre virtual e desmatéria: isto é, o conhecimento e a informação, por exemplo, não são “imateriais, no sentido apontado por intangível, e sim desterritorializados; longe de estarem exclusivamente presos a um suporte privilegiado eles podem viajar. Mas informação e conhecimento tampouco são imateriais. (LÉVY, 1999, p. 56).

A sociedade em rede virtualmente articulada em perspectiva de um espaço de fluxos alvitra que olhemos para um amplo contexto de acesso as informações. Essas inúmeras formas de acesso caracterizam a sociedade em rede, sendo indicadores de uma transformação social e de uma nova lógica corrente. Sendo estes indicadores – as tecnologias móveis, ferramenta de descentralização (PARAGUAI, 2008; MANOVICH, 2005) das notícias e possível influência sobre os critérios de noticiabilidade utilizados pelos editores do jornal impresso. Essas tecnologias de conectividade móvel e locativa permitem que as notícias jornalísticas estejam permanentemente disponíveis. As notícias assumem a instantaneidade da rede, rompendo a lógica do tempo de atualização do jornal impresso.

Para esta dissertação associamos o estudo de Niklas Luhmann (2005) sobre sistemas. Esta particular associação viabiliza e baliza nossa compreensão acerca do funcionamento da redação do jornal impresso em perspectiva sistêmica. A ideia dos sistemas sugere seu funcionamento a partir de auto-referência e heterorreferência, bem como, apresentando dois lados: dentro e fora. Concebendo a redação em funcionamento sistêmico capacita posicioná-lo e analisá-lo dentro do largo contexto de sociedade em rede, como fator transformador de sua lógica, especificamente sobre os critérios de noticiabilidade.

Não temos intuito em estabelecer uma comparação entre mídias, isto é, entre o jornal impresso e a Internet. Nesse sentido, Luhmann nos faz perceber

que a atividade dos meios de comunicação está para além do modo simplesmente operacional.

As influências externas do sistema são heterorreferenciais, oriundas da soma das características da sociedade em rede. As influências auto-referenciais são características do próprio sistema, como os critérios de noticiabilidade. Sendo desses dois modos que se constitui o sistema que analisamos. Atento ao fato de que os critérios de noticiabilidade são a essência desse sistema, característica de auto-referencialidade.

Buscou-se em Niklas Luhmann (2005) e Mauro Wolf (2005) a concepção teórica dos critérios de noticiabilidade. Esses são utilizados pelos editores de forma objetiva e subjetiva, como referência para a decisão de publicação de notícias. A teoria estabelece critérios de noticiabilidade concebidos especificamente à lógica do jornal impresso e frente a um período que não o de sociedade em rede, isto é, anterior a lógica de fluxos percebida neste trabalho.

Para alcançar o objetivo da presente dissertação, se faz necessário seguir um tratado científico baseado em Laurence Bardin (2005). A metodologia adaptada ao estudo sugere uma observação do sistema e entrevistas com os editores-chefe do jornal impresso selecionado. O primeiro passo trata da observação *in locus* das reuniões de pauta da redação de Zero Hora, nas quais todos os editores se fazem presentes e quando discutem sobre pautas e matérias a serem publicadas no dia seguinte. A observação viabiliza a compreensão sistêmica da redação. O segundo passo do tratado refere-se a entrevistas em profundidade realizadas individualmente a cada editor, totalizando sete. As questões estabelecidas têm por propósito suscitar os critérios de noticiabilidade por eles utilizados.

Os efeitos dessa investigação viabilizam a identificação e releitura dos critérios de noticiabilidade frente à nova relação tempo-espacial da sociedade em rede.

Para tanto se define meridianos teóricos a serem precisamente seguidos, sendo que o segundo capítulo de orientação bibliográfica intitula-se “Uma

tessitura contemporânea: a sociedade em rede”. Sob tal angulação apresentamos um amplo contexto percebido da sociedade contemporânea, e dentro da perspectiva de rede que posicionamos o objeto de estudo desta dissertação. Em lógica teórica, desdobra-se sobre “A perspectiva sistêmica e critérios de noticiabilidade”, expondo os princípios que subsidiam a compreensão sistemática do jornal impresso, bem como, alicerçar teoricamente os critérios de noticiabilidade estudados. Seguindo a base bibliográfica está o terceiro capítulo, no qual se manifesta um “Tratado científico”, a metodologia utilizada para alcance dos resultados esperados, estes evidenciados no quarto e último capítulo desta dissertação.

2 MERIDIANO DE REFERENCIAL TEÓRICO

Neste primeiro capítulo de abordagem teórica trataremos a sociedade contemporânea em perspectiva de rede. Em marcos teóricos a sociedade em rede se estabelece a partir de um espaço de fluxos, por meio do qual as informações articulam-se. É neste contexto que posicionamos o jornal impresso em perspectiva sistêmica e os critérios de noticiabilidade postulados em teoria. Esta contextualização nos permite compreender a virtualidade inerente à rede, a mobilidade tecnológica e a descentralização do fluxo de notícias como fator característico dessa sociedade. Todos estes componentes somam-se ao cenário contemporâneo percebido, a partir do qual marcamos nosso estudo de releitura dos critérios de noticiabilidade.

2.1 UMA TESSITURA CONTEMPORÂNEA: A SOCIEDADE EM REDE

Refletindo o tempo da sociedade em rede, Manuel Castells (2000) propõe uma paradoxal perspectiva: o tempo intemporal. O autor considera que o tempo vem sendo transformado sob o paradigma da tecnologia da informação, a partir da criação do espaço de fluxos. Sob uma profunda análise da sociedade contemporânea, este autor percebe um novo sistema temporal caudado na inerente interação com as tecnologias da informação.

O referido autor nos servirá de guia à compreensão desse tempo não-linear, reversível, não-mensurável e imprevisível. Sobre esse movimento, Castells (2000, p. 460) aponta como sendo de "... extraordinária importância histórica". O que buscamos evidenciar é um novo panorama social de temporalidade renovada, oriunda da ubíqua presença da rede, percebida pelo autor. A seguinte descrição de Castells configura nossa compreensão sobre o novo tempo que se apresenta na sociedade em rede:

A transformação é mais profunda: é a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno (CASTELLS, 2000, p. 460).

A perspectiva que o autor sugere é bastante contundente, podendo ser percebida no nosso dia a dia, visto que a sociedade em rede baseia-se, cada vez mais, em transações de múltiplas ordens por meio da Internet. Castells (2000) constata que, na estrutura da sociedade em rede, facilitada pelas tecnologias de informação, a fuga da cultura do relógio e a libertação do capital passam a ser articulados em um espaço de fluxos de um tempo mais veloz que o do plano não-virtual. Ele considera o tempo intemporal como a nova relação de contradição social. Se analisado em termos literais, sugere ausência de sentido. No entanto, contextualizado, verifica-se de plena lógica.

Partindo das inferências do autor em relação ao tempo e ao capital, aproximando de nosso estudo, do mesmo modo que o fluxo financeiro perdeu suas barreiras, no momento em que se deu em redes virtuais, as informações, de um modo abrangente (jornalísticas ou não), foram suplantadas a essa nova ordem temporal. As notícias jornalísticas – locais ou globais –, quando em rede, assumem características do meio pelo qual estão sendo carregadas. São muitos os ritmos (temporais) que se articulam concomitantemente em uma sociedade. A construção do pensamento de Castells (2000) nos leva a ver que a sociedade, em um determinado momento de sua evolução, baseava-se na lógica da natureza e hoje se apresenta sob a lógica da tecnologia, predominantemente. Porém, uma não exclui a presença da outra, havendo uma alternância constante dessas lógicas sociais:

Parece que todos os seres humanos, inclusive nós, são relógios biológicos. Ritmos biológicos, sejam individuais, relacionados às espécies, ou mesmo cósmicos, são essenciais na vida humana. As pessoas e a sociedade os ignoram por sua conta e risco. Há séculos construiu-se o ritmo humano em estreita relação com os ritmos da natureza, geralmente com pouco poder de barganha contra as forças naturais hostis. [...] Contudo, embora o princípio de vida sequencial tenha mudado de biossocial para sociobiológico, (havia na verdade, ainda há) um padrão de ciclo de vida que as sociedades desenvolvidas

tendem a seguir, e que os países em desenvolvimento tentam alcançar (CASTELLS, 2000, p. 472).

A ausência de sequencialidade, de linearidade, característico da sociedade em rede, possibilita-nos conceber uma nova condição de organização social, articulada na virtualidade da rede. Segundo Castells (2000, p. 472) "... as progressões organizacionais, tecnológicas e culturais da *nova sociedade emergente* estão modificando os ciclos de vida regular sem substituí-lo por uma sequência alternativa" (grifo nosso). Entendemos, com isso, que a virtualidade passou a ser mais um espaço social, sem estabelecer uma competição ou suplantando outras esferas sociais. Essas transformações sociais, decorrentes de um novo meio de interação, promovem um ciclo caracterizado pela ruptura do ritmo tradicional, período este anterior a Internet. A sociedade em rede, dada virtualmente, apresenta novos ritmos sociais, novas demandas, "... novo tipo de consumo, de relacionamento, gerenciamento de informação" (CASTELLS, 2000, p. 472).

A cultura da virtualidade real, identificada por Castells (2000), sugere uma simultaneidade e intemporalidade social. O autor coloca o computador em conexão como o fator preponderante na concepção de uma cultura virtual. Nesse sentido seu pensamento sobre a comunicação mediada por computador viabiliza um "... diálogo em tempo real, reunindo pessoas com os mesmos interesses em conversa interativa multilateral, por escrito". (CASTELLS, 2000, p. 486). Vale acrescentar que, atualmente, o "diálogo" mediado por computador transcende a escrita, somando-se áudio e voz.

Respostas adiadas pelo tempo podem ser superadas com facilidade, pois as novas tecnologias de comunicação oferecem um sentido de instantaneidade que conquista barreiras temporais, como ocorreu com o telefone, mas, agora, com maior flexibilidade, permitindo que as partes envolvidas na comunicação deixem passar alguns segundos ou minutos, para trazer outra informação e expandir a esfera de comunicação sem a pressão do telefone, não-adaptado a longos silêncios. (CASTELLS, 2000, p. 487).

A visão de Castells (2000) sobre a rede sugere um ambiente interligado por nós, de tempo síncrono e de horizonte aberto, ou seja, não sabemos onde

inicia ou termina, não apresentando uma sequencialidade. Diferentemente de outros veículos de comunicação e fluxo informacional, a multiplicidade de tempos que podem ser agregadas não se compara a outro meio, o qual estabelece uma organização de tempo não-sequencial e *pluritemporal*.

Se as enciclopédias organizaram o conhecimento humano por ordem alfabética, a mídia eletrônica fornece acesso à informação, expressão e percepção de acordo com os impulsos do consumidor ou decisões do produtor. Com isso, toda ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em sequências não temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização. (CASTELLS, 2000, p. 487).

2.1.1 A virtualidade em rede

Pierre Lévy (1999) dedica-se exaustivamente à compreensão da essência da virtualidade, desfazendo uma enganosa oposição entre real e virtual. O virtual, segundo o autor, é real, porém não material/tangibilizado. Em outras palavras, para Lévy, virtual é uma realidade potente, é uma realidade latente. Propondo opor ao virtual o atual: "... virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (...). A partir disso, compreende-se que o real seria da ordem do tempo e o virtual da ordem do terás" (LÉVY, 1999, p. 16). Daí a ideia de Lévy de que a virtualização pode ser vista como uma projeção não presente da realidade. Por essa lógica, o virtual é possível, só falta a existência.

Lévy (1999) explicita que a semente de um fruto nos é válida como analogia explicativa neste caso, com a qual esclarece sua ideia de realidade/virtualidade. Ao analisarmos uma semente nessas condições de perceber a complementaridade do real ao virtual, basta vê-la como um objeto real tangível, e o fruto (não presente) como a imagem virtual do real. O fruto ainda em semente é a realidade, porém a semente desenvolvida é a faceta da realidade potente, o virtual. Dessa forma, percebemos que toda a entidade, então, carrega consigo suas virtualidades. Não obstante, poderíamos considerar que a virtualidade consiste ser a alma das coisas, sendo parte complementar.

O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar tensão ou uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura (LÉVY, 1999).

Lévy percebe dois pontos convergentes em se tratando de virtualidade: o primeiro trata de uma compreensão da inteligência coletiva de modo renovado e o segundo, a construção de um conceito de objeto (enquanto suporte). De fato, tudo que é tangível carrega consigo, invariavelmente, suas virtualidades. “A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de entidade, um deslocamento do centro de gravidade” (LÉVY, 1999, p. 59). Ao perceber isso, o autor nos encaminha ao entendimento de que no virtual está a essência do real tangível. “O bem virtual coloca um problema, abre um campo de interpretação, de resolução ou de atualização, enquanto um envoltório de possibilidades presta-se apenas a uma realização exclusiva” (LÉVY, 1999, p. 59).

Nesses moldes teóricos apresentados por Lévy (1999, p. 20), “... a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade e cria um vazio motor”. A entender, se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, seria desrealizante. A virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade, implicando em uma importante modalidade característica de si, o desprendimento do aqui e do agora. O referido autor percebe que os elementos da virtualidade são nômades, dispersos, e a sua pertinência geográfica é decrescida. “A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais”. (LÉVY, 1999, p. 20). Tal consideração nos remete a uma relação genérica, a virtualização inerente à rede pode ser comparada ao intangível da ordem citada acima, como a imaginação. Além de fortificar a ideia de que “... a rede obrigatoriamente abandona a presença, e por ela navega uma realidade inatingivelmente latente” (LEVY, 1999, p. 20). Resumidamente, o autor está afirmando que o virtual é uma unidade de tempo sem uma unidade de lugar.

A sociedade em rede, sob essa perspectiva, assume uma cultura do “... eterno e do efêmero” (CASTELLS, 2000, p. 487) (grifo nosso). Sendo eterno por recuperar as sequências culturais passadas e futuras. E, efêmera, por depender de um contexto para a construção cultural. O autor diz que não estamos em uma sociedade de cultura circular, e sim “... em um universo de temporalidade não-diferenciada de expressões culturais” (CASTELLS, 2000, p. 487). Onde vemos cultura como sendo uma soma de características por ele percebidas da sociedade em rede. Neste caso, cultura como um modo de articulação social. A cultura do eterno/efêmero, como propõe Castells (2000), característico da nossa sociedade, apresenta uma mistura de códigos culturais, sem, necessariamente, ter sequência ou ordenação.

A nova velocidade da sociedade em rede se deve, segundo o autor, às novas tecnologias de comunicação, que promoveram uma profunda modificação social de diversas ordens. Entre elas, interação tecnológica, interação interpessoal, obtenção de informação etc. A decorrente consequência do uso dessas novas tecnologias de comunicação em âmbito social implica no rompimento de paradigmas sociais previamente estabelecidos, entre eles a relação espaço-temporal.

Os modelos seguidos pela sociedade, apontados por Castells (2000), são o econômico e o político, essencialmente, porém este autor acrescenta em seu estudo o modelo tecnológico. A organização social é dada por esses três fatores, sendo o da sociedade em rede o último mencionado.

Acho que devemos acrescentar algo mais: a especificidade das novas expressões culturais, sua liberdade ideológica e tecnológica de explorar o planeta e toda a história da humanidade e de integrar e misturar no supertexto qualquer sinal de qualquer lugar (...). O tempo eterno/efêmero da nova cultura adapta-se à lógica do capitalismo flexível e a dinâmica da sociedade em rede, mas acrescenta sua camada poderosa, instalando sonhos individuais e representações coletivas em um panorama mental atemporal (CASTELLS, 2000, p. 487).

A citação acima reforça as características de uma sociedade em rede, de ininterrupta conexão social e constante troca virtual. A proposição de Castells (2000) é de um tempo intemporal, como sendo a temporalidade dominante da

nossa atual sociedade. Essa quebra paradigmática, avaliada pelo autor, ocorre quando o tempo social pré-rede é confrontado com o atual contexto, estabelecendo-se uma “... descontinuidade aleatória na sequência. (...) A eliminação da sequência cria tempo não-diferenciado, o que equivale à eternidade” (CASTELLS, 2000, p. 489). As análises de Castells são fundamentadas com base em específicos exemplos substantivos acerca dessa caracterização temporal, dos quais menciona

[...] as transações realizadas em frações de segundos, empresas com jornada de trabalho flexível, tempo variável de serviço, indeterminação do ciclo de vida, busca da eternidade por intermédio da negação da morte, guerras instantâneas e cultura do tempo virtual (CASTELLS, 2000, p. 489).

Esses fenômenos são apontados pelo autor como características fundamentais da sociedade em rede, o que promoveria uma mistura dos tempos.

Não há, para Lévy uma única relação espaço/tempo; para cada existência há uma ordem espaço-temporal. Uma nova ferrovia que interliga duas cidades afeta diretamente a relação espaço-temporal, “... cria-se, portanto, uma situação em que vários sistemas de proximidades e vários espaços práticos coexistam” (LEVY, 1999, p. 22). Da mesma forma que Castells, Lévy considera que toda nova tecnologia de comunicação constrói, invariavelmente, novos ritmos e velocidades.

Por mais que a sociedade em rede necessite de aparatos e suportes tecnológicos para se estabelecer, a mobilidade e a portabilidade fortalecem essas tendências características de nossa sociedade. O novo tempo de nossa sociedade, o tempo intemporal, é reflexo da existência do espaço de fluxos. A partir do momento em que consideramos um espaço ausente de matéria, e mesmo assim podemos interagir, a sociedade passa por profundas modificações relacionadas ao tempo/espaço, entre tantas outras mudanças possíveis de serem analisadas.

Castells (2000) diz que esse novo espaço coloca a sociedade em um estado de efêmera eternidade, devido à simultaneidade dos eventos. A campanha publicitária do jornal *O Globo*, mostra a percepção de um veículo tradicional posicionando-se frente a esse novo fluxo:

Informação: se existe escrita, nós escrevemos; se existe online, nós atualizamos; se existe móvel, nós enviamos; se existe em vídeo, nós exibimos; se existe em áudio, nós tocamos; se existisse no microondas, nós a cozinharíamos; se existisse no ar, nós assopraríamos. Antigamente notícia esperava um jornal sair para ela acontecer, hoje notícia anda no tempo do próprio acontecimento. É aprofundada minutos depois, analisada imediatamente, por nos, pelo seu vizinho, por você, onde quer que você esteja. E de lá você sugere, opina, busca, corrige, edita, atualiza, faz. Você mesmo. Por isso um jornal tem que estar no papel, na tela, na sua mão. Tem que estar onde você quiser estar. Também tem que estar numa atitude, num envolvimento com a comunidade, no compromisso com a sociedade, na visão de um futuro. Tem que estar na cidade, no país, no planeta. *Online, ontime, fulltime*. O globo, muito além do jornal. (GLOBO, 2009).

Castells (2000) avalia que essa transformação da sociedade em rede vem promovendo novas estruturas em termos indivíduo-sociais. O autor identifica uma alteração na lógica de interesses sociais, que se opõe à sequência dos fenômenos.

O que deve ser retido da discussão, neste ponto, é a diferenciação conflituosa de tempo, entendida como o impacto de interesses sociais opostos sobre a sequência dos fenômenos. Essa diferenciação afeta, por um lado, a lógica contrastante entre a intemporalidade estruturada pelo espaço de fluxos e as múltiplas temporalidades subordinadas, associada ao espaço de lugares. Tais considerações mostram que o tempo social de ordem física não é o mesmo que ocorre no espaço de fluxos, inerente à sociedade em rede. Compreende-se que ambas as temporalidades se apresentam de forma distintas e, em primeira vista, excludentes. Porém, as tecnologias da informação já atingem um patamar em que ambas as temporalidades, tanto a terrena quanto a virtual, se unem, graças à portabilidade e à ubiqüidade midiática – a exemplo, Internet *wireless*, em que se pode, em um transporte público em locomoção, acessar a rede. Logo, os dois universos paralelos tangenciam-se.

Nosso intento não é abranger a sociedade em rede, estabelecendo complexos vieses, tais como o econômico e político. Tangenciam-se a ordem sociológica, não menos complexa, entretanto, de maior contribuição as intencionalidades deste estudo. Castells (2000), a quem recorremos e transcorro às suas obras com a finalidade de aclarar essa realidade atual, advinda das novas tecnologias de informação, baseia-se em compreender a sociedade a partir de como se estrutura financeiramente – os fluxos de capital financeiro, os quais são intrinsecamente virtuais e dependentes da rede, estabelecendo o que Castells chama de “Cassino Global”, sendo uma metarrede de fluxos financeiros. As sociedades sempre se articularam e se organizaram em redes e sob tal perspectiva nos apoiamos.

Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos – redes de fluxos. (...) A topologia definida por redes determina que a distância (ou intensidade e frequência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais frequente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede (CASTELLS, 2000, p. 498).

A nova morfologia social, a partir do viés das redes conectadas, só foi possível mediante o desenvolvimento das tecnologias de informação. No âmbito social, as redes transformam modelos existentes de “... *operação, experiência, poder e cultura*”. (CASTELLS, 2000, p. 497) (grifo nosso). Assim como existe o texto virtual, hipertexto, quando analisamos a geografia desenhada na rede, marcada pela ausência de um território denso e tangível de barreiras físicas, a hiperdistância seria um termo bastante adequado. Essa hiperdistância, que se refere ao território virtual da rede, mostra o quanto relativa e abstrata é essa geografia. Dentro dessa perspectiva não-linear de rotas, muitos indivíduos que as percorrem podem chegar a um mesmo ponto por diversos caminhos. Na rede não existe dentro e fora, esquerda ou direita, é um emaranhado de nós, onde não sabemos onde começa ou termina, nem, muitas vezes, sabe-se de onde partiu uma dada informação. Para Castells dentro da rede não há distância, nem mesmo entre esses nós, variando de um ponto ou posição “... entre zero (para

qualquer nó da mesma rede) e infinito (para qualquer ponto externo à rede)” (2000, p. 498):

Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico e suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralização; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas (...) para uma organização social que vise à suplantação do espaço e invalidação do tempo (CASTELLS, 2000, p. 498).

Se fosse possível perceber a rede como uma onda na linearidade do tempo e espaço, promover-se-ia, assim, um encurtamento e diminuição do tempo/espaço. Lévy (1999) diz ser característico da contemporaneidade a multiplicação de espaços. O espaço de fluxos de Castells poderia ser percebido como tal. O reflexo desses novos espaços torna a sociedade nômade, “... em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede e outra, de um sistema de proximidade ao seguinte” (LÉVY, 1999, p. 23).

A constatação acima mencionada nos leva a perceber que o primeiro grau de virtualização é o surgimento de novas velocidades. Sem aprofundarmos ao conceito, Lévy menciona o “*Efeito Moebius*”, a fim de caracterizar a virtualidade e suas características correlatas. Em virtude da desterritorialização ocasionada pela virtualidade, registra-se uma difusa relação sobre o “... privado e público, próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território” (LÉVY, 1999, p. 23). O ‘*Efeito Moebius*’ genericamente refere-se ao levar trabalho para casa, ou seja, desempenhar ações de ordens sociais independentemente do local físico que se esteja, o que só é possível quando atuando em rede. “Os limites não são mais dados. Os lugares e tempo se misturam. As fronteiras nítidas dão lugar a uma fractalização das repartições” (LÉVY, 1999, p. 25).

O que percebemos na contemporaneidade é uma convergência da evolução social atrelada às tecnologias da informação, interferindo de modo decisivo na estrutura da sociedade. A base tecnológica da sociedade em rede

redefine processos de diversas ordens, tais como: trocas sociais, informacional, relação com o tempo/espaço etc. Uma dessas redefinições, apontadas por Castells (2000), é em relação ao fluxo financeiro. Com a conectividade, essas trocas foram afetadas diretamente, assumindo a velocidade existente na rede. O autor tenta compreender a sociedade em rede a partir de sua organização financeira e de suas articulações de fluxo capitalista. Com base nas características da sociedade no âmbito financeiro e capitalista, vemos como a sociedade em rede se comporta.

A fusão de espaços acometida pela nova temporalidade da sociedade em rede nos leva a entender que as coisas apenas têm limites claros e definidos no plano real.

A mutualização dos recursos [tecnologia], das informações e das competências provoca claramente esse tipo de indecisão ou de indistinção ativa, esses circuitos de reversão entre exterioridade e interioridade (LÉVY, 1999).

Ou seja, uma fusão de espaços. Lévy (1999, p. 33) afirma ainda que “... o corpo sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novos espaços. Verte-se no exterior e reverte a exterioridade técnica ou a alteridade biológica em subjetividade concreta. Ao se virtualizar, o corpo se multiplica”.

Com elementos complementares, Lévy (1999) e Castells (2000) utilizam a economia como pano de fundo a uma análise acerca da desterritorialização ocasionada pela virtualidade. Lévy observa que o virtual é a essência do real, “... os bancos *online*, sistemas especialistas e outros instrumentos informáticos tornam cada vez mais transparentes a si mesmos os raciocínios do mercado” (LÉVY, 1999, p. 53). Ou seja, o virtual é o estrato característico do real. O autor diz que na essência, o capital é global, e o trabalho é local. Tal observação, relacionada a uma análise estritamente do fluxo econômico mundial, possibilita-nos uma coerente analogia. Estendendo as relações sociais em rede, o indivíduo dessa ordem é global. Entretanto, e ao mesmo tempo, é local. O que corrobora para com a ideia de que o tempo e as diferentes

temporalidades não são excludentes, e os indivíduos vivem paralelamente em ambas.

As redes convergem para uma metarrede de capital que integra os interesses capitalistas em âmbito global e por setores e esferas de atividades: não sem conflito, mas sob a mesma lógica abrangente. Os trabalhadores perdem sua identidade coletiva, tornam-se cada vez mais individualizados quanto a suas capacidades, condições de trabalho, interesses e projetos. Distinguir quem são os proprietários, quem são os produtores, quem são os administradores e quem são os empregados está ficando cada vez mais difícil em um sistema produtivo de geometria variável, trabalho em equipe, atuações em rede (CASTELLS, 2000, p. 502).

Da mesma forma, podemos extrair dessa faceta analítica (relacionada aos fluxos financeiros) um viés de cunho sociológico. Isto é, com base na análise realizada por Castells (2000), pode-se aproximá-la aos termos da sociedade e sua formação em rede. Os processos de transformação social, sintetizados no tipo ideal de sociedade em rede, ultrapassam a esfera das relações sociais e técnicas de produção e afetam a cultura e o poder de forma expressiva. As bases significativas da sociedade, espaço e tempo estão sendo transformadas, pois são organizadas em torno do espaço de fluxos e do tempo intemporal. Castells (2000) refere-se ao tempo intemporal como a negação do tempo, porém, se esse tempo é característico do espaço de fluxos virtual, e vimos que a virtualidade em Lévy (1999) é dada mais no tempo que no espaço, devemos atentar a essa concepção. A virtualidade implica em ausência de espaço matérico, assumindo um espaço de fluxos, do tempo e para o tempo. O tempo intemporal seria a subjetividade do tempo, no qual horas parecem segundos, e o presente, passado e futuro se apresentariam ao mesmo tempo.

Próximo a Castells (2000), que compreende a existência de um espaço de fluxos, Lévy (1999, p. 55), de certa forma, percebe-as quando constata que:

O saber prendia-se ao fundamento, hoje se mostra como figura imóvel. Tendia para contemplação, para o imutável, ei-lo agora transportado em fluxo, alimentando as operações eficazes, ele próprio operação... não é mais apenas uma casta de especialistas mas a grande massa das pessoas que são levadas a aprender, transmitir e produzir conhecimentos de maneira cooperativa em sua atividade cotidiana (LÉVY 1999, p. 55).

O que para muitos autores é chamado de comunidades virtuais, Castells (2000) vê essas novas construções sociais como uma *metarrede* - consiste na existência de uma rede dentro da rede, ou seja, a organização social na rede virtual dentro da rede social como um todo. A possibilidade de envolvimento e pertença em um ambiente onde tempo e espaço são apresentados de forma diferenciada da tradicional, *offline*, ignora:

(...) as funções não essenciais, os grupos sociais subordinados e os territórios desvalorizados [não considerando que] as pessoas, locais e atividades desapareçam. Mas seu sentido estrutural deixa de existir, incluído na lógica invisível da metarrede em que se produz valor, criam-se códigos culturais e decide o poder (CASTELLS, 2000, p. 504).

Sob a ótica desse autor, a metarrede apresenta uma colateralidade referente à distância entre a metarrede e as demais pessoas, atividades e locais do mundo. Considerando a existência de uma *metadesordem*, ocasionada pela aleatoriedade e automaticidade dos eventos, oriundas da lógica temporal da rede e da “... lógica incontrolável dos mercados, tecnologia, ordem geográfica ou determinação biológica” (CASTELLS, 2000, p. 504), os autores de referência – Castells (2000) e Lévy (1999) –, mais uma vez dividem um pensamento complementar. Castells percebe que a sociedade em rede representa uma transformação qualitativa da experiência humana e Lévy percebe que, na virtualidade, está toda a essência da realidade tangível. Por isso é que a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social.

2.1.2 Os nós da rede

Estabelecemos Castells (2004) como ponto de referência para permearmos no universo da rede e nós. Atentemo-nos para o fato de que a sociedade em geral transforma as tecnologias, apropriando-se delas, modificando-as e experimentando-as, não diferentemente ocorre com a Internet,

uma tecnologia da comunicação que vem sendo explorada de forma extensiva e diversificada. A premissa de Castells (2004) é de que a comunicação é o que determina a especificidade biológica da espécie humana. Como a atividade humana é baseada na comunicação por meio de trocas sociais, com a Internet há uma profunda alteração na forma de a humanidade se comunicar, agir, pensar e se organizar espaço-temporalmente: “A Internet não é uma utopia, nem uma distopia, é um meio em que nos expressamos – através de um código de comunicação específico que devemos compreender sem pretendermos mudar a nossa realidade” (CASTELLS, 2004, p. 21).

A sociabilização humana sempre se deu em redes, sejam elas tecnologicamente articuladas ou não. De um modo geral, percebemos que as sociedades se desenvolvem a partir de nós, conexões, como define Castells (2004). A sociedade em rede remete-nos à inerente condição tecnológica, ou seja, configurada sob o prisma da conectividade tecnológica. As redes são formas muito antigas da atividade humana, mas, contemporaneamente, essas redes ganharam nova vida ao converterem-se em redes de informação, impulsionada pela Internet: “As redes têm enormes vantagens como ferramentas organizativas, graças a sua flexibilidade e adaptabilidade, características fundamentais para sobreviver e prosperar num contexto de mudanças permanentes” (CASTELLS, 2004, p. 15).

Atribuem-se diversas mudanças sociais como reflexo da conectividade, resultando uma combinação sem precedentes, de flexibilidade e eficácia na realização de tarefas, tomada de decisões coordenadas e execução descentralizada, de expressão individualizada e comunicação global e horizontal. Castells (2004) percebe a horizontalidade como um fator característico da sociedade em rede quando analisa sob a perspectiva de rede, literalmente referida. Quando se aplica um meta-olhar sobre a rede de conectividade social, percebemos uma trama de nós, sobre os quais não sabemos onde inicia e onde termina; “... o que permite o desenvolvimento de uma forma organizacional superior da atividade humana” (CASTELLS, 2004, p. 16).

Quando mencionamos que as sociedades sempre se articularam em redes, de uma forma ou outra, Castells considera que houve, desde 1975, três processos independentes que formularam uma nova estrutura social, baseada predominantemente em redes:

A Internet, uma obscura tecnologia que tinha pouca aplicação para além do mundo exclusivo dos cientistas da informática, dos hackers e das comunidades contraculturais, tornou-se a alavanca de transição para uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede (CASTELLS, 2004, p. 16).

Castells (2004), sutilmente nos leva a perceber a autonomia da rede enquanto sistema, considerando que a influência da Internet transcende o número de pessoas que a utilizam, interessando, sim, a qualidade dessa utilização. Notavelmente as principais atividades econômicas, políticas e culturais se modularam e estruturam por meio da Internet. E, nos dias que decorrem, a exclusão dessas redes é "... uma das formas mais graves que se pode sofrer na nossa [atual] economia e cultura" (CASTELLS, 2004, p. 17).

Os sistemas tecnológicos produzem-se socialmente, e a produção social é determinada pela cultura. A Internet não constitui uma exceção à regra. A cultura dos produtores de Internet deu forma a este meio. Castells (2004), estudando a cultura da Internet, diz muito sobre o modo como a sociedade em rede se articula. Aplicando os conceitos produtores/utilizadores, aqueles que realimentam o sistema (a criação e configuração da Internet), e os consumidores/utilizadores. A cultura da Internet é a cultura dos seus criadores. Por cultura, entendemos um conjunto de crenças e valores que formam o comportamento.

A Internet é uma rede construída coletivamente, transcendendo as preferências individuais. As pessoas que utilizam a rede em seu cotidiano são influenciadas por ela, por pertencerem à cultura da Internet. Castells (2004) caracteriza a formação da cultura da Internet sob quatro estratos sobrepostos, que são: a cultura tecnomeritocrática, cultura *hacker*, cultura comunitária virtual e cultura empreendedora. Mencionamos, porém não desdobramos sobre tais conceitos por não serem relevantes neste estudo. "A rede interpreta a censura

como um obstáculo técnico e torneia-o” (RHEINGOLD, 1993 *apud* CASTELLS, 2004, p. 76).

Esta liberdade de expressão de muitos para muitos é algo que os utilizadores da rede têm definido desde as primeiras etapas da comunicação online, e converteu-se num dos valores gerias da Internet. O segundo valor partilhado, surgido das comunidades virtuais, é aquilo que eu chamo conectividade autodirigida, ou seja, a capacidade de qualquer pessoa para encontrar o seu próprio destino na rede, e se não encontrar, para criar e publicar a sua própria informação, suscitando assim a criação de uma nova rede (CASTELLS, 2004, p. 76).

Analisamos a Internet como um meio de comunicação de características horizontais e, como considera Castells (2004), uma nova manifestação da liberdade de expressão e um instrumento para a organização pessoal, a ação coletiva e a construção de sentido. Apropriamo-nos à construção de sentido e aproximamos ao estudo, no qual a Internet promove uma nova relação espaço-temporal. Um novo sentido característico da sociedade em rede, a intemporalidade do tempo em rede (Internet) e ausência do espaço mensurável.

A mídia está em constante transformação, diante de constantes novas configurações tanto técnicas como de linguagem. Acercando-se da esfera das técnicas, Castells (2004) propõe o trocadilho *glocal* como forma de expressar uma característica da Internet. O *glocal* é a possibilidade de transmitir informações para o global e o local ao mesmo tempo. A Internet é um meio de comunicação que apresenta linguagem e técnica próprias. Não obstante, percebemos que não está circunscrita a uma área específica da expressão cultural. Assim como Lévy (1999), Castells percebe que a Internet proporciona uma comunicação de inclusão social, não se dando de forma isolada, em um “mundo imaginário”:

Se quer saber o que se passou na cidade a partir do outro extremo do mundo, só a Internet pode proporcionar-lhe essa informação, tanto em formato de texto (jornais locais) como em formato de áudio (emissoras de rádios locais). Portanto, a liberdade para ultrapassar a cultura global em busca da identidade local própria é possível graças a Internet, uma rede global de comunicação local (CASTELLS, 2004, p. 233).

Os estudos de Lévy (1999) e Castells (2004) parece conversarem entre si, estabelecendo um laço teórico entre ambos. Para os dois autores, a cultura

da virtualidade – inerente à Internet – é real, sabendo que é virtual por constituir a realidade sob moldes e processos virtuais de comunicação de base eletrônica. É fundamentalmente da ordem do real, e não imaginária, para a qual se utiliza de uma base material para se construir um sistema de representações, estabelecer relacionamentos, obter informação, trabalhar.

A virtualidade não se opõe à realidade, sendo o virtual o real intangível. Na virtualidade, a realidade assume outra velocidade, uma nova relação espaço-temporal. “Essa virtualidade é a nossa realidade. Isto é o que caracteriza a era da informação [nossa nova sociedade]: é principalmente através da virtualidade que processamos a nossa criação de significado” (CASTELLS, 2004, p. 240). O que reafirma a ideia de que a lógica virtual das redes implica em alteração de ordem social, principalmente a relação tempo/espaço.

2.1.3 Espaço de fluxos

Com as fronteiras porosas, a era da Internet e das novas tecnologias de informação, a geografia já sofre alterações, pois a lógica da Internet possui uma geografia própria, em rede e interligada por nós. Nesse sentido, além de uma estrutura virtual, inclusive sob uma estrutura arquitetônica, a rede é a unidade desse novo espaço, muitas dessas unidades constituem fontes de significado.

A universalidade da linguagem digital e a lógica pura do sistema de comunicação em rede criaram a condições tecnológicas para a comunicação horizontal global. Ademais, a arquitetura dessa tecnologia de rede é tal, que sua censura ou controle se torna muito difíceis. O único modo de controlar a rede é não fazer parte dela. (CASTELLS, 2000, p. 375).

Apropriamo-nos, nesse sentido, do conceito de espaço de fluxos apresentado por Castells, por ser uma nova forma de espaço, característico da era da informação – da sociedade em rede. Tal conceito não pode ser visto como deslocalizado, até porque “... estabelece ligações entre locais mediante

redes informáticas telecomunicadas e sistemas de transporte informatizados” (CASTELLS, 2004, p. 245). Há, com isso, uma redefinição de distância, mesmo que não suprima a geografia, e “... dos processos simultâneos de concentração espacial, descentralização e ligação, continuamente reelaborados pela geometria variável dos fluxos globais de informação, surgem novas configurações territoriais” (CASTELLS, 2004, p. 245).

Para Castells (2004), as dimensões geográficas da Internet são três: geografia técnica, distribuição espacial dos seus utilizadores e geografia econômica de produção da Internet. A perspectiva de rede possibilita a percepção dos nós como uma trama de rotas possíveis para navegação, estando todos ligados entre si. O modelo espacial de utilização da Internet é de fragmentação geográfica, estabelecendo-se de acordo com a riqueza, a tecnologia e o poder. Tais observações de Castells são feitas sob a perspectiva econômica de cada região, mostrando que a desigualdade tecnológica e de acesso à Internet promove desigualdade de ordem econômica:

A geração de conhecimento e o processamento da informação são fontes de valor e poder na era da Informação. Ambos dependem da inovação e da capacidade para difundir em redes que induzem sinergias mediante o intercâmbio de informação e conhecimento (CASTELLS, 2004, p. 265).

Para Castells a Internet apresenta uma geometria reticular de mobilidade, sem apresentar uma centralidade e a ausência da centralidade, característica das redes metropolitanas, promovendo o surgimento de uma “... mobilidade metropolitana multimodal” (CASTELLS, 2004, p. 270). Para ele, o tempo e o espaço estão sendo transformados devido ao novo paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais influenciados pelo atual processo de transformação histórica. O referido autor sugere uma teoria social de espaços e a teoria do espaço de fluxos, sendo esta última sugestão a que elegemos para contextualizar a lógica das notícias em perspectiva de sociedade em rede. A finalidade da análise de Castells (2000, p. 435) é apontar uma nova lógica que fundamenta essas novas formas e processos; nesse sentido, o autor aborda que “... espaço é a expressão da sociedade”. Uma vez que nossas

sociedades estão passando por transformações estruturais, é razoável sugerir que atualmente estão surgindo novas formas e processos espaciais.

Castells (2000, 2004) e Harvey (2002) (autor que apresentaremos adiante) compartilham de uma máxima, na qual definem que, em teoria social, espaço não pode ser definido sem referência às práticas sociais, opostamente ao estudo da Física, que percebe que não há espaço sem a dinâmica da materialidade. Isso evidencia que espaço não se refere, necessariamente, a algo tangível, palpável, e que, nessa perspectiva, a rede virtual é um espaço, porém, também, de fluxos.

Para compreender o espaço de fluxos, parte-se, neste estudo, do ponto de vista da teoria social, na qual espaço é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado, referindo-se ao fato de que o espaço reúne essas práticas que são simultâneas do tempo. Neste caso, Castells (2000, p. 436) avalia que o suporte material dos processos sociais vem a ser o “... conjunto de elementos que sustentam esses fluxos e propiciam a possibilidade material de sua articulação em tempo simultâneo”.

Com base no contexto da existência de uma nova forma espacial, característico da sociedade em rede, que Castells (2000) propõe o espaço de fluxos, no qual novas práticas sociais que moldam a sociedade em rede são percebidas. O autor define por fluxos “... as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, política e simbólica da sociedade” (CASTELLS, 2000, p. 436).

A descrição desse espaço pode ser dada pela combinação de, pelo menos, três camadas de suportes materiais. Segundo Castells (2000), a primeira delas é o circuito de impulsos eletrônicos, sistemas de transmissão e transporte em alta velocidade; consiste na base material dos processos da sociedade em rede. O autor compara essa forma espacial com o que na sociedade industrial seria uma “cidade” ou uma “região”:

Nessa rede, nenhum lugar existe por si mesmo, já que as posições são definidas por fluxos. Consequentemente, a rede de comunicação é a configuração espacial fundamental: os lugares não desaparecem, mas sua lógica e seu significado são absorvidos na rede (CASTELLS, 2000, p. 437).

De acordo com a análise de Castells (2000), o espaço de fluxos não é desprovido de lugar (material), porém sua estrutura lógica é. A segunda camada do espaço de fluxos é constituída por nós e centros de comunicação. Esses nós são parte constituinte de uma rede eletrônica, porém é conectada em lugares específicos, de características "... sociais, culturais, físicas e funcionais bem definidas". (CASTELLS, 2000, p. 437). A terceira camada refere-se à "... organização espacial das elites gerenciais dominantes (e não das classes) que exercem as funções direcionais em torno das quais esse espaço é articulado" (CASTELLS, 2000, p. 439). Castells tenta evidenciar, com esta terceira camada, a existência de uma assimetria social, que varia de acordo com os interesses dominantes específicos a cada estrutura social:

O espaço de fluxos não é a única lógica espacial em nossas sociedades. É, contudo, a lógica espacial dominante porque é a lógica espacial dos interesses/funções dominantes em nossa sociedade. Mas essa dominação não é apenas estrutural. (...) Em resumo: as sociedades são cosmopolitas, as pessoas são locais (CASTELLS, 2000, p. 437).

Castells (2000) propõe as seguintes hipóteses: o espaço de fluxos é organizado em microrredes pessoais que projetam seus interesses em microrredes funcionais a todo conjunto global de interações no espaço de fluxos; e o surgimento do espaço de fluxos está misturando as relações significativas entre a arquitetura e a sociedade:

Dessa forma, os nós do espaço de fluxos incluem espaços residenciais e de lazer que, juntamente com a localização das redes das empresas e seus serviços auxiliares, tendem a agrupar funções dominantes em espaços cuidadosamente segregados, com fácil acesso aos complexos cosmopolitas da arte, cultura e entretenimento (CASTELLS, 2000, p. 441).

Sob a perspectiva da sociedade em rede, proposta por Castells (2000), em uma extrema versão do pós-modernismo de Harvey (2002), os indivíduos não pertencem a nenhum lugar, a nenhuma cultura, havendo uma ruptura de códigos culturais. “Sem dúvida, a liberação dos códigos culturais esconde a fuga das sociedades historicamente enraizadas” (CASTELLS, 2000, p. 444). A partir do momento em que se entende a sociedade articulando-se em rede, todos pertencem a um lugar comum, mesmo que atuando de locais geográficos distintos.

2.1.4 Relação tempo/espço

David Harvey (2002) leva seu olhar ao final da década de 1940, a fim de analisar as transformações do tempo e do espaço na esfera social. O autor atribui a modificação pós-moderna a uma crise de experiência espaço-temporal, referindo-se às velozes mutações sobre as quais não se consegue acompanhar. O mesmo pode-se atribuir à sociedade em rede, no sentido de que podemos contemplar a rede de forma holística, porém não o suficiente para compreender definitivamente todas as suas nuances e implicações.

Acreditamos ser pertinente e imprescindível permear por esse assunto, por fortificar a ideia da ausência de espaço tangível (espaço virtual), o qual implica em uma nova temporalidade social. Assim como Castells (2000), Harvey (2002) também explica as alterações de ordem espaço-temporal estabelecendo, como pano de fundo, a economia, a política e a arquitetura urbana. Como nosso interesse não consiste em tais viéses de compreensão, extraímos, desses estudos, a substância teórica, que é pertinente: compreender como a relação espaço-temporal se articula na sociedade em rede.

O espaço e tempo são categorias de ordem básica da existência humana e inerentes à constituição das sociedades. Harvey (2003) percebe que, raramente, se discute o seu sentido profundo, havendo a tendência de atribuí-los a partir do senso comum ou auto-evidências, concebendo tudo como se

tivesse um lugar específico, em uma única escala temporal objetiva, registrando a passagem do tempo em segundos, horas, dias, meses, anos, décadas, séculos e eras.

Embora o tempo na física seja um conceito difícil e objeto de contendas, não costumamos deixar que isso interfira no nosso sentido comum do tempo, em torno do qual organizamos rotinas diárias. Reconhecemos, é verdade, que os nossos processos e percepções mentais podem nos pregar peças, fazer segundos parecerem anos-luz ou horas agradáveis passarem com tanta rapidez que mal nos damos conta. Também podemos aprender a apreciar o fato de diferentes sociedades (ou mesmo diferentes subgrupos) cultivarem sentidos bem distintos (HARVEY, 2002, p. 187).

O tempo sobre o qual falamos é o tempo cronológico do relógio social, objetivo e distante do seu teor abstrato. Mesmo que a cronologia temporal-social contenha esse teor imagético referido por Harvey (2002), o tempo que conta as horas é único e igualitário a todos os indivíduos que partilham de um marcador em comum. Porém, na sociedade em rede, percebemos e consideramos o tempo intemporal característico da Internet, observado por Castells (2000).

A lógica espaço-temporal da sociedade *online* é diversa da anterior a Internet. A velocidade possível da rede é infinitamente maior do que quando necessário da matéria para uma determinada ação. A popularização da Internet se apresentou de modo tão exponencial que as pessoas passaram a utilizá-la sem intuir o que de fato ela é. A apropriação social das características da Internet torna-se cada vez mais visível, a exemplo da necessidade da velocidade e instantaneidade de troca informacional. No momento em que uma sociedade passa a se articular em um ambiente desprovido de matéria e de geografia, a distância também deixa de ser reconhecida como um problema. Percebemos, com isso, a não exigência atômica para a troca social e informacional.

São muitos os tempos percebidos na sociedade moderna, daqueles movimentos cíclicos, como rituais sazonais, aos repetitivos, como o período de férias. Os distintos sentidos de tempo se entrecruzam constantemente e, segundo Harvey (2002, p. 189), "... oferecem uma sensação de segurança num

mundo em que o impulso geral do progresso passa ser sempre para frente e para o alto – na direção do firmamento do desconhecido”.

Da mesma forma, o espaço é naturalizado devido às atribuições dos sentidos cotidianos da sociedade. O reconhecimento de um espaço se dá pelo hábito da vivência desse território. Em determinados aspectos, Harvey percebe o espaço como sendo mais complexo que o tempo, apresentando características como direção, área, forma, padrão, volume e distância. Analisando por esses atributos tangíveis, o espaço pode ser medido e, portanto, apreendido. Sob esta ótica, a Internet, e seu espaço virtual, seria de impossível mensuração. Percebemos, é verdade, que há também a experiência subjetiva em relação ao espaço, a esfera da percepção, “... de imaginação, de ficção e de fantasia que produzem espaços e mapas mentais como miragens da coisa supostamente ‘real’” (HARVEY, 2002, p. 189). O espaço de fluxos, defendido por Castells (2000), aproxima-se do sentido espacial apresentado por Harvey (2002): a rede é mais tempo do que espaço sob este prisma.

São muitos os conceitos sobre espaço, abstratos e objetivos, Harvey (2002, p. 189) exemplifica os espaços abstratos como os “... mundos espaciais de crianças, de doentes mentais (...), de minorias oprimidas, de mulheres e homens de diferentes classes, de habitantes de zonas rurais e urbanas etc.”. Entretanto, pondera a existência de um significado amplo e objetivo do espaço que permeia tudo e a todos. Da mesma forma que considera que não há um sentido único e objetivo de tempo e espaço, com o qual podemos medir a diversidade de concepções e percepções humanas, não defende uma dissolução absoluta entre as características objetivas e subjetivas do espaço/tempo, estabelecendo uma multiplicidade qualitativa que o espaço e o tempo exercem sobre as práticas humanas e em sua construção.

O autor atenta que a relação física de tempo/espaço se deu após a concepção de matéria, ou seja, antes disso seu significado não existia.

Entretanto, não é de modo algum necessário subordinar todas as concepções objetivas do tempo e do espaço a essa concepção física particular, visto que também ela é uma construção baseada numa versão específica da constituição da matéria e da origem do universo.

A história dos conceitos de tempo, espaço e tempo-espaço na física tem sido marcada, na verdade, por fortes rupturas e reconstruções epistemológicas (HARVEY, 2002, p. 189).

Tal compreensão viabiliza a ideia de espaço intangível da rede, promovendo uma reconfiguração social, ocasionada pela virtualidade da Internet e seus processos. A rede pode ser considerada como uma ruptura sob a, então, lógica original espaço-temporal. Arno Penzias, ganhador do Prêmio Nobel de Física, em 1978, disse que: “A Internet ignora os três conceitos básicos da Física: o tempo, a massa e o espaço” (GLOBONEWS, 2009).

Harvey (2002) estabelece um viés materialista sob esta relação espaço-temporal, no qual diz que, para compreender o tempo/espaço, é necessário levar em conta os processos materiais. Tal perspectiva compreende que essa relação é criada por meio das práticas e processos materiais utilizados para a reprodução da vida social. Dessa forma, podemos perceber as tecnologias de informação com conexão à Internet como materiais (suportes) que alteram a lógica do espaço e do tempo social, definindo que a partir de novas práticas cada modo de produção e formação social agrega particularidades e conceitos distintos do tempo e do espaço. As práticas sociais estão fortemente atreladas à tecnologia, tanto para o envio de uma carta, como até uma teleconferência. As particularidades de cada tecnologia influenciam no modo como ocorrem tais relações. Percebemos que as redes sociais energizadas pela Internet são alteradas diretamente na relação espaço-temporal, invariavelmente.

Em nosso estudo buscamos evidenciar as alterações ocasionadas pela rede em relação ao tempo/espaço. A cada novo aparato tecnológico de informação, há uma modificação social de interação. Do mesmo modo que o celular possibilitou a mobilidade de comunicação entre as pessoas, novas apropriações tecnológicas desse aparelho e de outros, como *notebooks*, modificam substancialmente o significado do tempo/espaço de uma sociedade. A própria palavra escrita abstrai propriedades do fluxo da experiência e as fixa em forma espacial.

O mesmo ocorre com a distribuição de notícias jornalísticas. Antes da Internet, as informações estavam afixadas em veículos bem definidos, como rádio, TV e impressos. A partir da Internet e tecnologias de conexão, o fluxo informacional passou a ser redimensionado, tanto em velocidade quanto em disseminação.

A pesquisa realizada pela *Internet Usage and World Population Statistics* data de 31 de março de 2009 (Tabela 1) e é aqui apresentada com o propósito de evidenciar o aumento da penetração da Internet em escala global.

Tabela 1 - População mundial estimada e usuários da Internet

WORLD INTERNET USAGE AND POPULATION STATISTICS						
World Regions	Population (2008 Est.)	Internet Users Dec. 31, 2000	Internet Users Latest Data	Penetration (% Population)	Users Growth 2000-2008	Users % of Table
<u>Africa</u>	975,330,899	4,514,400	54,171,500	5.6%	1,100.0%	3.4%
<u>Asia</u>	3,780,819,792	114,304,000	657,170,816	17.4%	474.9%	41.2%
<u>Europe</u>	803,903,540	105,096,093	393,373,398	48.9%	274.3%	24.6%
<u>Middle East</u>	196,767,614	3,284,800	45,861,346	23.3%	1,296.2%	2.9%
<u>North America</u>	337,572,949	108,096,800	251,290,489	74.4%	132.5%	15.7%
<u>Latin America/Caribbean</u>	581,249,892	18,068,919	173,619,140	29.9%	860.9%	10.9%
<u>Oceania / Australia</u>	34,384,384	7,620,480	20,783,419	60.4%	172.7%	1.3%
WORLD TOTAL	6,710,029,070	360,985,492	1,596,270,108	23.8%	342.2%	100.0%

Fonte: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>, 2009.

A pesquisa apresenta um comparativo entre os anos 2000 e 2008, estabelecendo a população estimada de cada continente e o número de usuários de Internet em ambos os períodos. Analisando os dados, verificamos um expressivo aumento no número de usuários do ano de 2000 a 2008. O crescimento vertiginoso é identificado em todos os continentes pesquisados. No continente africano, por exemplo, o crescimento do número de usuários à rede foi de 1.100%, ou seja, de 4 milhões 514 mil usuários, em 2000, para 54 milhões

171 mil, em 2008. Entretanto, no que tange à penetração da rede nesse continente *versus* população total, o percentual é de apenas 5,6%, o que evidencia que o crescimento de usuários está diretamente ligado à situação econômica, política e cultural de determinada região, como vimos em Castells (2000, 2004). Em contrabalanço, o maior índice de penetração da rede em relação à população refere-se ao continente norte-americano, com 74,4%. A Tabela 2 mostra as estatísticas brasileiras de acessibilidade a Internet.

Tabela 2 - Acesso à Internet no Brasil

YEAR	Population	Internet Users	% Pen.	GNI p.c.	Usage Source
2000	169,544,443	5,000,000	2.9 %	\$ 3,570	<u>ITU</u>
2005	184,284,898	25,900,000	14.1 %	\$ 3,460	<u>C. I. Almanac</u>
2006	186,771,161	32,130,000	17.2 %	\$ 3,460	<u>I. T. U.</u>
2007	186,771,161	42,600,000	22.8 %	\$ 4,730	<u>I. T. U.</u>
2008	196,342,587	67,510,400	34.4 %	\$ 5,910	<u>I. T. U.</u>

Note: GNI is Gross National Income per capita, and corresponds to World Bank data in US dollars.

Fonte: <http://www.internetworldstats.com/sa/br.htm>, 2009.

Ao analisarmos as estatísticas brasileiras, verificamos que o crescimento de usuários de Internet foi substancial em oito anos. No ano de 2000, a penetração da rede era de 2,9%, o que representava 5 milhões de usuários. Já no ano de 2008, o número de usuários identificado foi de 67 milhões e 510 mil usuários, ou seja, 34,4% de penetração.

A quantificação global de usuários de Internet, em 31 de março de 2009, é de 1 bilhão 596 milhões 270 mil 108 usuários, sendo que a população mundial é de quase 7 bilhões. A Figura 1 ilustra o percentual de usuários em cada continente.

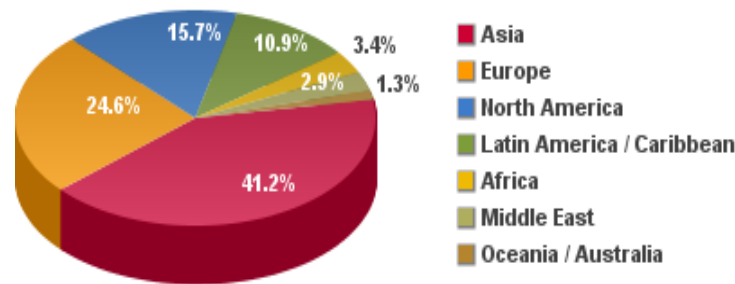


Figura 1 - Percentual de usuários da Internet

Fonte: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>, 2009.

A pesquisa realizada fornece dois resultados quando estabelecido o parâmetro entre população e número de usuários, sendo um dos resultados o número de usuários e o segundo, o percentual de penetração da rede em dada região, o que evidencia a não concordância entre o número de população e o nível de penetração. Ou seja, a quantidade populacional não é um fator determinante para o montante de usuários, como evidencia a Figura 2.

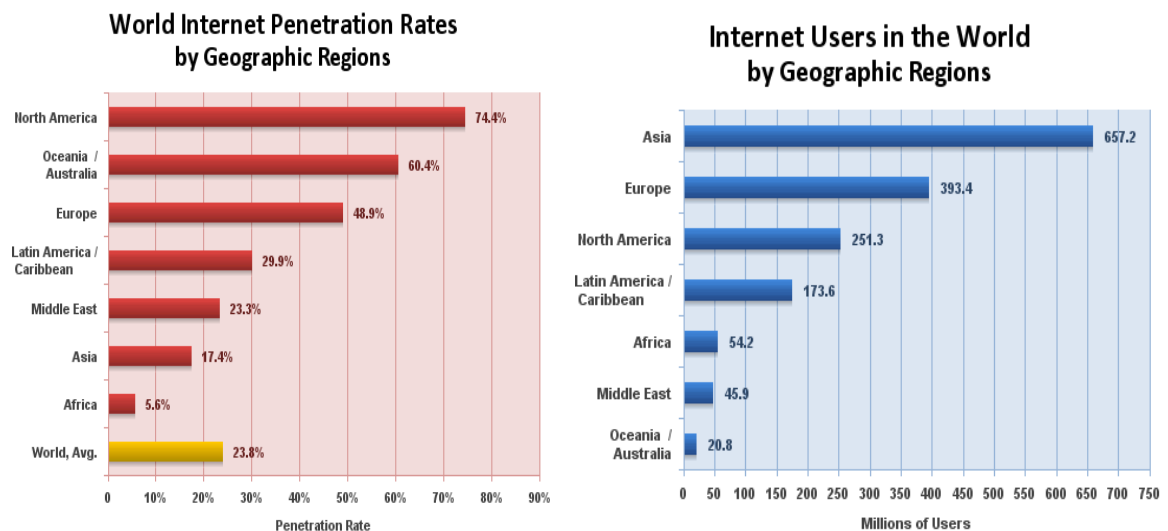


Figura 2 - Penetração geográfica da rede

Fonte: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>, 2009.

O continente norte-americano tem a maior penetração de rede, porém está em terceiro lugar quanto à quantidade de usuários. O continente asiático apresenta o maior número de usuários, entretanto, está em sexta posição ao que se refere à penetração de rede. A América Latina encontra-se na mesma

posição em ambas as estatísticas, ou seja, o número de usuários está equilibrado ao nível de penetração da rede.

As estatísticas evidenciam o expressivo crescimento da presença da Internet nas sociedades contemporâneas, o que sugere modificações em escala social.

A teoria social sempre teve como foco processos de mudança social, de modernização e de revolução (técnica, social, política). O progresso é seu objeto teórico, e o tempo histórico, sua dimensão primária. Com efeito, o progresso implica a conquista do espaço, a derrubada de todas as barreiras espaciais e a 'aniquilação [última] do espaço, através do tempo'. A redução do espaço a uma categoria contingente está implícita na própria noção de progresso. Como a modernidade trata da experiência do progresso através da modernização, os textos acerca dela tendem a enfatizar a temporalidade, o processo de vir-a-ser, em vez de ser, no espaço e no lugar (HARVEY, 2002, p. 189).

Sob este recorte, a consideração de David Harvey, remete-nos a uma relação com Pierre Lévy (1999) acerca da virtualidade. Como vimos, Lévy condiciona o virtual como sendo a realidade latente, a essência do real, e, em Harvey, o "vir-a-ser" evidencia a temporalidade, no sentido da virtualização sobrepor-se a espaço (físico). Harvey (2002, p. 189) sugere que o ambiente virtual seja da ordem do tempo, relacionando a "... riqueza, fecundidade, vida e dialética". O espaço virtual implica em abdicar do espaço físico e viver somente no tempo, em um espaço de fluxos, "... num conjunto de prescrições que replicam a ordem social ao atribuir sentidos sociais aos espaços e tempos" (HARVEY, 2002, p. 198).

Harvey (2002) reflete sobre as modificações do tempo/espaço a partir do modernismo, no qual se incluem as tecnologias que promovem alterações nos ritmos espaciais e temporais de uma sociedade, promovendo novos sentidos para ambos os termos, evidenciando que o contexto do mundo moderno é de efemeridade e fragmentação. Entretanto, mesmo o espaço sendo virtual, há uma relação inextricável com o tempo. Harvey (2002, p. 202) destaca uma ideia de Heidegger, que nos é válida para reflexão: "O espaço contém tempo comprimido. É para isso que serve o espaço". Ao lançar luz sobre um espaço ausente de matéria essencialmente virtual pode-se inferir que tal ambiente não comprime o tempo, pelo contrário, o descontraí. O espaço virtual é de fluxo

adstringente, pelo qual e a partir de plataformas de conexão percorremos longas distâncias sem sairmos do lugar. Harvey (2002, p. 202) diz que há uma supressão do espaço por intermédio do tempo: “Além disso, todo projeto de transformação da sociedade deve apreender a complexa estrutura da transformação das concepções e práticas espaciais e temporais”.

Deseja-se refletir sobre a alteração da relação espaço-temporal da sociedade virtualmente conectada, sobre o modo como as tecnologias de informação alteram essa relação. Harvey sugere uma configuração em relação ao sentido do tempo na vida social. Para isso, baseia-se nas ideias de (GURVITCH, 1964 *apud* HARVEY, 2002). São propostas oito categorias de tipos de tempo social, sob uma perspectiva histórica (ver Quadro 1 - Dos tempos sociais). Da mesma forma que cada relação social tem seu próprio sentido de tempo, a tecnologia de informação promove modificações. Quando mencionamos tecnologia, referimo-nos àquelas que possibilitam o acesso à Internet.

Tipo	NÍVEL	FORMA	FORMAÇÕES SOCIAIS
Tempo permanente	ecológico	tempo contínuo em que o passado é projetado no presente e no futuro; facilmente quantificável	parentescos e agrupamentos por localidade (particularmente sociedades camponesas rurais e estruturas patriarcais)
Tempo ilusório	Sociedade organizada	duração longa e desacelerada, mascarando crises e rupturas repentinas e inesperadas entre o passado e o presente	grandes cidades e "públicos" políticos; sociedades carismáticas e teocráticas
Tempo errático	papéis sociais, atitudes coletivas (padrões) e amálgamas técnicos	tempo de incerteza e de contingência acentuada em que o presente prevalece sobre o passado e o futuro	"públicos" não políticos (movimentos sociais e seguidores de padrões); classes em processo de formação
Tempo cíclico	Uniões místicas	passado, presente e futuro projetados uns nos outros, acentuando a continuidade dentro da mudança; diminuição da contingência	seguidores da astrologia; sociedades arcaicas em que prevalecem crenças mitológicas, místicas e mágicas
Tempo retardado	símbolos sociais	o futuro se torna presente tão tarde que é superado assim que se cristaliza	a comunidade e os seus símbolos sociais guildas, profissões etc feudalismo
Tempo alternado	regras, sinais, signos e conduta coletiva	o passado e o futuro competem no presente; descontinuidade sem contingência	grupos econômicos dinâmicos; épocas de transição (capitalismo incipiente)
Tempo à frente de si mesmo (acelerado)	ação e inovação transformadoras coletivas	descontinuidade, contingência: triunfo da mudança qualitativa; o futuro se torna presente	Capitalismo competitivo especulação
Tempo explosivo	fermento revolucionário e criação coletiva	presente e passado dissolvidos num futuro transcendente	revoluções e transformações radicais de estruturas globais

Quadro 1 - Os tempos sociais

Fonte: GURVITCH, 1964 in HARVEY, (2002, p. 205-206).

Analisando os propostos tipos de tempo social, percebemos que os referidos tipos “... tempo à frente de si mesmo (acelerado)” e “tempo explosivo” caracterizam a relação espaço-temporal da sociedade em rede (GURVITCH *apud* HARVEY, 2002, p. 205-206). A ver, a virtualidade da Internet possibilita um eterno presente, ou seja, facilmente se acessa a contextos passados. Propomos, a partir dessa perspectiva de *sentido de tempo* de Gurvitch, encontrar um viés que caracterize a sociedade em rede virtualmente conectada, estabelecendo um cruzamento entre os dois últimos tipos apresentados no Quadro 1. Como a proposta do autor é descrita em 1964, muito antes do surgimento da Internet, buscamos redimensionar sua análise a uma perspectiva atual, conforme apresentado no Quadro 2.

Tempo à frente de si mesmo (acelerado)	ação e inovação transformadora coletivas	descontinuidade, contingência: triunfo da mudança qualitativa: o futuro se torna presente	Capitalismo competitivo especulação
Tempo explosivo	fermento revolucionário e criação coletiva	presente e passado dissolvidos num futuro transcendente	revoluções e transformações radicais de estruturas globais

Quadro 2 - O tempo da sociedade em rede

Fonte: GURVITCH, 1964 *in* HARVEY, (2002, p. 205-206).

A possibilidade de encontrar o sentido de tempo da sociedade em rede, por meio dessa análise, se mostra bastante contundente. Mesmo referindo-se ao cenário seiscentista, a aproximação resulta em características que percebemos hoje em dia. É uma sociedade que se articula virtualmente, conectada pela Internet em muitos espaços e a qualquer tempo, fazendo uso de aparatos de conexão móveis. Isso desencadeia uma modificação no sentido tanto de espaço, quanto de tempo social. O Quadro 3 apresenta uma análise revisada sobre o estudo de Gurvitch. Percebemos que o *sentido de tempo* e espaço da sociedade atual está sendo fortemente modificado devido à possibilidade de ser em qualquer espaço, sem necessariamente estar presente materialmente.

Tempo a frente de si mesmo (acelerado); tempo explosivo.	Ações e inovação transformadoras e coletivas.	Descontinuidade, contingência: presente e passado em um futuro transcendente.	Transformações radicais de estruturas globais.
---	--	--	---

Quadro 3 - Proposta de tempo da sociedade em rede

Fonte: Adaptado de GURVITCH, 1964 *in* HARVEY, (2002, p. 205-206).

O tempo característico da Internet é *explosivo*, no sentido da instantaneidade, e *acelerado* por ser sempre atualizado, ou seja, as informações e trocas sociais se dão em tempo real. Quando pensamos sobre as informações na rede, vemos essa atualização segundo a segundo, de modo acelerado, na medida em que se desdobram os fatos. O *nível* de articulação na rede ocorre no âmbito coletivo. Por se tratar de rede, sua configuração é estabelecida em uma grande trama de nós virtuais. A coletividade é essencial para a sobrevivência desse ambiente virtual, bem como a construção participativa de sua geografia e conteúdo (fertilizando a ideia de descentralização, contemplada no sub-capítulo 2.1.5).

Ao lermos a *forma* da sociedade em rede, cujo tempo e espaço estão transformados, quando comparados a um período pré-Internet, percebemos um geografia contingente e descontínua. Como vimos, os inúmeros saltos virtuais desenham uma geografia distinta para cada pessoa, isto é, para chegarmos a um ponto comum, são muitas as rotas possíveis. Esse número de caminhos conta com o acaso, a partir de uma trilha não previamente estabelecida pelo indivíduo, do mesmo modo que no ambiente virtual tudo está disponível, de modo atemporal para o resgate. Encontram-se acontecimentos de anos atrás (em *sites* de notícias ou buscador), bem como em um *blog*, onde se consegue ler *posts* anteriores. Essa possibilidade nos remete a um eterno presente, como diria Paul Virillo (1993). Sob esta perspectiva, a Internet estabelece um futuro transcendente, o presente se transforma em passado instantaneamente.

Como vimos em Harvey (2002), a ausência de distância e de matéria transforma nossa percepção espaço-temporal. O espaço de fluxos é uma estrutura virtual intangível, porém de inerente importância para a sociedade no plano tangível. E, para além da percepção (sentido abstratos), de fato a sociedade está se organizando virtualmente, ocasionando profundas modificações sociais.

2.1.5 Mobilidade e descentralização

Para a elaboração deste sub-capítulo preocupamo-nos em evidenciá-lo como complemento as características percebidas da sociedade em rede. Nosso entendimento sugere que a mobilidade tecnológica em rede viabiliza para a descentralização de notícias, sendo elas apresentadas em diversas linguagens, como vídeo, áudio, escrita. O panorama contemporâneo de mobilidade estabelece uma nova relação de interação, acesso e emissão de informações e notícias. Atentos as essas características devemos considerar estes aspectos como indicadores de uma transformação social e de heterorreferencialidade ao sistema (como veremos no subtítulo 2.2, dedicado à Perspectiva Sistêmica), conseqüentemente possível fator de influência sobre os critérios de noticiabilidade utilizados no jornal impresso.

2.1.5.1 Tecnologias móveis

Cada vez mais, teremos as tecnologias computacionais em rede efetivamente contaminando o espaço físico. A noção de tecnologia da informação confinada a caixas que chamamos de computadores está mudando irrevogavelmente, mas, (...) é muito mais uma questão social do que resolver simplesmente as questões computacionais (PARAGUAI *in* SANTAELLA, 2008, p. 249).

A olhos vistos a lógica de acessibilidade à rede está sendo transformada em escala ascendente, o que significa plenitude e autonomia da rede ubíqua. Em outras palavras, a rede é independente do meio tecnológico a qual a acessamos, seja via laptop, smartphone, ou a “pia da cozinha” (esta última exemplificação faz referência à Internet *das coisas*¹, o qual propósito é evidenciar o quão autônoma e acessível pode ser a rede).

Lev Manovich (2005) propõe inúmeros exemplos de ampliação dos espaços físicos, e por meio de acessibilidade à rede, os espaços potencializam-se em *dataspace*. A partir dessa transformação pode-se extrair dados do espaço físico, fazendo uso de *cellspace* ou *displays*² de computadores. A possibilidade ubíqua da ampliação do espaço físico autentica a mobilidade e a descentralização das pessoas e notícias, em nossa específica abordagem. O elenco de tecnologias mencionado pelo referido autor mostra as inúmeras maneiras de manter-se acessado a rede:

1. *Ubiquitous Computing*: a transição de *desktops* a variados dispositivos distribuídos no espaço.
2. *Augmented Reality*: a sobreposição dinâmica da informação sobre o campo visual do usuário.
3. *Tangible Interfaces*: a totalidade do espaço físico, o entorno, é tratada como interface, ao empregar objetos como meio de informação.
4. *Wearable Computers*: incorporação de dispositivos e telecomunicação à roupa.
5. *Intelligent Buildings (or Intelligent Architecture)*: arquiteturas *wireless* para *cellspace*.
6. *Intelligent Spaces*: espaços de monitoramento e interação com o usuário para informações, colaboração e outras atividades.

¹ Projeto idealizado pelo *Auto-ID Laboratory* do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), a partir das tecnologias RFID e tecnologia *wireless*.

² Constructo desenvolvido por David S. Bennahum, em 1998, no qual fazia referência à acessibilidade de email e Web sem fio. Lev Manovich amplia este conceito (PARAGUAI *in* SANTAELLA, 2008, p. 251).

7. *Context-aware Computing*: termo de referência às pesquisas acima mencionadas.
8. *Smart Objects*: objetos conectados a rede e que apresentam comportamentos inteligentes.
9. *Wireless Location Services*: recebimento de dados específicos a localização e serviços portáteis *wireless* como celulares.
10. *Sensor Networks*: sensores utilizados para vigilância.
11. *E-paper* (or *e-ink*): finos *displays* para recebimento de informações via *wireless* (MANOVICH, 2005).

A infra-estrutura da rede *wireless* e tecnologia 3G³ modifica sensivelmente o comportamento social, bem como, os contextos de interação entre os usuários e os sistemas de processamento de informação. Há evidências relevantes que ilustram tal reestruturação social móvel, o que Greenfield *apud* Paraguai (*in* SANTAELLA, 2008, p. 250) chama de “... processamento de informação dissolvido em comportamento”. Percebemos que a partir das tecnologias de comunicação móvel são desencadeados processos sociais consonantes as possibilidades desses novos meios. A cada nova tecnologia de comunicação uma forma específica de interação ocorre, e em algum nível absorvida socialmente.

Apesar de essas tecnologias se apresentarem com alguma diferença, elas resultam da sobreposição de *layers* de informação ao espaço físico, o que alguns teóricos, como Katherine Hayles, vêm nomeando de “espaço híbrido” [também teorizado por Lúcia Santaella], no qual a coexistência de contextos distantes e atuais acontece pela diluição de limites entre espaços físicos e virtuais. O usuário continua presente e atuante no seu espaço físico em torno, enquanto as informações acessadas e transmitidas adicionam outras características a essa experiência fenomenológica (PARAGUAI *in* SANTAELLA, 2008, p. 250).

³ Na terceira geração a questão da transmissão de dados vai ainda além da 2,5. A velocidade fica entre 384 Kbps e 2 Mbps, podendo assim oferecer serviços como videoconferência, transmissões de áudio e vídeo com qualidade de DVD e outras que exigem banda larga. Nessa 3ª geração, o usuário não nota a diferença de um acesso *broadband* residencial ou do seu *smartphone* em qualquer lugar da cidade (PELLANDA, 2005, p. 69).

O híbrido refere-se à inclusão do virtual ao escopo dos espaços físicos. A reterritorialização é outro viés relativo ao trânsito espacial físico/virtual inerente as tecnologias móveis, estabelecendo significações e ressignificações aos espaços físicos. A fluidez dessa transição é cada vez mais invisível e cotidiana, estabelecendo-se sempre que for necessário, logo se configura uma ação que dispensa o entrar e sair de um espaço (físico/virtual) ou outro, uma vez que se estabelecem concomitantemente. Em outras palavras, com a tecnologia de conexão móvel não há mais espaço interino de desconexão, concorrendo à mobilidade “... *always on*” (PELLANDA, 2005, p. 69). Este espaço é localizável, não geograficamente, porém por meio do acesso à rede.

Um espaço híbrido assim não está restrito ao uso de gráficos para ampliar espaço digital, nem apenas relacionado ao uso de *layers* de dados digitais sobre a realidade física. É um espaço conceitual determinado pela diluição entre limites do físico e do virtual a partir do uso de tecnologias nômades. O que significa dizer que é construído pela conexão entre a mobilidade e a comunicação entre usuários, e materializando pelas redes estabelecidas entre espaços físicos e virtuais (PARAGUAI *in* SANTAELLA, 2008, p. 252).

Manovich (2005) utiliza o termo *cellspace*, referenciando os dispositivos tecnológicos pessoais de comunicação *wireless* que disponibilizam acesso aos dados dos espaços físicos. Incluem-se as mídias locativas nesta perspectiva, as quais compreendem objetos localizados em espaços físicos ao entorno do usuário e que fornecem informações, como abordado no sub-capítulo 2.1.6. É a possibilidade de recebimento de dados específicos a localização e serviços portáteis *wireless* como celulares, *Wireless Location Services* (MANOVICH, 2005).

Cellspace é o espaço físico "abastecido" de dados que podem ser recuperados por usuários a partir de dispositivos de comunicação pessoal. Alguns dados podem ser provenientes de redes globais como a Internet e alguns podem ser encaixados a objetos localizados no espaço ao redor do usuário. Além disso, embora alguns dados possam estar disponíveis independentemente de onde o usuário esteja no espaço, podem ser também de localização específica. Exemplos de *cellspace* incluem o uso de GPS para determinar coordenadas, o uso do telefone celular para o check-in no aeroporto, o pagamento de pedágio em rodovias ou para recuperar informações sobre um produto em uma loja (MANOVICH, 2005, p. 2) (tradução nossa).

A perspectiva abordada por Paraguai (*in* SANTAELLA, 2008), concebe três conceitos relacionados às tecnologias móveis enquanto sua mobilidade, relação corpo e espaço e transformações dos processos de uso de interfaces móveis, sendo transparência, ubiquidade e acoplamento.

A idéia de transparência pode ser observada sob dois aspectos complementares. O primeiro evidencia que as tecnologias móveis compõem o *background* das atividades dos usuários, de modo quase que invisível. O segundo aspecto de transparência diz respeito à passagem das tecnologias móveis de ferramenta funcional à forma natural e cotidiana de uso. Em complemento a esta característica, a autora menciona a *calm technology* proposta por Weiser (1995); a compreensão de *calm technology* quando aplicada sob as tecnologias móveis evidencia a transparência do modo como a compreendemos, uma vez que retrocedem silenciosamente ao *background* quando não em uso. Na medida em que essas tecnologias passam a compor o cotidiano de forma rotineira, se estabelecem entre as condições de uso e background, entre centro e periferia.

O conceito de ubiquidade e mobilidade complementam-se, sendo compreendidos distintamente. “A ubiquidade não é ausência de movimento, mas outra forma de relacionar o espaço com as possibilidades de deslocamento” (PARAGUAI *in* SANTAELLA, 2008, p. 253). A mobilidade é a possibilidade de deslocamento entre dois pontos geográficos, sem, no entanto, perder a possibilidade de acesso/conexão à rede. O autor Leonard Kleinrock refletindo sobre computação nômade e de multi-acessos aproxima as idéias de nomadicidade e mobilidade.

“A centralidade do nomadismo está em um sistema de apoio necessário para fornecer um conjunto de recursos e serviços para o nômade mover-se de um lugar a outro de forma transparente e conveniente” (KLEINROCK, 2000, p. 46) (tradução nossa).

O último conceito associado às tecnologias móveis é o acoplamento, essa idéia faz referência à usabilidade desses aparatos. Em sentido *stricto*, o acoplamento dá ênfase maior a estética, ao conforto da portabilidade.

Plant (2001) refletindo sobre os efeitos dos telefones celulares nas vidas individuais e sociais traz referência sobre como essa tecnologia móvel é chamada, em diversas línguas.

Em francês é chamado *Le portable*, ou *Le G*, que tem origem em GSM. Em finlandês o termo *kanny* refere-se à extensão da mão. Em alemão é *handy*. Em espanhol é *movil*. Americanos usam o termo *cell phone*. Em árabe, algumas vezes é chamados de *el móbile*, mas freqüentemente de *sayaar* ou *makhmul* (ambos referem-se ao ato de carregar). Em tailandês é *moto*. Em japonês é *keitai*, ou mesmo apenas *ke-tai*. Em chinês é *sho ji* (máquina de mão) (PLANT *apud* PARAGUAI in SANTAELLA, 2008, p. 254).

Esses dispositivos móveis de conexão a rede – cada vez mais transparentes ao nosso cotidiano, provocam uma modificação sobre a relação público/privado, quando em espaços urbanos públicos se articulam ações que em outro período eram realizadas em locais privados. A reformulação do espaço urbano público em poder dessas tecnologias portáteis de conexão a rede, e o fim dos espaços de desconexão sugerem uma descentralização sobre os padrões de sociabilidade e comunicação. Ao passo que carregar consigo a rede – no bolso, viabiliza novos modos de ser socialmente, bem como, receber e disseminar informações de forma descentralizada.

2.1.5.2 Descentralização

A perspectiva que queremos evidenciar em aproximar as tecnologias móveis e a descentralização é justamente que a partir de aparatos móveis de conexão a rede pode-se receber e disseminar notícias sob uma nova lógica. A potencialidade das informações em rede e a possibilidade de estar *always on*, por meio celulares, redes *wireless*, WAP, Wi-Fi, Bluetooth, GSM, CDMA, SmartPhones etc., o espaço físico urbano deixa de ser o espaço de desconexão de outrora, tornando-se parte do processo que contextualiza a potencialidade de descentralização de notícias. A título de ilustração e “primeiras evidências”,

apresenta-se o projeto Locast⁴, que sob a luz de Lev Manovich (2005), pode ser concebido como *Wireless Location Services*: recebimento de dados específicos a localização e serviços portáteis *wireless* como celulares.

Dentro do amplo contexto de sociedade em rede, pontuamos como uma possível evidência de descentralização e influência sobre o sistema, o projeto Locast. Atentos para o fato de tratar-se de uma exemplificação, distante de generalizações, com intuito de mostrar como a sociedade contemporânea pode se articular e relacionar-se com as notícias por meio de aparatos móveis de comunicação.

Em posse de dispositivos móveis – smartphones 3G – com conexão a rede, alunos da graduação e pós-graduação ocuparam o espaço urbano da cidade de Porto Alegre produzindo conteúdo do tipo áudio e vídeo. Um aplicativo móvel e integrado a plataforma Android⁵ nos celulares foi desenvolvido pelo MIT, a partir do qual o conteúdo capturado em formato de vídeo, áudio e escrita pode ser enviado e disponibilizado em tempo real ao site do projeto.

A idéia assemelha-se ao que se entende por jornalismo cívico, ou cidadão, porém sem necessidade de formatação teórica. Em uma perspectiva ampliada, a sociedade como um todo fazendo uso desses dispositivos móveis é capaz de “cobrir” fatos que ocorrem em contexto a seu cotidiano.

Percebemos o projeto como evidência de descentralização de notícias, fatos ou informações. O Locast (Lo: *location*; cast: envio, lançamento), é uma plataforma de sincronização que possibilita o envio de informações *geo-localizadas* desde um celular a uma *webpage*, disponibilizando a visualização de notícias de acordo com a posição geográfica. O conteúdo, ou *cast*, enviado diretamente do local do acontecimento passa a ser disponibilizado e organizado de acordo com sua postagem, o mais recente assume a primeira posição no elenco de *casts*, como mostra a Figura 3. O funcionamento/filtro das postagens

⁴ Projeto idealizado pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e aplicado em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)/Famecos.

⁵ Sistema operacional desenvolvido pelo Google.

na plataforma deve se estabelecer sob a lógica de confiabilidade, número de postagens, de comentários, feitos pelos próprios usuários.

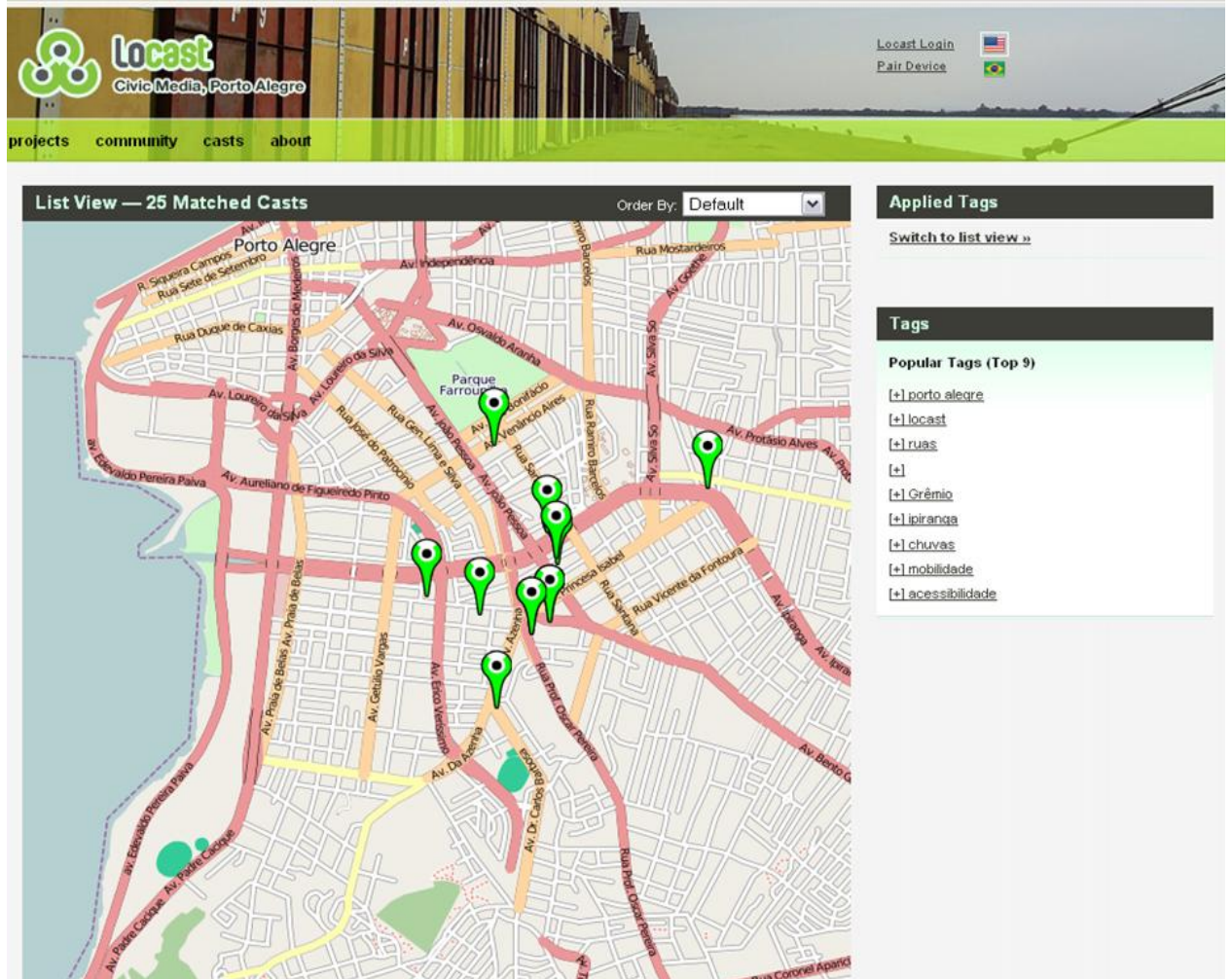


Figura 3 - Geo-localização

Fonte: <http://locast.mit.edu/civic/map/content/>, 2009.

The screenshot displays the Locast website interface. At the top left is the Locast logo with the text "Civico Media, Porto Alegre". To the right, there are user options: "Welcome back, bussss", "Logout", and "Pair Device", along with flags for the United States and Brazil. A navigation bar below the header contains links for "your locast", "projects", "community", "CASTS", and "about".

The main content area is titled "List View — 25 Matched Casts" and includes a dropdown menu for "Order By: Unsorted". It features a list of video casts, each with a thumbnail image, a title, popularity statistics, creator information, and tags. The casts listed are:

- Show Nicolas Krassik - (01:10)**: Popularity: 8 Views, 0 Likes, 0 Favorites. Created by Sandra Henriques, 5 horas, 57 minutos ago. Violinista frances abriu o Show de Zeca Baleiro no Bourbon Country. Tags: (none listed).
- Danilo Gentili em POA - (01:17)**: Popularity: 5 Views, 0 Likes, 0 Favorites. Created by Polianne Espindola, 4 horas, 37 minutos ago. Stand Danilo Gentili PUCRS, POA. Tags: Danilo Gentili, Stand, POA. Includes a "center on map" link.
- Calçadão de Ipanema - vista - (01:35)**: Popularity: 7 Views, 0 Likes, 0 Favorites. Created by thefantastic5, 5 horas, 12 minutos ago. Vista do Calçadão de Ipanema na zona Sul de Porto Alegre *** Made by The Fantastic 5 group: Gabrielli Tiburi, Greta Paz, Henrique Diebold, Nataniel. Tags: Porto Alegre, Ipanema, Calçadão, Zona Sul.
- show Zeca Baleiro - (00:10)**: Popularity: 6 Views, 0 Likes, 0 Favorites. Created by Sandra Henriques, 5 horas, 50 minutos ago. Show em comemoração ao ano da França no Brasil encerrou o Projeto Eu faço cultura. Tags: (none listed).
- Stand Danilo Gentili - (00:47)**: Popularity: 5 Views, 0 Likes, 0 Favorites. Created by Polianne Espindola, 4 horas, 33 minutos ago. Mias alguns vídeos... Tags: Danilo Gentili, Stand, POA. Includes a "center on map" link.

On the right side, there is a "Map View" section showing a map of South America with two green location pins. Below the map is a link "See expanded map view »".

At the bottom right, there is a "Tags" section with "Popular Tags (Top 9)":

- porto alegre
- locast
- ruas
- Grêmio
- Ipiranga
- chuvas
- Estádio Olímpico
- futebol

Below this is a section for "Your Favorite Tags".

Figura 4 - Página web do Locast

Fonte: <http://locast.mit.edu/civic/map/content/>, 2009.

Locast é uma plataforma flexível e de ruptura baseada na localização, combinando a distribuição da web e aplicações móveis, promovendo experiências hiper-locais de alta conectividade. Locast sobrepõe camadas de informação geradas coletivamente dentro do espaço físico. Este aumento do espaço urbano é democraticamente operado por usuários do Locast, em tempo real, por participarem do processo de geração de conteúdo (<http://locast.mit.edu/civic/about/>, 2009) (tradução nossa).

Locast digitaliza Porto Alegre

Projeto do MIT com PUC-RS fomenta mídias cidadãs

domingo, 22 de novembro de 2009 16:08

por Ana Freitas



Reprodução
Página inicial do MIT descata projeto em Porto Alegre

Usando o ambiente virtual para ampliar o conceito de comunidade de um grupo em um espaço físico, produzir jornalismo comunitário e aproximar as pessoas, o **Locast**, pesquisa em mídia cidadã desenvolvida pelo **Massachusetts Institute of Technology** (MIT) em parceria com a PUC-RS, foi colocado em prática de 16 a 23 de novembro em Porto Alegre.

Durante uma semana, alunos de graduação e pós-graduação da PUC foram convidados a usar dispositivos móveis de todos os tipos - notebooks celulares, câmeras digitais, gravadores - para

produzir conteúdo multimídia relacionado ao espaço urbano em que vivem e interagem. Através de um aplicativo móvel criado pelo MIT, que também funciona integrado ao Android, o material foi sendo disponibilizado em tempo real dentro de uma página do MIT.

Primeiro, o conteúdo é arquivado geograficamente, para, em seguida, ser transmitido para a rede. Os casts, como foram chamadas as produções, podem ser integrados a conteúdos semelhantes produzidos por outros participantes.

O Locast também tem como objetivo estimular as dinâmicas sociais e compreender como as redes sociais modificam a cidade e a representação do espaço urbano. Por isso, o projeto deve continuar aberto para a participação de outros cidadãos de Porto Alegre, mesmo ao fim da primeira semana, destinada somente aos estudantes da PUC.

O diretor do Laboratório de Experiências Móveis do MIT, Federico Casalegno, explica que o projeto engaja o cidadão à comunidade. "O indivíduo fica mais atento aos problemas e fatos envolvendo seu bairro, as pessoas também se tornam mais conectadas umas às outras e, de uma perspectiva cívica, se envolvem mais", diz.

O próximo passo, antecipa Casalegno, é integrar o conteúdo produzido, que já é geoposicionado e tagueado, a uma plataforma de realidade aumentada. Isso permitiria associar e exibir fotos, vídeos e áudio a paisagens capturadas pela tela do celular.

Essa é a segunda vez que o Locast acontece no mundo. Em julho deste ano, Veneza também recebeu o projeto.

TAGS

mídia cidadã, MIT, Locast, Porto Alegre

Figura 5 - Repercussão

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia+link,locast-digitaliza-porto-alegre,3178,0.shtm>, 2009.

Publicidade

TAG CLOUD ver todas +

+ [red] [orange] [green] [blue] [grey] -

cinema - comportamento
- educação - software -
Web 2.0 - Twitter -
Google - música -
hardware - mídia - redes
sociais - tecnologia -
celular - internet - games

TOP LINKS HP YOU hp

Sites Comunidades Games Blogs

- 1 Estadão
- 2 Território Eldorado
- 3 Limão
- 4 Zap
- 5 Campus Party

2.1.6 Ambientes informacionais: mídias locativas como *feedback* do sistema

Dentro do panorama social de rede percebe-se uma crescente variação de modos e meios de se obter informação. Para evidenciarmos esta realidade e compor tal cenário, propomos, neste fragmento, uma elucidação a respeito de mídias locativas como parte de um amplo ambiente informacional. Temos claras as várias possibilidades de abordagem desse assunto. Inclusive, relacionando as mídias locativas como forma de *feedback* do sistema, da lógica do jornal impresso.

Mídias locativas engloba conteúdos como realidade móvel aumentada, mapeamento e monitoramento de movimento, *geotags*, anotações urbanas, *wireless Mobile Games* etc. Nosso viés trata de mídias locativas sob a perspectiva de acesso a informações, sejam elas jornalísticas ou não, e a consequente reconfiguração do espaço social. Buscamos em Lúcia Santaella (2008a, b) e André Lemos (2008) apoio teórico para tal.

Refletir sobre mídias locativas nos remete, invariavelmente, ao aspecto territorial das informações. A virtualidade implica na ausência física para obtenção e atualização de informações, mesmo que para sua “captação” seja necessário suporte tecnológico. Mídias locativas e territórios informacionais são assuntos de separação tênue, sendo fundamental a abordagem de ambas. Segundo Santaella (2008b, p. 22), mídias locativas:

São dispositivos que permitem que as pessoas localizem-se a si mesmas e a outras no espaço geográfico e que conectem informação a posições geográficas. Cada vez mais, essas tecnologias da mobilidade, sensíveis a lugares podem acessar a Internet, permitindo que a informação seja armazenada e recuperada a partir de base de dados remotos (SANTAELLA, 2008b, p. 22).

Conceber mídias locativas como forma de obtenção e distribuição de informações, valida a ideia de uma transformação social, tanto para articulação informacional quanto territorial. As informações assumem novas posições geográficas, apresentando-se em espaços não tradicionais, como o jornal impresso. Como já havíamos acordado para uma não comparação entre mídias, apenas ressaltamos para uma realidade subjacente à virtualidade. Lemos (2008, p. 207) concebe mídias locativas como “... processos de emissão e recepção de informação a partir de um determinado local. Isso implica em uma relação entre lugares e dispositivos móveis digitais até agora inédita”, o que reforça a ideia de novas possibilidades de acesso a informação, remodelando a geografia social, tanto física quanto virtual.

Castells (2000, 2004) e Santaella (2008a, b) percebem que a locatividade associada à mobilidade vem promovendo um sentido de deslocamento. Referindo-se tanto a tecnologia portátil, quanto ao acesso a informações

presente no espaço de fluxos (Castells), ou espaços intersticiais (Santaella). Trazendo tal consideração sob o aspecto que evidenciamos em nosso estudo, o deslocamento modifica o modo como nos relacionamos com as mídias tradicionais (jornal, TV, rádio), com novas mídias e com o acesso à informação.

Santaella (2008a, p. 95) refere-se a uma cultura da mobilidade baseada em dispositivos móveis. Essa apropriação tecnológica promove o “... surgimento de novas espacialidades de acesso, presença e interação”, sendo, sob o aspecto *acesso*, que abordamos a temática locativa. A disponibilidade de acesso (à Internet) em qualquer lugar e a qualquer momento ocasiona uma alteração sob a lógica de obtenção de informações.

[...] o mundo tecnológico não está separado do mundo físico, mas está incrustado nele, fornecendo novos modos de compreendê-lo e apropriar dele. A mediação tecnológica do ciberespaço condiciona a emergência de novas práticas culturais (...) os recursos tecnológicos se hibridizam, transformando as mídias locativas em um campo múltiplo, disponível em muitas versões, dependendo do modo como são operadas e dos usos que lhes são agregados (SANTAELLA, 2008a, p. 96).

A tecnologia de acesso, aparatos comunicacionais de conectividade à Internet, está cada vez mais presente no cotidiano da sociedade contemporânea. As informações passam a ser processadas por artefatos sem fio (*wireless*) como GPS, *smartphones*, *palms*, *laptops*. Sendo por meio de redes *wi-fi*, *WAP*, 3G que se tem acesso à Internet, ao conteúdo da rede. O uso generalizado de acesso sem fio vem “... alterando os modos como compreendemos as relações entre as pessoas, ações e os espaços em que elas ocorrem” (SANTAELLA, 2008a, p. 98). Além disso, percebemos uma modificação no modo como as pessoas vêm consumindo informação, ou seja, a mediação tecnológica móvel viabiliza o constante acesso a informações e a uma atualização segundo a segundo.

Nossos autores de referência partilham de ideia semelhante. Castells (2000) propõe o *espaço de fluxos*, Santaella (2008a, b) uma *espacialidade de acessos* e *espaços intersticiais* e Lemos (2008) utiliza o termo *ciberurbe*, a fim de demonstrar a dimensão virtual das informações em paralelo à instância física

da sociedade. O fluxo de informações está presente invisivelmente por todos os espaços, porém, para acessá-los, faz-se necessário o uso de aparatos de conexão. Simbolicamente é como se por meio de uma mídia móvel fosse possível extrair informações do ar para a interface de um *smartphone*, por exemplo. A partir da arquitetura virtual formada pelos nós da rede, mídias digitais captam e codificam informações desse espaço de fluxos. O vocábulo *hibridismo* exprime tal ideia, sugerindo a “... interconexão dos espaços físicos de circulação com os espaços virtuais de informação a que os usuários de dispositivos móveis se conectam” (SANTAELLA, 2008b, p. 20).

Os espaços intersticiais referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado e digitais, de outro. Assim, espaço intersticial ou híbrido ocorre quando não mais se precisa ‘sair’ do espaço físico para entrar em contato com ambientes virtuais (SANTAELLA, 2008b, p. 21).

Com as tecnologias portáteis, evidencia-se uma nova característica da sociedade em rede de estar constantemente conectado a espaços virtuais, bem como a possibilidade de levar a Internet (e todo seu conteúdo) no bolso, ao alcance das mãos dos usuários. Os espaços intersticiais exprimem uma dissolução entre as fronteiras rígidas entre o espaço físico e o virtual. Este espaço não pertence a nenhuma das interfaces, configurando “... múltiplas camadas de conexões entre o físico e o virtual” (SANTAELLA, 2008b, p. 22).

Refletindo sobre *ciberurbe*, a paisagem comunicacional contemporânea, Lemos (2008) vê as mídias locativas como processos pós-massivos, de fluxo informacional descentralizado. A customização característica deste processo viabiliza que qualquer pessoa possa “... produzir, processar, armazenar e circular informações sobre vários formatos e modulações” (LEMOS, 2008, p. 217). O fluxo comunicacional e informacional passa por grande modificação frente à realidade móvel e locativa. Dentro dessa perspectiva, o “... fluxo comunicacional se dá por redes sem fio e dispositivos móveis, caracterizando a era da comunicação ubíqua, senciente e pervasiva das mídias locativas” (LEMOS, 2008, p. 218). Com isso, evidenciamos fortes indicativos de uma ruptura sob a lógica centralizada e linear de obtenção de informações. A

periodicidade de atualização de uma mídia tradicional, como o jornal impresso (24 horas), uma vez ao dia, é colocada dentro de um contexto novo.

Lemos (2008, p. 218), ao refletir sobre os aspectos das cidades contemporâneas, as cibercidades, evidencia para um “... tratamento inteligente da informação a partir de dispositivos sem fio que aliam mobilidade, personalização e localização”. Compreendemos que as mídias locativas são mais um fator determinante para a modificação de práticas sociais e de articulação da informação. Lemos (2008) define *ciberurbe* como sendo a dimensão informacional da sociedade contemporânea, de alta conectividade e velocidade de fluxo informacional.

Trata-se efetivamente (...) de uma nova relação entre a esfera midiática e o espaço urbano. Com as mídias locativas, as trocas informacionais não emergem nem dos meios de massa (rádio, TV, jornais), nem do ciberespaço acessado em espaços fechados (espaços privados ou semi-públicos), mas de objetos que emitem localmente informações que são processadas através de artefatos móveis (LEMOS, 2008, p. 219).

Claramente nossa abordagem sobre mídias locativas está no limiar entre a relação social espaço-temporal e de novas formas de acesso à informação. Espaço, mobilidade e tecnologia são elementos indispensáveis para se pensar mídias locativas. As mídias locativas, além de ocasionarem novas apropriações do espaço urbano, modificam o acesso ao fluxo informacional, sob a lógica da mobilidade por territórios informacionais. Os espaços urbanos passam a ser territórios informacionais, ou seja, zonas de acesso à informação.

Lemos (2008, p. 221) compreende por territórios informacionais “... o acesso e o controle informacional (...) a partir de dispositivos móveis e redes sem fio”. Como já mencionado, o território informacional assemelha-se muito à proposição de Castells (2000) com o espaço de fluxos. É um ambiente movente e híbrido entre o espaço virtual e o espaço físico. Lemos (2008, p. 221) exemplifica esse tipo de território como “... o lugar de acesso sem fio em um parque por redes *wi-fi* é um território informacional, distinto do espaço físico porque do espaço eletrônico Internet”. Vale ressaltar que se tem conhecimento

da distinção teórica existente entre espaço e lugar, porém não é de fundamental abordagem para o presente contexto. Para tal, seria necessário um distanciamento ao estudo desta dissertação.

O referido autor, ao discorrer sobre mídias locativas e territórios informacionais, viabiliza a reflexão de mudança sob a lógica de acesso e atualização de informações, concebendo mídias massivas de um lado e território informacional de outro. Em mídias massivas, engloba-se rádio, televisão, revistas e jornais. Dentro do território informacional, estão as tecnologias de acesso, como: celular, *wi-fi/wi-max*, Bluetooth, RFID. As mídias pós-massivas, com base em Lemos (2008), mídias eletrônicas e digitais, nas quais se enquadram as mídias locativas, formam o território informacional. Essa divisão quer evidenciar a possibilidade de interação e comunicação bidirecional, por meio de informação em rede. E, nesse espaço, quem controla o fluxo informacional é o próprio indivíduo. “O controle da informação em mobilidade e no espaço público vai construir uma diferença em relação ao consumo informacional dos meios massivos” (LEMOS, 2008, p. 224).



Figura 6 - Mídias Massivas *versus* território informacional
 Fonte: LEMOS *in* SANTAELLA; ARANTES, (2008, p. 207).

O jornal, como mídia tradicional, tem por característica a mobilidade, entretanto há ausência de conectividade. Assim como um aparato portátil de conexão, o jornal em papel pode ser transportado para qualquer lugar, mas para acompanhar o fluxo de informações disponível, é necessária a atualização constante, o que só ocorre a partir da conectividade. As mídias de informação, dentro da esfera virtual, têm a instantaneidade como característica. A

atualização é feita ininterruptamente de segundo a segundo, diferentemente ao que ocorre com o jornal impresso.

Além de uma modificação sob o aspecto relacional entre informação e espaço urbano, as mídias pós-massivas promovem novas formas de acesso à informação e estabelecem pontos de acesso ao espaço de fluxo ou ao ambiente intersticial. As informações passam a ser captadas por meios não tradicionais e, a partir de aparatos comunicacionais e conexões variadas, é possível ter acesso à informação e à atualização constante.

2.2 PERSPECTIVA SISTÊMICA E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Direcionamo-nos a uma associação particular a este estudo, perceber a lógica do jornal impresso enquanto um sistema. Segundo Niklas Luhmann (2005), os sistemas funcionam a partir de auto-referência e heterorreferência, não diferentemente ocorre com uma redação de jornal. Posicionamos este sistema dentro do largo contexto de sociedade em rede, como fator transformador de sua lógica, especificamente sobre os critérios de noticiabilidade. Os critérios de noticiabilidade aqui teorizados compõem os estudos dos autores Niklas Luhmann (2005) e Mauro Wolf (2005), concebidos especificamente sobre a lógica do jornal impresso e em período que não o de sociedade em rede.

2.2.1 Segundo Niklas Luhmann

A perspectiva sistêmica de Luhmann:

O propósito percebido para esta introdução é entender a lógica dos meios de comunicação enquanto sistema, sob o olhar de Niklas Luhmann (2005). A lógica do autor é o construtivismo operacional, a entender, os meios de

comunicação são sob a sua perspectiva operacional. Os critérios de noticiabilidade podem ser incluídos dentro desta operacionalização. Luhmann (2005) nos oferece esta visão de que a "... realidade não é nada mais do que um indicador de que o sistema foi aprovado ao prestar provas de consistência" (LUHMANN, 2005, p. 23).

Os critérios de noticiabilidade compõem a realidade do sistema, a lógica operacional do jornal impresso, "... são as pedras coloridas do caleidoscópio que viabilizam a produção de figuras sempre novas, sem base ontológica, continuamente mutantes" (LUHMANN, 2005, p. 9). Em uma observação menos ilustrativa, quer dizer que o conteúdo e a prática do sistema definem a forma do veículo. O sistema promoveria uma automatização de sua prática, observado a partir de conceitos como auto-referência e heterorreferência. Podem ser lidos como fatores que de um modo ou de outro influenciam sobre os critérios de noticiabilidade. O conteúdo dos meios de comunicação reorganiza-se por si próprio, em um sistema que autofortifica-se. A idéia de relação a um sistema é por apresentar dentro e fora, e que tal separação reflete na sobrevivência dos meios de comunicação e manutenção de suas características.

Quando Luhmann (2005) refere-se a meios de comunicação, claramente dirige seu olhar às particularidades do jornal impresso. Comprovando tal aspecto com sua proposição reflexiva e analítica acerca dos critérios de noticiabilidade. O autor estabelece alguns parâmetros, os quais aproximamos de nosso estudo: "Sob o conceito de meios de comunicação devem ser compreendidas, de agora em diante, todas as instituições da sociedade que se servem de meios técnicos de reprodução para a difusão da comunicação" (LUHMANN, 2005, p. 16).

Consideramos livros, revistas, jornais impressos, fotografia, meios eletrônicos, como sendo meios de comunicação. Esses produzem grandes quantidades de informação, de toda a ordem, a um número massivo de pessoas. Detemo-nos exclusivamente ao que tange o jornal impresso, sob o qual buscamos compreender seu sistema, evidenciando os critérios de noticiabilidade. O jornal impresso é caracterizado por suas próprias operações.

Entretanto, não pensamos em estabelecer um viés tecnicista em relação à seleção de notícias, de modo a não ser interpretado de forma reducionista e simplificado. Ou seja, por mais que a seleção de notícias faça parte do sistema, não deve, necessariamente, ser compreendida como uma automatização não reflexiva. “No controle de sua própria seletividade, os meios de comunicação são autônomos. Quanto maior o peso da seletividade dos meios de comunicação tanto maior é o valor da atenção que eles conseguirão concentrar” (LUHMANN, 2005, p. 50).

Percebemos tratar-se de uma lide que está mais relacionada ao editor e a notícia, do que com as tecnológicas envolvidas. Wolf (2005) se refere aos *critérios relativos ao produto*, contexto que aprofundaremos adiante, no qual observa para a necessidade técnica e de acessibilidade para a cobertura de um fato noticioso; os dispêndios de meios para cobertura.

Luhmann traz uma proposição de análise bastante contundente, ao conceber os jornalistas como *observadores* que desempenham “... *operações observadoras*” (LUHMANN, 2005, p. 20) (grifo do autor). A então, operacionalização da lide do jornalista, passa a ser vista como uma observação e retratação da realidade. É o que percebemos em nosso estudo, no qual direcionamos nosso olhar de observador a outros observadores (os jornalistas).

Para chegar à compreensão disso precisamos observar o seu observar. Para o primeiro caso, basta uma observação de primeira ordem, como se se tratasse de fatos. Para a segunda possibilidade de entendimento, é preciso assumir a orientação de um observador de segunda ordem, de um observador de observadores. (LUHMANN, 2005, p. 20).

A observação sistêmica de funcionamento dos meios de comunicação, como no caso do jornal impresso, sugere uma ambivalência de *dentro e fora*, comum a todo sistema. Para Luhmann (2005) trata-se de construtivismo operacional, ou seja, o jornal impresso é (se estabelece, é concebido) de acordo com o que pratica. Os critérios de noticiabilidade enquadram-se neste aspecto funcional de construção do sistema. Os sistemas pressupõem a existência de outro lado.

A tentativa de Niklas Luhmann (2005) é compreender a Realidade dos meios de comunicação, e para isso constrói parâmetros de funcionamento desses meios em relação a sua função laboral, para a construção da realidade. E, diz que: “Realidade não é nada mais do que um indicador de que o sistema foi aprovado ao prestar provas de consistência” (LUHMANN, 2005, p. 23). O substrato desse estudo nos possibilita clarear o funcionamento do jornal enquanto um sistema, que apresenta critérios de noticiabilidade como componente para funcionamento.

Auto-referência e heterorreferência são conceitos cunhados por Luhmann, para compreender sistemas, como o caso dos jornais. São características construídas dentro do próprio sistema, e que revelam muito sobre seu modo de articulação. Partindo deste viés sistêmico, devemos ter claro que os jornais são observadores da realidade e devem “... diferenciar a si mesmo daquilo que ele observa” (LUHMANN, 2005, p. 23). E, além disso, os meios de comunicação desenvolvem seu trabalho sob a lógica da continuidade.

O fato de os meios de comunicação, apesar de seu fechamento operacional, não se desacoplarem, não darem uma guinada para fora da sociedade, é assegurado pelos tópicos da comunicação. Eles organizam a memória da comunicação. Os temas [fatos] são necessidades das quais a comunicação não pode se desviar. Eles atam as colaborações a contextos complexos de tal forma que na comunicação habitual pode-se reconhecer se um tema será mantido e continuado ou está sendo trocado (LUHMANN, 2005, p. 30).

O que nos leva a refletir sobre a lógica do jornal, enquanto meio de comunicação, como um sistema autopoietico, utilizando a si próprio para recriar-se. Mesmo que sua matéria prima, a notícia, esteja fora do sistema. Neste caso, a tematização é uma ferramenta de organização do sistema, no qual, estabelece subdivisões como política, cultura, policial, saúde, ciência, etc. O espectro de temas viabiliza o jornal atingir diversas áreas de interesse da sociedade. Vindo ao encontro da *continuidade*, isto é, a tematização é recursiva e apresenta “... pré-requisito do já-ser-conhecido e da necessidade de se ter mais informações” (LUHMANN, 2005, p. 31). A constante tentativa em noticiar ou não é parte inerente ao processo sistêmico do jornal.

[...] se nos dermos esta ou aquela notícia, se nós cancelarmos a meteorologia ou, mais recentemente, o 'bioscópio', os leitores nos abandonarão. Para isso, a comunicação precisa ser pensada como comunicação, quer dizer, a auto-referência precisa ser atualizada (LUHMANN, 2005, p. 32).

A tematização é útil para a construção de um contexto de sentido entre as notícias. Por meio disso, fatos são ligados e estabelece limites entre as áreas do sistema, uma espécie de organização sub-sistêmica. A informação é um valor positivo para o sistema funcionar e o jornal trabalha somente quando dispõe dela. E, "... para se ter a liberdade de poder ver algo como informação ou não, é preciso também haver a possibilidade de se tomar algo como não-informativo" (LUHMANN, 2005, p. 39). A ambivalência entre informação e não-informação é uma constante na operatividade do sistema. Ao julgar um fato informativo outro automaticamente é excluído, em se tratando de espaço e linha editorial do jornal impresso.

Há uma proposição de regras que direcionam o paradoxo da informatividade de notícias, e que fazem o sistema se articular. Luhmann (2005) acredita que tais regras são possivelmente modificáveis. No caso, as regras podem ser lidas como os critérios de noticiabilidade que pontuam sobre as informações. O caráter *informação/não informação* não satisfaz por si só, sendo necessários critérios que classifiquem o valor informativo de um fato. Ao mesmo tempo em que não consideramos os critérios de noticiabilidade como uma forma de mecanização do sistema. A seleção de notícias faz parte do processo de funcionamento interno do sistema, e para tal há jornalistas e editores fazendo uso de critérios sobre os fatos.

Certamente, a mais importante particularidade do código *informação/não-informação* está na relação deste com o tempo. Informações não podem ser repetidas; elas transformam-se em não-informação no momento em que se tornam acontecimento. Uma notícia, quando usada pela segunda vez, mantém certamente seu sentido, mas perde seu valor informativo. (...) O sistema reintroduz constantemente o próprio output, quer dizer, o conhecimento de fatos em si mesmo novamente, e o faz pelo lado negativo do código, como não-informação; e, o fazendo, ele se força com isso a prover sempre novas informações (LUHMANN, 2005, p. 42).

A ideia de um sistema autopoietico sugere exatamente isso, quando um fato *novo* tem valor informativo, ao ser veiculado assume o valor oposto, velho. Automaticamente, o *novo* deixa de ter tal critério quando entra no sistema, em outras palavras, uma notícia quando veiculada imediatamente deixa de ser nova. Luhmann (2005) vê a tecnologia como um elemento que favorece para a rápida desatualização. Complementa dizendo que os motivos centrais da dinâmica moderna são “... *fresh money e new information*” (LUHMANN, 2005, p. 45).

A atualização das notícias condiz com a periodicidade do veículo pelo qual são carregadas, por exemplo, o jornal impresso atualiza-se em 24 horas; uma revista semanal atualiza-se a cada sete dias; a Internet dispõe informações em tempo real. O fator *atualização* promove expectativas de surpresa, isto é, de tempos em tempos novas informações substituirão as atuais. O que manteria a sociedade constantemente desperta.

“Com todos os meios a disposição da escrita jornalística, desenvolvida exatamente para esse fim, precisou ser despertada a impressão de que aquilo que acabava de passar ainda era presente, ainda interessava, ainda informava” (LUHMANN, 2005, p. 54).

A conotação temporal das notícias jornalísticas é notória e imprescindível. Sob um ou vários aspectos, notícias estão invariavelmente ligadas ao tempo. Distante do reducionismo da *forma e conteúdo*, os fatores espaço – físico ou virtual – e tempo exercem força na concepção da notícia. E, para o posicionamento de uma notícia em concordância ao presente demanda e sugere veículos que comportem tal aspecto.

Diferentemente de Luhmann (2005), não detemo-nos na distinção conceitual e teórica entre notícia e reportagem. O autor contrapõe ambas com o propósito de extrair os critérios de noticiabilidade referentes às notícias factuais e temporais. Direcionando nosso estudo aos critérios de noticiabilidade, especificamente. Para além do aspecto *verdade*, está a *seletividade* (grifo nosso) de fatos noticiosos, que não é somente “... inevitável, mas também desejada e regulamentada” (LUHMANN, 2005, p. 56).

Os Critérios de Noticiabilidade em Luhmann:



Figura 7 - Critérios de noticiabilidade em Luhmann
 Fonte: Adaptado de LUHMANN, (2005, p. 23-69).

O autor sugere sete critérios de noticiabilidade, que são novidade, conflito, quantidade, relevância local, transgressões à norma, manifestação de opiniões e atualidade. Abordaremos seus conceitos, cada qual, separadamente.

Com relação ao diagrama acima, pontua-se a não utilização de círculos com linhas, o que promoveria a idéia de fechamento dos critérios em si mesmos. Os critérios de noticiabilidade são elementos valorativos que não funcionam isoladamente, sendo percebidos em concordância uns aos outros.

O critério de novidade para Luhmann (2005, p. 57) “... diz respeito à surpresa, a uma informação *nova*”. Este critério tem por característica o rompimento das expectativas do sistema, sendo aqueles fatos que promovem uma notória descontinuidade. Segundo o autor, repetições não são desejadas. Ao mesmo tempo, mesmo a novidade precisa de contextos já conhecidos pelo leitor, podendo ser “... padrões (terremotos, acidentes, encontros de cúpula, falência de empresas)” (LUHMANN, 2005, p. 58). Ou fatos que necessitem da

criação de um cenário contextual para ser noticiado. O *novo* (grifo meu) pode ser encontrado em fatos recorrentes, diários, tais como em editorias de esporte e economia. Os resultados de jogos, substituições de jogadores, assim como, os valores da bolsa, a valorização de moedas, são fatos que se apresentam com caráter de novidade. A relação novo/velho existe justamente para estabelecer essa diferença fundamental do sistema, por meio da auto-referência e heterorreferência. A novidade estabelece os limites entre o que é novo e velho.

Os conflitos estabelecem um critério de noticiabilidade específico. A tensão é um fator inerente a um conflito, além da incerteza de seu desdobramento. Fatos sobre conflitos promovem expectativa de término, adiando uma possível notícia "... apaziguadora sobre ganhadores e perdedores fazendo alusão ao futuro" (LUHMANN, 2005, p.58).

As quantidades ou informações que contenham números, dados estatísticos e exatos potencializam um fato. O autor compreende que a precisão numérica atribui valor à notícia, além do que números são sempre informativos. A quantidade de mortos em um conflito no oriente médio, por exemplo, precisa um dado numérico exato, entretanto, o contexto no qual ocorreu o fato não necessariamente é compreendido. Em outras palavras os números falam por si próprios, e tendem a promover impacto. "... considera-se o peso maior de informação que têm grandes números, principalmente quando se referem a acontecimentos compactos do ponto de vista local e cronológico" (LUHMANN, 2005, p. 59). Notícias que demonstrem discrepâncias de quantidade como, por exemplo, em apenas uma fraude haver um rombo nos cofres públicos.

As quantidades podem ser atreladas ao tempo, quando as notícias passam a acompanhar o desdobramento de um episódio. Como mencionamos anteriormente, a bolsa de valores, por exemplo, informa números que mudam constantemente, neste aspecto percebemos atrelado um critério de noticiabilidade, um valor noticioso. Da mesma forma que se atualiza a quantidade de mortos em um acidente aéreo (expectativa), por exemplo.

O critério atualidade diz respeito à condição de um fato ser concebido como atual. Se refletirmos sobre este critério de noticiabilidade, condicionado ao meio no qual a notícia é veiculada pode apresentar variações. Luhmann (2005, p. 66) diz que “... *atualidade* sugere transmitir acontecimentos que quando veiculados já aconteceram, ou estejam vinculados a fatos passados (recursividade)”. Entretanto, se observarmos a possibilidade do *ao vivo* (grifo nosso), tanto na televisão quando na Internet, ou rádio, o *atual* assume um caráter exacerbado de atualidade, em tempo real.

O autor relaciona o critério da atualidade à criação de recursividade, notícias em série. Isto é, no atual estão fatos pontuais, e encontram-se fatos que estejam no entorno de eventos centrais, “... assim, decidem sobre o que deve ser esquecido, o que pode ser significativo apenas no momento e o que deve permanecer na lembrança” (LUHMANN, 2005, p. 67).

Luhmann apresenta relevância local como um critério de noticiabilidade estabelecido, o que também pode ser lido como proximidade, “... possivelmente porque no próprio lugar as pessoas sabem informar-se tão bem que qualquer informação adicional ganha importância” (LUHMANN, 2005, p. 59). O critério da relevância local sugere uma compensação. A distância geográfica do leitor é um fator que deve ser compensado, levando em consideração o grau de gravidade, singularidade, peculiaridade, etc., da notícia.

Outro critério de noticiabilidade percebido por Luhmann (2005) é referente às ‘transgressões à norma’. Fatos associados ao descumprimento da lei, a moral e, inclusive, ao politicamente correto. Pode-se enquadrar uma transgressão à norma como um escândalo produzindo, “... mais do que de outra forma, um sentimento geral de que todos foram atingidos e estão indignados” (LUHMANN, 2005, p. 60). A noticiabilidade de escândalos, segundo o viés sociológico do referido autor, promove sensação de fortalecimento da moral social.

E isso não ocorre nas formas ostensivas de sermões ou das tentativas de doutrinação, que hoje despertam antes tendências contrárias à socialização, mas nas formas inofensivas do puro noticiário que dá a todos a oportunidade de chegar à conclusão: “Isso não!” (LUHMANN, 2005, p. 61).

Não obstante, às transgressões à norma incluem-se fatos incomuns. Entretanto, este critério de noticiabilidade está mais associado a desvios (de comportamento moral) do que propriamente a fatos. Luhmann (2005) avalia que este aspecto é um critério particular pelo fato de servir tanto para manutenção, quanto à reprodução da moral. Serve como uma “... contínua auto-irritação da sociedade, uma reprodução da sensibilidade moral, tanto no plano individual como no comunicativo” (LUHMANN, 2005, p. 63). Entretanto, não se aponta tal critério, ou mesmo a função do jornal, normatizar uma sociedade.

Manifestação de opiniões é também considerado um critério de noticiabilidade. A primeira evidencia apontada pelo autor, que se refere a este critério, é a opinião do leitor (seja por email, carta, blog, twitter, etc.). Neste caso, a intencionalidade de dar voz ao leitor reforça a relevância de determinada notícia, isto é, incita o agendamento.

Na seleção final, tempo e espaço disponível (... espaço livre nas colunas) desempenham papel decisivo. Os critérios que se aplicam aqui são reunidos do ponto de vista de sua utilizabilidade repetida e não são nem novos nem particularmente excitantes, quer dizer, nem moralmente articulados nem portadores de conflito (LUHMANN, 2005, p. 69).

Todo o estudo de Niklas Luhmann (2005) discorre sobre a construção da identidade dos meios de comunicação, em especial o jornal impresso. Os critérios de noticiabilidade subjazem tal proposição, sendo assim, a perspectiva da seletividade das notícias evidencia a identidade dos veículos de notícia.

2.2.2 Segundo Mauro Wolf

Os critérios de noticiabilidade em Wolf:

O propósito percebido para esta introdução é identificar os critérios de noticiabilidade postulados na teoria contextual de Mauro Wolf (2005).

Wolf menciona a “... *distorção involuntária (...)* (*unwitting bias*)” como uma característica das organizações jornalísticas. A *distorção involuntária* apontaria para uma característica das redações no tratamento da notícia, “... ao modo em que é organizada, institucionalizada e desempenhada a profissão de jornalista” (WOLF, 2005, p. 188). Trata-se de ajustes internos da notícia para manter as condições *normais* (grifo do autor) do sistema, da redação jornalística. O que para Luhmann (2005) seria a automatização do sistema, a “*distorção inconsciente*” existente nas práticas de produção de notícias, é visto por Wolf (2005) como característica do sistema. Essas estruturas inferenciais são guias para a seleção e apresentação das notícias.

Segundo o autor, os estudos de *gatekeeper* estabelecem um paralelo entre os critérios de noticiabilidade e o que é veiculado nos jornais. Entretanto, estudos recentes, comparam a realidade social desenhada pela mídia (fora do sistema), com a imagem interna do sistema. Ao tentarmos estabelecer uma releitura dos critérios de noticiabilidade voltamos-nos ao lado de dentro do sistema, porém, inquietados pelas modificações do ambiente externo da redação.

A pesquisa [*gatekeeper*] leva em consideração tanto os fatores organizacionais, burocráticos, ligados à estruturação dos processos de produção, como os elementos mais específicos de comunicação, ou seja, intrínseco à peculiaridade da “matéria prima” trabalhada (WOLF, 2005, p. 190).

Os referidos autores conversam entre si, quando concebem uma redação jornalística enquanto um sistema. E como todo sistema apresenta dois lados, um exerce influência sobre o outro. Neste sentido, o meio condiciona um *modus operandi*, uma lógica de seletividade e, tais aspectos internos ao sistema, refletem uma maneira de representação da realidade. Um conjunto de critérios de relevância (*newsworthiness*) é que define a noticiabilidade de um evento, ou seja, a sua *aptidão* para ser transformado em notícia.

Para a publicação de notícias há uma exigência prévia de seleção. Essas não são veiculadas de modo aleatório, ou ao acaso. Definitivamente, nem todos os acontecimentos estão em conformidade com as características necessárias

às notícias, as quais são enquadradas sob determinados critérios de noticiabilidade.

Wolf (2005) enquanto referência para a categorização e reflexão sobre os critérios de noticiabilidade, faz uma busca em teorias concebidas em meados da década de 1970. Autores como Garbarino (1982), Rositi (1975), Epstein (1981), Altheide (1976), Golding-Elliott (1979), Tuchman (1977), Magistratti (1981). Período este drasticamente distinto ao atual em se tratando de acesso e disseminação de notícias, bem como, a relação temporal do fluxo dessas informações.

Os critérios de noticiabilidade são vetores indiciais utilizados pelo jornalista, entretanto, há um lado abstrato nessa ação, quando se leva em conta o fator cultura profissional, ou experiência. A noticiabilidade refere-se a uma soma de critérios, operações e instrumentos com os quais os editores devem transformar um número infinito de acontecimentos em uma quantidade finita de notícias. Bem como, não se trata de uma seleção arbitrária. Entretanto, Wolf (2005) ressalta que o sistema – a redação tem certa elasticidade com a qual pode proceder diante de situações contingentes.

Sendo assim, a noticiabilidade está estreitamente ligada aos processos que padronizam e tornam rotineiras as práticas de produção: ela equivale a introduzir práticas de produção estáveis numa “matéria prima” (os acontecimentos do mundo) por sua natureza extremamente variável e imprevisível (WOLF, 2005, p. 196).

Quando mencionamos o viés abstrato da noticiabilidade de um fato, inclui-se o que Wolf (2005) chama de distorção involuntária. A falta de espaço físico do jornal para o aprofundamento de uma notícia implica em um recorte no contexto do acontecimento. Percebemos que o processo de seleção de notícias que serão publicadas não se apresenta de maneira esquemática, linear e preordenada. As notícias impressas em um jornal são resultado de uma “... série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido...” (WOLF, 2005, p. 200).

Há duas perspectivas percebidas que se exige evidenciar sendo os critérios de noticiabilidade observados sob prismas distintos. Os estudos de *newsmaking* fazem parte da concepção da notícia no estado de matéria-prima, isto é, dos acontecimentos. Já, nossa angulação trata dos critérios de noticiabilidade ao que tange o produto, a notícia em si. O *newsmaking* deve ser observado quando se busca entender quais acontecimentos são considerados significativamente relevantes a serem transformados em notícia (construção). Subjacente ao *newsmaking* encontra-se os valores-notícia, os quais estão relacionados à matéria-prima. Levando em consideração que esses valores-notícia sofrem reajustes e redefinições. Nossa análise não evidencia para tal perspectiva, uma vez que olhamos para a relação notícia – editor – publicação.

Como exemplo cita-se os *single issue movements*, que são fatos únicos ou pontualmente novos, que passam a pertencer a essa cartilha. Com o propósito de esclarecer tal preceito, para Wolf (2005) os valores-notícia tratam-se:

(...) da lógica de uma tipificação, destinada à realização programada de objetivos práticos e, em primeiro lugar, a tornar possível a repetitividade de certos procedimentos. Sendo assim, os valores/notícia devem permitir uma seleção do material, feita apressadamente, de modo quase 'automático', caracterizada por certo grau de flexibilidade e de comparação (...) e, sobretudo, não seja suscetível de muitos obstáculos (WOLF, 2005, p. 204).

Mauro Wolf (2005) não faz uma precisa distinção entre critérios de noticiabilidade e valores-notícia, concebendo tais perspectivas de modo singular. Como mencionamos, percebemos que há uma aplicação em separado de ambos os conceitos, entretanto, utiliza-se o que Wolf (2005) entende por valores-notícia como critérios de noticiabilidade nossos. É a aplicabilidade teórica de um mesmo conceito em diferentes estágios da notícia. A relevância dos valores-notícia está na complementação de uma avaliação complexa, a qual busca definir um equilíbrio entre vários fatores.

O autor estabelece admissões implícitas ou relativas aos valores-notícia, sendo eles: 1) os caracteres substantivos das notícias, seu conteúdo; 2) a disponibilidade do material e os critérios relativos ao *produto* informativo; 3) o

público; 4) e a *concorrência* (WOLF, 2005). A primeira admissão relativa aos *caracteres substantivos* articula-se ao que tange a importância e o interesse da notícia. Desdobra-se em quatro critérios: hierarquia, impacto, quantidade e relevância. Em separado, pontuamos critério a critério:

a) O grau e nível hierárquico referem-se aos indivíduos envolvidos nos acontecimentos, "... seja no que concerne às instituições governamentais, seja quanto aos outros organismos e hierarquias sociais" (WOLF, 2005, p. 208). Esse critério está relacionado aos personagens da notícia, isto é, está atrelado ao grau de importância hierárquico econômico, de riqueza ou prestígio.

b) Impacto sobre as nações e sobre o interesse nacional evidencia a potencialidade em influenciar ou incidir sobre os interesses de um país. Interesse aproxima-se de significação, isto é, implica em participar de um contexto compreensível a um determinado local. A "... relevância referente ao sistema de valores ideológicos e aos interesses próprios do país em questão determina a importância de um evento" (WOLF, 2005, p. 210). Há relação entre proximidade e impacto. O impacto da notícia é acentuado ou diminuído conforme a proximidade de sua ocorrência; tanto proximidade geográfica quanto cultural.

c) A quantidade relativa ao número de pessoas, especificamente, é para Wolf subjacente aos caracteres substantivos da notícia. A quantidade é considerada um critério de noticiabilidade por valer-se de números, ou seja, uma determinada quantidade de pessoas envolvidas em um acontecimento. O grau de relevância e importância de uma notícia é potencializado em função desses números.

d) Os caracteres substantivos das notícias ainda incluem o critério de relevância e significatividade, sob uma perspectiva futura da notícia. Ou seja, em relação "... aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação" (WOLF, 2005, p. 212). Wolf (2005) observa em Gans o aspecto do *interesse* do público sob determinada notícia, que se soma a relevância e significatividade.

Gans expõe algumas categorias normalmente usadas para identificar os acontecimentos que respondem a esse requisito de noticiabilidade: a. histórias de pessoas comuns que passam a agir em situações insólitas, ou histórias de homens públicos, observados em sua vida privada cotidiana; b. histórias em que há uma inversão de papéis (“o homem que morde o cão”); c. histórias de interesse humano; d. histórias de feitos excepcionais e heróicos (WOLF, 2005, p. 214).

O referido autor desenvolve sua análise considerando os *critérios relativos ao produto e ao meio de comunicação*, como fatores que influenciam a noticiabilidade. Porém, ambos os aspectos dizem respeito ao estágio inicial da notícia, enquanto acontecimento. A ver, os critérios relativos ao produto referem-se às possibilidades do procedimento técnico do meio de comunicação. Inclui-se termos como acessibilidade, disponibilidade tecnológica, acessibilidade de cobertura, etc. Percebemos no estudo de Wolf (2005) que há uma hierarquização contestável ao nivelar critérios de *novidade e periodicidade* como elementos subjacentes ao produto.

A periodicidade da produção de informação constitui, por si só, o quadro de referência em que são percebidos os acontecimentos no mundo. Sendo assim, a produção cotidiana estabelece uma delimitação diária, e os eventos devem ter ocorrido nas 24 horas entre um noticiário e outro, para merecer sua inclusão neles (GOLDING-ELLIOTT *apud* WOLF, 2005, p. 216).

Entretanto, pode-se entender tal aproximação quando levamos em conta a necessidade da agilidade e disponibilidade técnica para cumprir e satisfazer os critérios de novidade e periodicidade.

Outra proposição concebida por Wolf refere-se a “... *critérios relativos ao meio*” (WOLF, 2005, p. 219). Tal critério concerne à qualidade técnica de uma notícia, quando necessárias imagens que ilustrem determinado acontecimento. As imagens e ilustrações devem apresentar padrões técnicos, o que correspondem à substancial parte de texto não verbal das notícias. Sucintamente o autor aponta *frequência* como sendo um critério relativo ao *meio*. Enquadram-se aquelas notícias recorrentes no cenário social.

Por frequência de um acontecimento entendemos o lapso de tempo necessário para que ele assuma uma forma e adquira um significado

[...]; quanto mais a frequência do acontecimento for semelhante à frequência do meio de comunicação, mais provável será sua seleção como notícia por aquele meio (GALTUNG-RUGE *apud* WOLF, 2005, p. 221).

O formato é um critério ao que tange a disponibilidade de espaço e de tempo para sua veiculação. Trata-se de um fator relativo ao meio e que exige a consideração de outros critérios de noticiabilidade. Por este quesito compreende-se que uma notícia pode não ser veiculada quando não há espaço ou tempo para tal.

Referindo-se à Gans, Wolf (2005) menciona que o jornalista não conhece seu leitor, e não quer. Porém, atentamos que esta consideração remonta os idos de 1970. Hoje, percebemos que cada vez mais se investe em pesquisa para decodificar o perfil dos leitores. Os “... *critérios relativos ao público*” (WOLF, 2005, p. 222) consistem na seleção sob que notícia interessaria ao leitor. Arelado a isso, leva-se em consideração:

... as notícias que permitem uma identificação por parte do espectador; b. as notícias de serviço; c. as chamadas *non-burdening stories*, ou seja, notícias leves, que não oprimem o espectador com muitos detalhes, ou com histórias deprimentes, ou desinteressantes (GANS *apud* WOLF, 2005, p. 223).

O último critério substantivo a notícia é o “... relativo à concorrência” (WOLF, 2005, p. 224). Postulado a este critério, notícias seriam veiculadas em função da concorrência, ou seja, mediante exclusividade (ou furos de reportagem).

Não necessariamente os critérios apresentam o mesmo nível de relevância para cada notícia. Assim como, o conjunto de critérios aplicados sobre as notícias é variável, alguns são sempre relevantes. Existe uma negociabilidade e relativização sob tais aspectos, entretanto, é evidente que esses critérios são essenciais na seleção de notícias a serem publicadas. Os critérios de noticiabilidade são:

(...) avaliados em suas relações recíprocas, em conexão uns com os outros, por “conjuntos” de fatores hierarquizados e complementares a si, e não tomados de forma isolada ou singular; toda notícia requer, portanto, uma avaliação (por mais automática e inconsciente que seja) da disponibilidade e da fidedignidade das fontes, da importância ou interesse do evento da sua novidade, além dos critérios relativos ao produto, ao meio e ao formato (WOLF, 2005, p. 227).

A figura 8 trata da representação ilustrativa dos critérios de noticiabilidade apresentados por Wolf (2005):



Figura 8 - Critérios de noticiabilidade em Wolf
 Fonte: Adaptado de WOLF, 2005, p. 188-222.

2.2.3 Critérios de noticiabilidade desde a consonância entre os autores

A ideia em evidenciar uma consonância entre os autores Niklas Luhmann (2005) e Mauro Wolf (2005) se mostra fundamental para estudar os critérios de noticiabilidade sob dois pontos de vista complementares.

De uma interpretação sociológica proposto por Niklas Luhmann (2005) no qual olha a *realidade dos meios de comunicação*, a partir do qual concebemos o jornal impresso enquanto sistema, às *teorias das comunicações de massa* de Mauro Wolf (2005). O balanço teórico que vemos em ambos os autores nos ajuda a estabelecer um retrato teórico acerca dos critérios de noticiabilidade. Halloran diz que:

Houve pouquíssimas tentativas sistemáticas de estudar o emissor, que ocupa uma posição crucial numa rede social, com a possibilidade de rejeitar e de selecionar a informação, em consonância com a gama de pressões exercidas num dado sistema social (HALLORAN *apud* WOLF, 2005, p. 183).

Não prendemo-nos a definição hermética do termo *emissor* (repórteres e editores-chefe), por não se fazer necessária tal abordagem. De qualquer forma, Wolf (2005) ressalta que a relevância dos estudos sobre emissores se dá ao superar fatores como "... a centralidade social da mídia e a mudança (lenta e não definitiva) de teoria de comunicação" (WOLF, 2005, p. 183).

Duas foram as abordagens que caracterizaram esse desenvolvimento: a primeira – ligada à sociologia das profissões – estudou os emissores do ponto de vista das suas características sociológicas, culturais, do padrão de carreira seguido por eles, dos processos de socialização sofridos, e assim por diante. Nessa perspectiva, portanto, são estudados alguns fatores "externos" à organização do trabalho, que influenciam os processos de produção dos comunicadores (WOLF, 2005, p. 183).

Vê-se fundamental levar em conta o sistema sob amplo espectro, isto é, fatores relacionados ao interior e exterior da redação, em lógica sistêmica. Ambos autores e suas linhas teóricas particulares complementam-se, a partir de cada qual se extrai os critérios de noticiabilidade aplicados neste trabalho: como podemos ver ilustrado na Tabela 3.

Tabela 3 - Critérios de noticiabilidade codificados como unidades de registro

Critérios de noticiabilidade codificados como unidades de registro
Localismo / Proximidade
Importância/ Relevância/ Pertinência/ Interesse
Quantidade
Exclusividade/ Ineditismo/ Concorrência
Qualidade técnica
Atualidade/ Novidade / Factualidade
Conflito
Interesse
Impacto
Curiosidade/Surpresa
Opinião
Transgressão a norma

Fonte: Adaptado de WOLF, (2005, p.188-222) e LUHMANN (2005, p. 23-69).

A referida Tabela consiste em uma adequação de consonância teórica entre os autores; deve-se ter claro que para sua estruturação não houve nenhuma ordem de relevância. A proposição desta ligação teórica é necessária para a aplicação metodológica do Tratado Científico desta dissertação, bem como, ressalta-se que a interpretação desses tópicos está explicitada no mesmo capítulo.

3 TRATADO CIENTÍFICO

A autora Laurence Bardin (2008) servirá de guia à fundamentação e construção da metodologia e método da pesquisa. Temos claro quais objetivos queremos alcançar, conhecer quais os critérios de noticiabilidade são utilizados pelos editores-chefe de forma prática e efetiva em suas escolhas editoriais. Para isso, propomos uma fusão aos moldes de fundamentação, construção e aplicação de pesquisa propostos pela referida autora, com ideias próprias.

Para a investigação de quais critérios de noticiabilidade estão sendo utilizados em tempos de acelerada difusão de notícias e atualização devido à Internet, adaptamos uma metodologia de pesquisa. As alternativas de análise seriam de caráter discursivo e de conteúdo, porém a metodologia aplicada neste estudo não se enquadra plenamente em nenhuma delas, por identificarmos não abrangerem todas as suas características. O estudo que se desenvolve nesta dissertação sugere técnicas de análise de conteúdo para a construção de unidades de registro, a partir de respostas a questões abertas, bem como, uma observação *in locus* das reuniões de pauta da redação do jornal.

A investigação analítica de conteúdo a partir de perguntas reflete em respostas, cujo conteúdo pode ser previsível, hipoteticamente concebido, porém devemos atentar-nos para distinguir as nuances subjetivas dessa fala. Por apresentarmos perguntas que exigem respostas objetivas, o conteúdo para além dessa característica não será reconhecido como relevante.

Com o propósito de indagar aos entrevistados quais são os critérios de noticiabilidade por eles reconhecidos e utilizados em suas rotinas de trabalho, ressaltaremos das respostas os critérios mencionados. Em um primeiro momento sem contar com nenhuma indução teórica ou confirmatória, esperamos respostas pensadas e espontâneas, o que refletirá na enunciação dos critérios de noticiabilidade utilizados por esses profissionais, em sua lide. Segundo Bardin (2008, p. 65), deve-se ter controlada “... a margem de interpretação pessoal e de subjetividade aumentada”. Para analisar respostas

de perguntas desse teor, “... basta ‘pegar no conteúdo’ de forma descritiva. Neste caso, categorizar implica apenas um baixo nível de teorização” (BARDIN, 2008, p. 64). Com base na fala do editor, faremos uma triagem no conteúdo, destacando os critérios de noticiabilidade mencionados.

Segundo Bardin (2008), a organização da análise se dá em torno de *três polos cronológicos*: a) a pré-análise; b) a exploração do material e c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise sugere a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, no caso o conteúdo da entrevista com os diretores de redação. Diferentemente da indicação da autora, neste momento, não proporemos hipóteses, visto que objetivamos evidenciar dentro de todo um contexto os critérios de noticiabilidade. Dentro da pré-análise, “... haverá a formulação e a elaboração de indicadores que auxiliarão na interpretação final” (BARDIN, 2008, p. 121). A pré-análise visa à organização de todo o material a ser analisado, em nosso caso, o texto fidedigno ao discurso oral do entrevistado. Desse *corpus*, serão eleitos blocos que expressem os critérios de noticiabilidade, a fim de canalizar o conteúdo ao propósito da investigação. “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2008, p. 122). Ou seja, a análise será feita a partir da transcrição referente às unidades de registro (critérios de noticiabilidade) e estruturadas em blocos.

Seguiremos as três regras propostas por Bardin (2008, p. 124): a) a *regra de pertinência*, na qual os “... documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objecto que suscita a análise”; b) a *regra da homogeneidade*, cujos documentos devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha. Esta regra é válida para certificar que as questões feitas aos editores de redação serão as mesmas e que suas respostas em um momento final serão relacionadas. Entretanto, por tratar-se de um questionário de respostas abertas, as perguntas podem variar de acordo com o fluxo da conversa. De certa maneira, uma comparação entre o entendimento dos editores em relação aos critérios de noticiabilidade, com a

finalidade de propor uma tabela desses critérios de forma revisitada ao contexto da sociedade em rede:

Por exemplo, as entrevistas de inquérito efectuadas sobre um dado tema devem referir-se todas a esse tema, ter sido obtidas por intermédio de técnicas idênticas e ser realizada por indivíduos semelhantes. Esta regra é, sobretudo, utilizada quando se deseja obter resultados globais ou comparar entre si os resultados individuais (BARDIN, 2008, p. 124).

c) a terceira regra é a da *referenciação dos índices e a elaboração de indicadores*. Para Bardin (2008, p. 126), o índice “é a menção explícita de um tema em uma mensagem”. Da totalidade do *corpus*, o *índice* será a ferramenta para elencar os critérios de noticiabilidade mencionados:

Uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros. Desde a pré-análise devem ser determinadas operações de *recorte do texto* em unidades comparáveis de *categorização* para análise temática e de modalidade de *codificação* para o registro dos dados.

Na pré-análise de Bardin (2008), é necessária uma *exploração do material*, requisito este que também será realizado. A totalidade do *corpus* primário é o áudio, o qual armazenará todo o conteúdo da entrevista. Do áudio será feita transcrição para texto da totalidade das entrevistas, sendo a partir deste que se baseará a análise. A partir dos indicadores temáticos eleitos, será feita uma triagem sobre o texto nos quais o entrevistado referencia os critérios de noticiabilidade (unidades de registro).

O passo seguinte consiste em codificar esses blocos de texto. Essa codificação, segundo Bardin (2008, p. 129), corresponde “... a uma transformação (...) dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação de enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão; que pode servir de índices”. Consiste em um procedimento pelo qual tais unidades pontuem as características pertinentes do conteúdo. Em nosso caso, cada critério de noticiabilidade identificado seria uma unidade. Essa unidade de registro será estabelecida de acordo com o *tema*. E

tal unidade de significação está relacionada à teoria que serve de guia à leitura, apresentada, nesta dissertação, no respectivo capítulo sobre critérios de noticiabilidade.

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os – núcleos de sentido – que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido (...) O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. (BARDIN, 2008, p. 131).

Dos resultados obtidos e interpretação desse corpus a partir das unidades de registro, será construída uma tabela que elencará os critérios de noticiabilidade mencionados pelo editor e sua definição.

Os resultados em bruto são tratados de maneira a serem significativos (...) e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise factorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise (BARDIN, 2008, p. 127).

A segunda etapa da entrevista consiste em uma verificação verbal de uma tabela de critérios de noticiabilidade evidenciados neste trabalho, para análise dos respectivos entrevistados. Nessa ferramenta de análise, haverá uma lista de critérios de noticiabilidade previamente eleitos por nós (constante no sub-capítulo 2.2.3 “Critérios de noticiabilidade desde a consonância entre os autores”), conforme uma adequação da teoria sob perspectiva da sociedade em rede. Tal seleção tem por base o estudo sobre os critérios de noticiabilidade da presente dissertação, que utiliza Mauro Wolf (2005) e Nicklas Luhmann (2005) como autores de referência. De acordo com Bardin (2008), para realizar uma análise de conteúdo, não é de obrigação do pesquisador a categorização, uma vez já definidas as unidades de registro. Entretanto, a eleição dos critérios de noticiabilidade a serem utilizados nesta verificação, para análise comentada do entrevistado, baseia-se em uma categorização: “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2008, p. 145). A

autora estabelece quatro critérios de categorizações, que são: semântico, sintático, léxico e expressivo. O de maior pertinência a presente pesquisa é o critério semântico, por percebermos que cada critério de noticiabilidade pertence a um mesmo tema, categoria.

A pertinência: uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido. Na pertinência (*pertinens*: que diz respeito a, relativo a...) há uma ideia de adequação ótima. O sistema de categorias deve reflectir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens (BARDIN, 2008, p.148) (grifo do autor).

A tabela é resultado da nossa percepção dos critérios de noticiabilidade propostos por Wolf (2005) e Luhmann (2005), porém adaptados ao cenário da sociedade em rede. Um entrecruzamento entre ambas as teorias, porém estabelecido sob os olhos de um cenário de ruptura de paradigma de tempo de duração de uma notícia. Sendo assim, esperamos do entrevistado uma análise do cartão-tabela com o intuito de dizer, critério a critério, se permanecem sendo utilizados ou não e a devida definição destes, além dos porquês de sua continuidade ou exclusão. O entrevistado, ao observar e comentar cada critério elencado, fornecerá mais uma verificação de quais critérios de noticiabilidade são utilizados e a devida definição.

Seguindo as duas etapas propostas, teremos, como resultado, critérios de noticiabilidade verificados por profissionais do mercado, isto é, conteúdo que poderá ser conferido junto à teoria apresentada nesta dissertação. Dessa forma, será possível estabelecer critérios de noticiabilidade revisitados e coerentes ao período em que nossa sociedade se apresenta.

O veículo eleito para análise é o jornal Zero Hora. A escolha teve como base sua distribuição geográfica de abrangência estadual. Acreditamos que, para a análise proposta, seja fundamental compreender os critérios de noticiabilidade dos editores-chefe desse veículo. Esse profissional atua sobre uma pirâmide, na qual cada ponta representa uma diretriz que influencia as suas escolhas. Distante de uma perspectiva subjetiva, o editor-chefe leva em

consideração a ética do profissional de jornalismo; a questão institucional, mercantil e comercial; e o público. É o único profissional de uma redação que tem uma visão global sobre o jornal. A escolha do jornal em questão foi feita em função de sua expressiva tiragem e alcance geográfico no estado do Rio Grande do Sul. A tiragem média máxima atinge os 200 mil exemplares.

Sobre o jornal Zero Hora:

Em 4 de maio de 1964, o Jornal Zero Hora teve sua primeira edição publicada, completando 45 anos em 4 de maio de 2009. Nesta primeira edição, um dos editoriais idealizava que Zero Hora fosse um jornal "... autenticamente gaúcho, democrático, sem vínculos ou compromissos políticos, com único objetivo: servir o povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis". O jornal posiciona-se como um jornal gaúcho guiando-se institucionalmente sob esta perspectiva. Zero Hora articula-se estrategicamente focada em seu local de circulação, no caso o estado do Rio Grande do Sul.

O jornal Zero Hora é segmentado em 23 cadernos temáticos, de veiculação periodicamente alternada e regular. Organizado em editorias diárias, as quais: Capa, Informe Especial, Reportagem Especial (páginas 3 e 4), Política, Editoriais, Artigos, Economia, Mundo, Geral, Obituário, Polícia, Esportes, Colunas e Charges e Contra-capa. Para cada editoria há um editor responsável, que são: Altair Nobre (editor-chefe), Christianne Schmitt (editora de Geral), Diego Araújo (editor de Polícia), Luciano Perez (editor de Mundo), Luis Antônio Araújo (editor de Política), Pedro Dias Lopes (editor de Internet), e Ricardo Steffaneli (diretor de redação).

3.1 TRATADO CIENTÍFICO DO ESTUDO

A partir de uma organização metodológica baseada em Bardin (2008) propôs-se estruturar a pesquisa em dois momentos. O primeiro trata-se de uma observação *in locus* das reuniões de pauta da redação de Zero Hora, nas quais todos os editores se fazem presentes e quando discutem sobre pautas e matérias a serem publicadas no dia seguinte. Esses encontros ocorrem três vezes ao dia, no início de cada turno, na própria redação do jornal. É o momento em que os editores discutem as propostas e evolução das notícias no decorrer do dia.

A observação viabiliza a compreensão sistêmica da redação, bem como uma possível verificação do segundo momento da pesquisa. Nesta segunda etapa, que se deu concomitante ao acompanhamento das reuniões de pauta, realizou-se uma entrevista individualizada com cada editor, totalizando sete. As perguntas foram estabelecidas com o propósito de suscitar espontaneamente os critérios de noticiabilidade por eles utilizados. Seguido a isso, foi trazido um elenco de critérios postulados em teoria, dos quais foi, induzidamente, solicitado que o editor comentasse a relevância, pertinência, identificação de dado critério em seu trabalho e a significação. Pontua-se que levaremos em consideração aqueles critérios que foram mencionados livremente. Foi uma divisão metodologicamente intencional.

A descrição detalhada do método de estudo pode ser contemplada nos quesitos que seguem, ordenados a partir da rotina cronológica de trabalho.

- **Definição do veículo impresso:**

- Definiu-se o jornal Zero Hora por ser o veículo impresso de maior circulação diária e abrangência no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

- **Realização do questionário:**

- Confeccionou-se um questionário aberto (APÊNDICE A), com perguntas pré-definidas que serviria de roteiro para a entrevista individual.
- Este questionário se definiria como aberto, adaptável e flexível ao contexto da entrevista.

- **Lista das Unidades de Registro Pré-definidas:**

- Produziu-se uma tabela de unidades de registro.
- Para análise e tratamento dos resultados das entrevistas se estabeleceram unidades de registro.
- Para este estudo os critérios de noticiabilidade foram entendidos como unidades de registro.
- Estas foram estabelecidas a partir da revisão bibliográfica realizada, que serviram de base para a confecção da Tabela 4.
- É imprescindível destacar que esta tabela serviria de guia, a qual poderia se esperar uma ampliação em decorrência da análise prática, isto é, atentos para a menção de critérios de noticiabilidade (unidades de registro) não elencados na tabela.

Tabela 4 - Critérios de noticiabilidade codificados como unidades de registro

Critérios de noticiabilidade codificados como unidades de registro:	Interpretação:
Localismo / Proximidade	Quando relacionadas ao entorno geográfico do leitor.
Importância/Relevância/Pertinência/Interesse	Referente ao grau de influência sobre a vida do leitor.
Quantidade	Referente ao número de pessoas envolvidas em determinado acontecimento; números discrepantes.
Exclusividade/Concorrência	Ineditismo/Referente à posse de notícias em primeira mão.
Qualidade técnica	Referente à qualidade estética da notícia.
Atualidade/Novidade/Factualidade	Referente ao contexto atual, rompimento do esperado.
Conflito	Referente a circunstâncias de embate social.
Interesse	Referente ao espectro social de abrangência.
Impacto	Referente ao grau de influência social.
Curiosidade/Surpresa	Referente ao rompimento do lógico.
Opinião	Referente a pronunciamentos.
Transgressão a norma	Referente ao rompimento da ética e moral social.

Fonte: WOLF, (2005, p.188-222) e LUHMANN (2005, p. 23-69).

- **Planificação do método de registro:**
 - Utilizou-se um gravador de áudio digital para registro das entrevistas, além de suporte papel.

Análise *in locus*:

○ **Reuniões de pauta:**

- As reuniões de pauta foram observadas presencialmente.
- As reuniões ocorrem diariamente, no início de cada turno, manhã, tarde e noite. O propósito é discutir pautas para definir a edição do jornal do dia seguinte. A duração de cada reunião é de aproximadamente uma hora. Compunham as reuniões, editores-chefe, repórteres e fotógrafos.
- Para este estudo se definiu como amostra significativa presenciar durante um período de quatro dias de reuniões de pauta, nos diferentes turnos, participando de maneira observatória, totalizando 12 reuniões.
- Como ferramenta de registro se utilizou suporte papel para eventuais anotações.

○ **Entrevistas individuais:**

- Definição dos entrevistados:
 - Os entrevistados foram selecionados segundo função que exercem em Zero Hora. Definiu-se como critério seletivo exercer a função de editor-chefe.
 - Para este estudo se definiu como amostra significativa a realização de entrevistas individualizadas com sete editores-chefe.
 - Realizou-se uma reunião individualizada com cada editor-chefe selecionado, totalizando sete reuniões de aproximadamente 45 minutos.

- Como ferramenta de registro se utilizou gravador de áudio digital.

- **Tratamento dos resultados:**

- **Reuniões de Pauta:**

- Elaborou-se um relatório das informações extraídas e observadas de cada reunião de pauta.

- **Entrevistas Individuais:**

- Transcrição integral das entrevistas de áudio para a escrita;
- Detecção das unidades de registro codificadas (Tabela 4) no material das entrevistas disponível.
- Identificação das unidades de registro na totalidade das entrevistas transcritas.
- Transformação em blocos de texto.
- Extração de fragmentos destes blocos de texto de acordo com as unidades de registro identificadas.
- Identificação do número de menções das unidades de registro verificadas.
- Análise e discussão destes dados, baseado nas hipóteses e objetivos do presente trabalho.

A aplicabilidade do tratado metodológico descrito viabilizou a obtenção dos Resultados apresentados no Capítulo 4 desta dissertação, bem como, Análise e Discussão dos mesmos.

4 RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Oriundos da aplicação do tratado metodológico desta dissertação apresentam-se os resultados obtidos. A partir do acompanhamento das reuniões de pauta e entrevistas com os editores-chefe pode-se observar o funcionamento lógico do sistema e identificação dos critérios de noticiabilidade utilizados. Os resultados referem-se aos critérios de noticiabilidade codificados enquanto unidades de registro, identificados a partir das entrevistas com os editores-chefe, como evidenciado na Tabela 5 abaixo.

Tabela 5 - Menções dos Critérios de Noticiabilidade/Unidades de Registro

Critérios de noticiabilidade codificados como unidades de registro:	Número de menções:	Porcentagem:
Localismo / Proximidade	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo	100%
Importância/ Relevância/ Pertinência/ Interesse	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo	100%
Quantidade	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano	70%
Exclusividade/ Ineditismo/ Concorrência	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo	100%
Qualidade técnica	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo	100%
Atualidade/ Novidade/Factualidade	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo	100%
Conflito	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Altair	70%
Interesse	Luis, Diego, Luciano, Altair, Ricardo	70%
Impacto	Luis, Christianne	30%
Curiosidade/Surpresa	Luciano	15%
Opinião	Luis, Christianne, Altair	40%
Transgressão a norma	Luis, Diego	30%

Fonte: Resultado das entrevistas realizadas pelo pesquisador, 2009.

A Tabela 5 mostra critério a critério, o número de menções (nome dos editores que referenciam tal unidade de registro) e a porcentagem total de referência do critério. Seguido a isto, apresenta-se a releitura de cada critério identificado, a partir da compreensão dos entrevistados. Fazendo uma releitura individualizada de cada critério de noticiabilidade.

Localismo/Proximidade:

- É de consenso entre todos os editores a utilização do critério de proximidade, ou localismo como especificamente se referem. Os editores orientam-se, invariavelmente, a partir do local para publicação de notícias. Para além da consonância da distribuição do jornal, a proximidade é buscada em todos os aspectos da notícia, conexões ao local – sejam culturais ou geográficas. O localismo associa-se a ligação da notícia ao Rio Grande do sul, aos gaúchos.

Importância/Relevância/Pertinência/Interesse:

- É de consenso entre todos os editores a utilização do critério de importância. Entretanto, não isoladamente, sendo este associado a outros critérios de noticiabilidade. A relatividade deste critério exige referência à relevância, pertinência e interesse de determinada notícia.

Quantidade:

- O critério quantidade não é referenciado pela totalidade dos entrevistados. A quantidade refere-se ao número de envolvidos em determinado acontecimento, ou ao número de pessoas que determinada situação pode atingir, afetar.

Exclusividade/Ineditismo/Concorrência:

- O critério concorrência passa a valer no momento em que se tem uma notícia exclusiva, quando observados outros veículos de notícias. Há concordância entre os entrevistados quando avaliam que a exclusividade/ineditismo/furo de uma notícia é um critério comumente utilizado.

Qualidade técnica:

- O critério de qualidade técnica é utilizado por todos os editores, entretanto, o identificado refere-se à existência de fotografia como ilustração de notícias. A fotografia mostra-se um critério determinante para a publicação de uma notícia.

Atualidade/Novidade/Factualidade:

- Atualidade é um critério confirmado por todos os editores entrevistados, entretanto, há particularidades. É considerado mais adequado compreender a atualidade como atualidade ampliada, nuançada, com profundidade, de abordagem antecipatória a determinada notícia/fato. O que contrapõe a idéia de *hardnews*, apresentado angulações e diferentes perspectivas da notícia.

Conflito:

- Há concordância entre os entrevistados quando avaliam o critério conflito, o qual abrange a repercussão em termos de debate social.

Interesse:

- Entre os entrevistados há um consenso de que o critério de noticiabilidade Interesse está baseado na ideia sobre aquilo que pode interessar o leitor. Interesse aproxima-se a notícias de serviço, de utilidade social. O aspecto do curioso está associado ao critério Interesse.

Impacto:

- Este critério mencionado refere-se às notícias de efetivo impacto social.

Curiosidade/Surpresa:

- Critério que prioriza a publicação de notícias inusitadas que despertam a curiosidade do leitor.

Manifestação de opinião:

- A manifestação de opinião é um critério que exige contexto para publicação, isto é, nem toda opinião necessariamente é relevante de publicação. Não se mostra como um critério utilizado isoladamente.

Transgressão a norma:

- Este critério é entendido como transgressão a conduta moral e ética social, associada a uma esperada repercussão polêmica.

Critérios de noticiabilidade não codificados como unidades de registro:	Número de menções:	Porcentagem:
Espaço	Pedro, Luis, Diego, Christiane, Luciano, Altair, Ricardo	100%
Qualidade Técnica: • Fotografia	Pedro, Diego, Christiane, Luciano, Altair, Ricardo	80%

Espaço:

- Entre os entrevistados há um consenso de que o critério espaço é invariavelmente utilizado em suas decisões. Este critério refere-se à disponibilidade espacial física do jornal para publicação de notícias.

Fotografia:

- Para os editores entrevistados a fotografia é concebida como um critério de noticiabilidade. Este critério atribui a utilização de fotografia para ilustração de determinada notícia.

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Apresenta-se neste momento, a análise e discussão dos resultados obtidos⁶. A investigação suscitou a análise dos resultados sob duas perspectivas, ambas abordadas no aporte teórico desta dissertação.

4.1.1 Perspectiva Sistêmica e Critérios de Noticiabilidade

O estudo acerca dos critérios de noticiabilidade em perspectiva sistêmica é uma temática que desperta interesse em âmbito teórico e prático. Parte de uma aproximação teórica própria, na qual enxerga o funcionamento do jornal enquanto um sistema. A necessidade expressa em rever os conceitos teóricos sob nova perspectiva – de sociedade em rede, para assim saber os critérios de noticiabilidade estão modificados.

A hipótese de que a sociedade em rede sob lógica de fluxos de notícias exerça influência sobre os critérios de noticiabilidade do sistema é um tema de relevância, dada as novas possibilidades de publicação/veiculação de notícias.

Para isso se desenhou a metodologia deste trabalho, baseado em Bardin (2008), a fim de conhecer se os critérios de noticiabilidade do jornal impresso sugeridos em teoria por Mauro Wolf (2005) e Niklas Luhmann (2005) se aplicam ao presente contexto.

Luhmann (2005) sugere a ideia conceptiva de sistemas para compreender o funcionamento dos meios de comunicação, no caso desta dissertação, especificamente do jornal impresso.

Sob este prisma observamos a redação de um jornal, na qual as notícias são recebidas, selecionadas, produzidas e veiculadas. A lógica de

⁶ Todas as citações transcritas a partir das páginas 102 a 112 são trechos das entrevistas realizadas pelo autor desta dissertação com os editores-chefe do jornal Zero Hora.

construtivismo operacional se adequa ao funcionamento (*latu sensu*) da redação. Para o qual, os critérios de noticiabilidade fazem parte da operacionalização. Entretanto, não concebemos a operacionalidade de modo reducionista e não reflexivo, mesmo assim podendo ser em algum momento. O sistema sugere a ambivalência de dentro e fora, e estabelece-se de acordo com sua prática de funcionamento.

O sistema referido é a redação jornalística, composta por editores e repórteres. Ambos trabalham em congruência, porém, objetiva ou subjetivamente, são os editores que utilizam os critérios para a publicação de notícias. O sistema segue uma lógica mercantil, ou seja, notícias, além de informar, devem ter apelo de produto à venda. A notícia por seu próprio conteúdo talvez não seja suficiente para ser publicada, sendo necessário um tratamento editorial para tal. Esta característica apresenta consonância à teoria de Mauro Wolf (2005) que destaca como critério de noticiabilidade a qualidade técnica da notícia.

O sistema é organizado de acordo com uma linha editorial, sob a qual todos os editores se baseiam em maior ou menor grau. Dessa forma, o editor atenta-se em olhar para além de uma notícia específica, analisando todo o contexto que ocorre no jornal. Além dessa percepção holística, os editores estão constantemente refletindo sobre a espacialidade de determinada notícia dentro do jornal.

A hierarquia espacial evidencia-se quando, no momento de decisão de publicação, certa notícia se tornará capa, contracapa ou página de destaque⁷, por exemplo. O fluxo desse sistema é de notícias, há necessidade de controle desse fluxo. Desde o momento em que as pautas passam a ser transformadas em textos, passando pela edição da página, até o envio à publicação.

O editor está posicionado frente a um manancial de notícias sendo exigido avaliar por diversas variáveis, tais como o espaço do jornal, a concorrência com outros conteúdos e veículos e a adequação à linha editorial

⁷ No caso de Zero Hora, as páginas 4 e cinco são as páginas nas quais a principal notícia do dia será publicada.

do jornal. Este último aspecto está de acordo com a política organizacional, objetivos institucionais, econômicos e de tendência.

Percebemos que a decisão do editor em publicar determinada notícia em detrimento de outra se divide em automatização e reflexão. Esta dualidade é uma característica comum e recorrente na redação do Zero Hora, reflexo do próprio sistema, que sugere uma automatização do trabalho, mas, ao mesmo tempo, em dados momentos, incita à reflexão. A projeção do dia seguinte exige uma reflexão flexível, uma vez que, as apostas podem deixar de ter valor para o dia seguinte, sendo substituídas por outras. É nesta substituição que podemos evidenciar os critérios de noticiabilidade.

O que eu procuro fazer é ficar o tempo inteiro me cobrando se eu não estou só no automático. Se tu me deixar, eu trabalho sem pestanejar. O que que eu faço? Eu estou sempre me cobrando pra ver se eu estou criando dúvidas em mim, e se estou criando dúvidas na equipe e criando dúvidas no jornal. Então, assim, tem muito de disseminar dúvidas (LOPES, 2009, APÊNDICE A)⁸.

O processo de seleção de notícias é caracterizado por uma evidente complexidade. O sistema exige a consonância entre um editor e os demais que o compõem, o que sugere um funcionamento coordenado do grupo e não individualizado. As decisões passam por avaliações de diversos editores, de outras editorias, durante as reuniões de pauta.

Hipoteticamente, duas notícias efervescentes podem ser agendadas para publicação em dias distintos. Outra evidência observada desse expediente planejado é o agendamento de reportagens para o mês seguinte, inclusive para o próximo ano. Entretanto, notícias de caráter *hardnews* – factuais, que devem ser publicadas próximo de seu acontecimento, são salientadas pelo seu aspecto emergente, a colocando em evidência hierárquica, em posição as demais notícias.

Este fator é característico do sistema, a ambivalência temporal, evidenciado no desenvolvimento antecipado do jornal: a edição do dia seguinte

⁸ LOPES, Pedro Dias. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Internet**. Porto Alegre, 17 out. 2009.

é montada no dia anterior. Bem como, normalmente, as notícias referem-se ao dia anterior da veiculação do jornal. Essa ambivalência passa a ser pertinente quando as notícias assumem a característica de instantaneidade, como no caso do espaço de fluxo da Internet.

A periodicidade e atualização do jornal impresso obrigada o sistema a manter-se funcionando em dois modos. Ao mesmo tempo em que observa o presente (hoje), projeta o jornal no futuro (amanhã). Ou seja, as notícias ocorrem no presente (hoje), e são publicadas no futuro (amanhã).

Uma nota típica da página três do jornal, inclusive foi à página três do jornal. Porque é uma coisa curiosa, [mas] não vai ter espaço de meia página no jornal. Na Internet isso não só foi à foto de capa, como foi à notícia mais lida do dia. Então, eu não posso me ater a critérios impressos, de hierarquia, que não funciona na Internet. (...) Mas no dia a dia tu vai ver que a Internet é um pouco mais solta, um pouco mais pop (LOPES, 2009, APÊNDICE A)⁹.

A maioria dos editores do jornal impresso dirige sua atenção à notícia, sob parâmetros diferenciados aos evidenciados na citação acima do editor de Internet. Isso pode sugerir uma hierarquização de critérios de noticiabilidade diferenciados, pela instantaneidade e lógicas espaciais diferenciadas dos meios.

Os critérios de noticiabilidade não se descolam da trajetória e posicionamento do jornal para com a sociedade, o que reflete na publicação de determinados temas e assuntos. A identidade do jornal, ou linha editorial, é constituída a partir desses fatores, que influenciam sobre os critérios de noticiabilidade.

O jornal Zero Hora, por ser um veículo de distribuição estadual, tende a publicar (abordar) notícias de mesma escala, ou que tenha conexão com o ambiente pelo qual circula. Esta evidencia de proximidade geográfica associa-se a teoria de Mauro Wolf e Niklas Luhmann, ao passo que as notícias publicadas estão de acordo com sua localidade (localismo).

⁹ LOPES, Pedro Dias. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Internet**. Porto Alegre, 17 out. 2009.

É comum incidir concorrência (Luhmann, 2005 e Wolf, 2005) entre notícias para publicação no dia seguinte, em função de diversos aspectos, dentre eles o espaço finito do jornal. A condição espacial é outro fator inerente ao jornal impresso, posto que as notícias disputam espaço no jornal.

Esse atrito do sistema promove uma depuração mais atenta aos critérios de noticiabilidade, valorando isolada e conjuntamente ambas as notícias. A engrenagem do sistema tem por característica escolhas, dos mais diversos níveis, tais como, abordagens de determinada notícia, posição no jornal, tamanho, ilustração (foto e gráficos) etc. Essas definições não estancam modificam-se constantemente. Por tratar-se de uma “aposta”, as expectativas podem frustrar-se no decorrer da apuração e produção da notícia, sendo necessária uma reavaliação de todos esses aspectos mencionados. A reordenação diária caracteriza o jornal do dia seguinte. Laboralmente, a reflexão sobre os critérios de noticiabilidade institui-se durante as reuniões de pauta e em momentos diversos (informais) do dia.

O planejamento engloba quando determinada notícia será publicada. É levado em consideração o equilíbrio do qual nos referimos anteriormente, notícias concorrem entre si nos aspectos “peso” e espaço. O critério de noticiabilidade relevância, importância (LUHMANN, 2005; WOLF, 2005) (peso) é observado tanto em teoria quanto na prática.

Sendo assim, os critérios de noticiabilidade são os principais vetores para tal resolução. Além do acordo entre editorias para estabelecer o equilíbrio do qual nos referimos anteriormente.

O que acontece é que se o espelho é pequeno e o jornal tem só 40 páginas e nós vamos tentar ver qual editoria que está com menos movimento naquele dia e vamos tirar espaço dela e o jornal tem que abarcar tudo o que for relevante. (...) o critério para não publicar uma informação (...) tem que ser uma informação que não tenha uma apuração segura. Nós só publicamos informações que nós podemos submeter aos nossos critérios de checagem, de ouvir os dois lados, de ter uma segurança muito grande sobre aquilo que a gente publica, seja

baseado em documentos, seja baseado em gravações, em elementos materiais (ARAÚJO, 2009, ANEXO A)¹⁰.

O termo limitação espacial sugere certa debilidade do meio, sendo que observamos a condição espacial como uma característica particular ao jornal impresso. Sem juízo de valores, nem positivo nem negativo, vemos como um elemento condicionante para o funcionamento do sistema. Este aspecto de espaço finito é caráter determinante para a construção diária do jornal impresso. Para além dos critérios de noticiabilidade, a tentativa em evidenciar aspectos definidos para a publicação de notícias com base na condição espacial se mostra complexa. Além de implicação sobre aquilo que será publicado, influencia em como será apresentada determinada notícia.

Vemos que o espaço físico do jornal impresso é um fator condicionante na decisão de publicação de notícias. É, inclusive, uma característica de sobrevivência do sistema, no qual distintas notícias concorrem a um mesmo espaço.

Esta disputa ocasiona a derrubada de notícias, implícito a isto se evidencia critérios de noticiabilidade definidos. Percebe-se que o sistema exige determinação na escalada de notícias, sobrepondo umas as outras, estabelecendo hierarquicamente uma lógica (de elevada subjetividade) de publicação. O editor faz parte do sistema, da mesma forma podemos considerar que o sistema é constituído de jornalistas e editores, indivíduos que atuam profissionalmente a partir de critérios pessoais e institucionais.

A interferência gráfica é um elemento de planejamento, uma vez que o jornal é dividido em editorias, conseqüentemente dá indicativos de hierarquia. A lógica do sistema suscita hierarquização e planejamento para a publicação de notícias, além dos critérios de noticiabilidade em si. A hierarquização espacial é verificada pelo aspecto do tamanho de determinada notícia, isto é, notícias consideradas importantes recebem um maior espaço, e o inverso é verdadeiro.

¹⁰ ARAÚJO, Luis Antônio. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Política do Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 19 out. 2009.

Há páginas específicas para notícias específicas, da mesma forma que as principais notícias são referidas na capa do jornal.

O projeto gráfico (...) o desenho do jornal, (...) hierarquiza, ele diz para o leitor: isso é mais importante, (...) isso é menos importante, (...). O projeto gráfico ele ajuda a dar essa hierarquia. O editor, ele faz esse juízo de valor, (...) e acaba dando a hierarquia aos fatos, (...) às tendências captadas num determinado dia. (STEFANELLI, 2009)¹¹.

O espaço físico do jornal é identificado como um critério de noticiabilidade, de menção recorrente entre os editores entrevistados nesta pesquisa, o qual não foi identificado na revisão bibliográfica baseada nas teorias de Luhmann (2005) e Wolf (2005), mostrando-se ser um critério a considerar.

Concebendo o espaço como um critério de noticiabilidade, o associamos como característica de auto-referência do sistema, por ser observado como um fator auto-condicionante.

Soma-se à composição do texto no jornal impresso fotografias e gráficos, diminuindo assim o espaço para o texto em si. A crescente utilização desses artifícios implica em maximizar cada vez mais o espaço físico do jornal.

Porque é o espaço e a apresentação visual, que eu chamo de apresentação visual, que não deixa de ser a edição, também. Cada vez a gente tem que escrever menos texto. Cada vez mais gráficos, mais foto, mais edição, enfim, formas de expressão, mas então a gente tem que trabalhar nessa composição. E aí, a falta de espaço também é um limitador. Tem que fazer ainda uma página melhor num espaço menor (SCHMITT, 2009)¹².

Aspectos estéticos, gráficos, ilustrativos são elementos de composição do espaço do jornal impresso. Comumente, notícias vêm acompanhadas de imagens (boxes, quadros, infográficos) como ferramentas complementares ao texto. Em duas perspectivas, percebemos a utilização de imagem no jornal: a primeira de ordem espacial, e a segunda de ordem informacional. A fotografia

¹¹ STEFFANELI, Ricardo. **Entrevista com o diretor de redação do Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 20 out. 2009.

¹² SCHMITT, Christianne. **Entrevista com a Editora-chefe da editoria de Geral do Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 18 out. 2009.

contém informação complementar, ou, a partir de determinada imagem, desdobra-se uma notícia. Entretanto, há implicações na espacialidade do jornal impresso para a publicação de imagens. O senso estético para a composição do jornal é exigência e a fotografia é aliada a esta necessidade.

“[por exemplo] uma tempestade de areia na Austrália, então, normalmente seria uma nota, mas tem fotos muito bonitas. (...) O teatro de Sidney todo alaranjado, então, nós vamos [publicar] porque a foto é muito bonita” (PEREZ, 2009)¹³.

A fotografia, diríamos, é um fator relevante para a publicação de uma notícia; e, o discurso prático dos editores mostra, expressivamente, a fotografia como elemento de análise. Praticamente a maioria das decisões de publicação vem acompanhada do fator fotografia – sua ausência ou presença. A existência ou não de fotografia pode ocasionar a procrastinação, ou não publicação, de determinada notícia.

O senso estético sugere imagens – fotografia, arte, para suavizar a quantidade de texto característico do jornal impresso, devendo apresentar equilíbrio entre ambos. A lógica da fotografia no jornal demanda larga observância específica. Porém, a partir de uma análise tópica podemos mencionar um exemplo. Hipoteticamente, a notícia de um acidente de trânsito é considerada um acontecimento corriqueiro em grandes cidades e estradas. Entretanto, havendo imagem peculiar do acidente, esta pode ganhar destaque. O que seria uma nota de registro assume – em detrimento da imagem – outra escala de publicação. A fotografia em muitos aspectos é um fator considerado essencial para a ilustração de determinadas notícias. Por exemplo, evidenciar estragos causados por temporais. O contrário é verificável, quando muitas notícias não solicitam fotografia.

Em amplo contexto, a qualidade técnica é um elemento a ser sucintamente observado. O sistema demanda qualidade técnica para seu funcionamento, mesmo que “qualidade” tenha referência subjetiva. Quando se

¹³ PEREZ, Luciano. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Mundo do Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 19 out. 2009.

fazem necessárias imagens para ilustrar um acontecimento, considera-se concernente à notícia esta técnica. As imagens e ilustrações devem apresentar padrões técnicos, assim como a majoritária parcela de texto escrito do jornal impresso.

Há determinados padrões estéticos particulares a cada jornal impresso, nos quais se inclui a harmonização entre textos verbais e não-verbais. A tipologia, a valorização do primeiro parágrafo da notícia – lide seriam aspectos desse padrão estético. A qualidade dos textos – notícia e fotografia, inclusive quando oriundos de agências de notícias associadas ao jornal, assuem um senso estético específico ao sistema. A notícia – produto, para ser publicada, é emoldurada sob determinada lógica editorial. Estabelecendo assim o compromisso para além da informação em si, a concebendo como um produto – empacotado de senso estético, à venda.

Se tu colocar um repórter e um editor talentoso para produzir uma página, uma matéria interessante, a chance de uma matéria emplacar no jornal, e ser chamada de capa [publicada na capa], e mobilizar o jornal e mobilizar fotografia para produzir uma foto legal pra essa matéria, é infinitamente maior [que um] repórter fraco e um editor medíocre ou burocrático [produzindo] o mesmo assunto (NOBRE, 2009)¹⁴.

Portanto, o termo “empacotamento” aproxima-se do critério de qualidade técnica, sendo recorrentemente utilizado pelos editores de Zero Hora, que se refere à função de tornar a notícia mais atrativa e dinâmica.

O furo jornalístico é um desses aspectos do sistema que sofre influência, especialmente da Internet. A dificuldade em conseguir um furo jornalístico, uma notícia de primeira mão, exclusiva, é crescente, uma vez que, as fontes (pessoas físicas, instituições públicas ou privadas), têm voz direta a partir de veículos pós-massivos como a Internet.

As notícias assumem a horizontalidade da rede, sendo disseminadas em diversos níveis e graus de interesse e adaptando-se ao formato do meio. Percebemos o twitter (rede social e servidor para *microblogging* que permite aos

¹⁴ NOBRE, Altair. **Entrevista com o Editor-chefe do Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 18 out. 2009.

usuários que enviem e leiam atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets", através da própria Web, por SMS e por softwares específicos instalados em dispositivos portáteis como o Twitterberry desenvolvido para o Black Berry) como um descentralizador ou disseminador de notícias, oriundas de meios tradicionais, instituições ou pessoas físicas. Pode ser observado como uma ruptura heterorreferencial, não somente sobre o jornal impresso como de outros sistemas.

O sistema valoriza furos jornalísticos, como forma de esmero profissional e dedicação ao leitor. Entretanto, esta perspectiva pode estar em transformação tanto sobre o que é, quanto sua existência como tal. Além do fator de descentralização da notícia, o Twitter é um espaço de fluxo de antecipação sobre a lógica convencional de acesso a informações. O Twitter possibilita a remissão a portais, agências e veículos tradicionais de notícia (como Zero Hora), como disseminador de fatos, acontecimentos.

Por exemplo, recorte temporal abaixo mostra a dinâmica do fluxo da informação e ruptura sob o furo. Antecipadamente, um cidadão reportou um acontecimento na Faculdade de Comunicação Social – FABICO, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, uma hora após, o jornal Zero Hora divulga a notícia sobre o ocorrido no Twitter. Temos clareza da complementaridade de ambas as menções, uma apresenta o fato, a outra a notícia. Entretanto, rompe com uma lógica rigidamente estabelecida.



Figura 9 - Twitter Timetable

Fonte: Twitter, (09 nov. 2009).

A atualização das notícias na rede segue o fluxo dos acontecimentos estabelecendo uma lógica de pensamento relativamente diferenciada. Mesmo que o compromisso da rede seja para com a instantaneidade pode haver certo acordo temporal. Isto é, ocorre planejamento em relação ao tempo e as notícias na rede.

A exigência do tempo é diferenciada entre a lógica do sistema do qual analisamos e a rede. As notícias factuais – *hardnews* – demandam um ambiente de circulação em concordância com seu desdobramento ou grau de urgência, estando diretamente ligadas ao fator tempo.

A rede como espaço de fluxo oferece tal característica de veiculação. Porém, a autonomia da Internet avança em diversos aspectos como, por exemplo: infografia, desenvolvimento de redes sociais, tratamento de conteúdo mais contextualizado e relacionável etc.

É discutível se existe notícia especificamente destinada a determinado meio, fatos que devam ser publicados somente no jornal impresso e outras determinadas à veiculação na rede. Mesmo com este aspecto ainda indefinido e abstrato, é a partir de critérios de noticiabilidade específicos que se podem estabelecer amenidades a essa discussão. O aprofundamento e a análise de um fato pode ser uma característica de notícias destinadas ao jornal impresso. Mesmo que notícias na rede possam assumir este aspecto analítico, e notícias rasas comporem parte do jornal impresso.

A relação entre publicar uma notícia no jornal tendo em vista que, comumente, está disponibilizado na rede desde seu acontecimento, é um ponto sensível aos editores do impresso. A lógica idealizada do jornal é não tornar-se um veículo de repetição de outro meio, especialmente da Internet que compete por meio de texto e imagem.

E nós [jornal impresso] temos (...) vantagens em relação a esses veículos. Dificilmente um repórter de jornal que cobre um determinado tema e tem condições de escrever sobre esse tema, e vê antes do seu texto publicado, uma reportagem de TV, uma reportagem de rádio, e eu não quero falar da Internet nesse caso especificamente, mas basicamente nesses dois veículos, que são veículos que trabalham

com a rapidez e com a instantaneidade, dificilmente ele fica frustrado. Em geral ele percebe nesses momentos o poder, as vantagens, os recursos que o veículo escrito tem, porque ele pode aprofundar, ele pode explorar uma nuance, ele pode explicar melhor às vezes com infografia, às vezes até hoje, considerando aí a interface com a Internet, com recursos multimídia, apontando para um outro veículo, então ele está numa posição privilegiada como jornalista, como contador de histórias (ARAÚJO, 2009, ANEXO B)¹⁵.

Visto que a concorrência de um jornal impresso são outros jornais (locais) impressos. Entretanto, atenta-se para o fato da presença constante da Internet sob o critério de concorrência. Identificando no discurso dos editores que a repercussão de determinada notícia na rede é um fator a ser considerado para publicação, ou não, de uma notícia.

Este aspecto demonstra a necessidade do sistema em atentar-se a heterorreferencialidade, como por exemplo, atualizando-se a partir de influências sociais a tecnológicas.

Outro ponto refere-se à diferenciação, isto é, a notícia no jornal impresso é forçada a assumir uma “roupagem” própria. As notícias que circulam por outros meios, particularmente na rede, demandam do jornal impresso razões para determinadas notícias serem publicadas no dia seguinte. Entretanto, não é regra absoluta a conjectura de que notícias disponibilizadas na rede não serão publicadas no jornal impresso. Habitualmente associam-se notícias na rede a formatos curtos, para leitura rápida e superficial, por outro lado, no jornal impresso, notícias aprofundadas, analíticas. Sobremaneira nos associamos a tal premissa generalista, e que não leva em conta o montante de possibilidades e usos que podem ser feitos a partir de cada meio.

(...) a matéria da Internet tende a ser mais como uma leitura mais rápida, enquanto no jornal a gente tenta sempre colocar algum tipo de análise na matéria. (...) Como (...) tem essa defasagem de tempo, a Internet publica praticamente no momento em que está acontecendo, nós [jornal impresso] vamos publicar só no dia seguinte, aí tu tem que incorporar outras informações, ou seja, análise, colocar um histórico da situação, fazer de alguma forma com que o leitor não sinta assim que

¹⁵ ARAÚJO, Luis Antônio. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Política do Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 19 out. 2009.

está lendo a mesma notícia que já viu na Internet no dia anterior (PEREZ, 2009)¹⁶.

O sistema também dispõe de ferramentas de interação com seu público, seja por telefone, carta, rede social, Internet. Essa evidência encontra-se no espaço do jornal reservado para publicação de algumas dessas interações; em Zero Hora, a página dois é específica para tal.

A resposta do leitor diante de determinada edição é observada pelo sistema, o que sugere uma abertura heterorreferencial, de fora para dentro. Portanto, o leitor também pode ser considerado como ponto de heterorreferencialidade do sistema, podendo ser, potencialmente, um produtor de conteúdo (pauta), ou mesmo uma fonte. Analogamente, pode-se ver esta ferramenta como um termômetro do sistema, mesmo que consideravelmente superficial e limitada. Este termômetro, mediante interação, mede o nível reativo de parte de seus leitores, aqueles dispostos a manifestar-se sob vontade própria.

O sistema não se dispõe em publicar apenas aquilo que interessa seu leitor, o que fragilizaria a linha editorial do jornal. Atentando-se que os critérios de noticiabilidade estão comprometidos ao sistema, mesmo que haja interferências heterorreferenciais. É sensível tal dualidade sistêmica entre auto e heterorreferencialidade, estando o leitor em uma das pontas observadas. Há fronteiras definidas para esta interação, uma vez que os editores do jornal não podem estabelecer o leitor como referência sistêmica. Salvo nos aspectos anteriormente mencionados de reatividade e quando útil ao sistema.

O leitor não pertence à lógica do sistema, a ponto de tornar-se um guia referencial para a construção de critérios de noticiabilidade. O leitor faz parte do imaginário dos editores, a partir do questionamento sobre o que interessaria seu público: “Tudo que a gente publica é com base no que a gente imagina que o leitor quer ler” (PEREZ, 2009)¹⁷. Os editores têm por função “captar” ou

¹⁶ PEREZ, Luciano. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Mundo do Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 19 out. 2009.

¹⁷ Ibidem.

direcionar o interesse público e aplicá-lo em suas escolhas de que notícia publicar.

Nesta perspectiva ampla, o leitor interage com o sistema a partir de uma participação descomprometida para com os critérios de noticiabilidade estabelecidos. Esta tendência apresenta consonância com as teorias postuladas por Santaella (2008) e Lemos (2008).

Entretanto, a tecnologia móvel potencializa a presença do leitor dentro do sistema, contribuindo com o envio de vídeos e fotos de acontecimentos que possivelmente não seriam cobertos pelo veículo. A interação dos leitores é acentuada no ambiente de rede, através do qual pode efetivamente participar sob diversas formas. É a descentralização da notícia oriunda da conectividade das tecnologias móveis, tal como verificamos em Lev Manovich (2005).

4.1.2 Zero Hora em contexto de sociedade em rede

A partir do acompanhamento das reuniões de pauta, observa-se e verifica-se tal funcionamento sistêmico e planejado. Conforme visto no subcapítulo 2.1, sistemas têm por característica a auto-referência e heterorreferência.

O planejamento do sistema é observado como necessário para o funcionamento de sua engrenagem. Observa-se que há uma antecipação do que será noticiado como grandes reportagens, coberturas especiais, o que mostra a flexibilidade temporal desse sistema e seu compromisso com o equilíbrio de impacto de determinada edição.

Em complemento a isso, pode acontecer que, na reunião de pauta de segunda-feira, já se saiba qual será a capa da edição de quarta-feira. Entretanto, a flexibilidade de publicação pode alterar tal projeção. Para isso, há um consenso entre os editores nesse agendamento do sistema. A distribuição de notícias entre as editorias equilibra o funcionamento da produção diária do

jornal. A partir da observação é viável uma definição do que consiste a prática laboral dos editores. Há uma diferença hierárquica e de responsabilidades entre repórteres e editores.

Por um lado, o repórter dirige seu foco à apuração e, normalmente, está em contato direto com os acontecimentos. Tem por função transformar em conteúdo a sua percepção diante dos fatos. Já do editor, o qual está centralizado em nossa pesquisa, é exigido um olhar de amplo espectro sobre o todo.

Este profissional está atento a nuances para além das notícias, sendo responsável pela coordenação de uma equipe, para sua plena funcionalidade sistêmica. Além da orientação aos repórteres, o editor decide quais são as pautas, avalia o texto, decide o tamanho (físico) de determinada notícia.

Também considera e analisa todas as notícias com as quais tem contato, seja via televisão, rádio, Internet, fontes ou agências de notícias, para então escolher e decidir quais serão suas apostas¹⁸.

Ao relermos integralmente a teoria que compõem a presente dissertação, a verificamos neste momento sob a perspectiva da pesquisa realizada em Zero Hora. A revisão bibliográfica descrita no capítulo intitulado “Sociedade em Rede” consiste em evidenciar um panorama social de temporalidade diferenciada a um período anterior a presença ubíqua da rede, sendo dentro desta percepção que se analisa a redação do jornal Zero Hora.

Como vimos, Manuel Castells (2000) sugere como característica predominante da sociedade em rede a configuração de uma nova ordem temporal, ocasionada pela velocidade da transação de informações que circulam em um espaço de fluxos. O tempo intemporal que contextualiza a utilização das tecnologias conectadas em rede sugere uma sociedade incorporada sob a ordem de fluxos.

¹⁸ Entre os editores de Zero Hora, diariamente são apresentadas nas reuniões de pauta, as apostas de cada editor. Esta observação para além do sistema evidencia uma característica expressa de heterorreferencialidade (LUHMANN, 2005).

As tecnologias de informação, a ubiquidade e velocidade transacional de dados, informações e notícias pela Internet romperiam o contexto cronológico de atualização de 24 horas de Zero Hora. Fato este não verificado nesta análise, já que o sistema mostra-se predominantemente autorreferencial, o qual não sofre expressiva influência sobre o fluxo de notícias oriundo e específico a rede.

A veiculação de notícias dando-se através de um espaço virtual de fluxos dispensa o tempo necessário de atualização programada de 24 horas, característico a jornais impressos como Zero Hora, podendo ocorrer a cada instante. Entretanto, percebemos que o tempo de atualização possível da rede e do jornal impresso ocorrem paralelamente, isto é, um tempo não suprime o outro.

Percebemos que a sociedade contemporânea vem administrando uma mistura de tempos (CASTELLS, 2000), ou seja, concomitantemente dissolvem-se tempos de esfera virtual (instantânea, não cíclico, e sim aleatório) e outros tempos, como o ciclo do jornal impresso.

As notícias adaptam-se a ambos os tempos e assumem características particulares a cada relação espaço-temporal do meio em que são veiculadas. Em perspectiva prática, a hipótese de suplantação de uma ordem temporal em detrimento de outra não se verificada nesta análise.

Entretanto, nesta análise se verifica concordância entre teoria e prática referente aos ritmos (temporais) que se articulam concomitantemente em uma sociedade, isto é, o ritmo da sociedade em rede sugere um fluxo de notícias específico a si, demonstrando particular dissonância ao tempo de atualização de Zero Hora. A percepção temporal de Castells (2000), na qual evidencia a existência de diversos tempos sociais ocorrendo em paralelo condiz com o que observamos em prática.

A hipótese da relação espaço-temporal da sociedade em rede exercer influência sobre a lógica do jornal impresso, conseqüentemente, alterar os

critérios de noticiabilidade não são evidentes segundo a análise realizada nesta pesquisa.

Desta forma, a lógica de Zero Hora concernente a influência do ritmo temporal da sociedade em rede e seu fluxo informacional não são percebidos, este sistema se mantém atuando sob lógica própria, seguindo ritmo cronológico adequado ao sistema, sem expressivas interferências externas (quanto ao fluxo de notícias da rede).

Está consolidada a ideia de que o sistema cíclico do jornal impresso fixa sua própria cronologia, o que é vital para a sociedade, dando contexto a construção cultural e social, o mantendo “vivo”. Entretanto, percebemos que o sistema sob a lógica de sociedade em rede deveria apresentar um equilíbrio mais visível entre auto e heterorreferencialidade, para assim, não escorrer a entropia.

Em discordância a referência teórica sobre a lógica de fluxo de notícias na rede, no qual não apresentaria seqüencialidade e linearidade espaço-temporal, entendemos que a virtualidade espacial não implica na ausência dessas características. Da mesma forma, identificamos que o sistema funciona sob a lógica de seqüencialidade e linearidade espaço-temporal.

Segundo Castells (2000) a sociedade em rede vem promovendo novas estruturas em termos indivíduo-sociais, em contra partida o sistema permanece protegido sob sua lógica própria. Partindo do princípio de que as pessoas estão tendo acesso a notícias sob diversos suportes com conexão a rede que possibilita atualização de segundo a segundo, o sistema que atualiza-se e trabalha de acordo com a lógica temporal de 24 horas, sofreria modificações. Até o momento, não se verifica em prática esta preocupação por parte dos editores, não adequando os critérios de noticiabilidade a partir desta perspectiva.

Diferentemente do esperado, momento anterior a pesquisa em Zero Hora, o jornal, mesmo com interferências heterorreferenciais, caracteriza-se por sua linearidade temporal, atento em estabelecer-se a partir desta lógica. A

organização da publicação das notícias em função do tempo próprio do jornal é um fator percebido na prática dos editores. Bem como, os critérios de noticiabilidade apresentam consonância a este esforço temporal.

Oriundo da observação em Zero Hora, podemos dizer que a conectividade em rede, e a consequente possibilidade de produção e veiculação de notícias em tempo real, sugere critérios de noticiabilidade particulares a si. Visto que o sistema funciona de dentro para fora, baseado em critérios de noticiabilidade específicos e próprios a sua lógica, não apresenta relação a critérios para além do sistema.

Percebe-se que os critérios de noticiabilidade são definidos em concordância a espacialidade física do jornal, isto é, os limites físicos influenciam os editores na determinação de critérios a serem aplicados sobre as notícias. Como se a finitude física do jornal impusesse aos editores uma atuação definida sobre cada notícia; de certa forma, trata-se de uma auto-referência em relação ao espaço físico do jornal.

Vê-se que o sistema se mostra atento as diferentes lógicas temporais de veiculação e atualização de notícias, especialmente a Internet. Isso quando os editores preocupam-se sobre a repercussão de determinada notícia nesse espaço de fluxos (CASTELLS, 2000), influenciando em suas decisões de publicação.

Em associação teórica entre Pierre Lévy (1999) e Manuel Castells (2000) a partir da qual podemos dizer que o espaço virtual de fluxos é mais tempo que espaço, percebendo que o sistema que analisamos articula-se em um espaço físico de fixação do tempo.

Um aspecto de heterorreferencialidade percebido é a participação do leitor no sistema. A partir da possibilidade de conectividade os cidadãos podem fazer sugestão de pauta, comentários, o que em um nível que não podemos mensurar pode influenciar sobre o sistema. Ao menos, percebemos a atenção dos editores sobre tal aspecto. A sociedade atual transforma e apropria-se das tecnologias, modificando-as e experimentando-as, o mesmo ocorre com a rede.

A utilização da Internet viabiliza para uma abertura heterorreferencial, pela qual o leitor/cidadão pode interferir em algum nível sobre sistema

Como vimos em Castells (2000), a sociedade em rede promove condições para uma comunicação horizontal e global e de fluxo informacional redimensionado, tanto em velocidade quanto em disseminação. Mesmo o sistema articulando-se dentro desta perspectiva, mostra fronteiras bem definidas. Assim, podemos inferir que o sistema não apresenta modificações expressivas em sua lógica que influenciem sobre os critérios de noticiabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição de uma releitura dos critérios de noticiabilidade em perspectiva do amplo cenário contemporâneo da sociedade em rede foi motivada pela intenção de aproximar conceitos reservados a teoria e a prática do jornalismo. Os critérios de noticiabilidade alicerçam o sistema, por meio dos quais se vê a possibilidade de estruturar-se sob lógica própria. Os critérios de noticiabilidade são indicadores a partir dos quais o sistema guiasse, e sem eles se estabeleceria uma profunda lacuna sob sua lógica de decisão.

De modo assertivo, a perspectiva de Luhmann (2005) apropriada ao estudo, subsidiou compreender o jornal impresso enquanto um sistema. Sob este viés certificou-se que a essência deste sistema são os critérios de noticiabilidade. Há uma consciência coletiva em concordância a esses critérios, mesmo que de forma abstrata. Os editores agem em consonância à lógica do sistema, mesmo não traduzindo objetivamente os critérios de noticiabilidade utilizados. Os editores-chefe seguem critérios de noticiabilidade de modo empírico, não prendem-se a teorizações.

Os objetivos expressos e dedicados a verificação nesta dissertação buscaram saber se os critérios de noticiabilidade sofrem modificações dentro do contexto de sociedade em rede. O eixo metodológico de nosso tratado científico garantiu o alcance dos objetivos deste estudo. A hipótese de diretriz sugeria que este grande contexto estaria modificando a lógica do jornal impresso, especificamente sobre os critérios de noticiabilidade. Julgando que o sistema analisado sofresse influência sob tal perspectiva de rede.

A percebida relação sistêmica do jornal Zero Hora viabilizou compreender seu funcionamento em um amplo contexto. Este feito de

localizar o jornal dentro de um todo social proporcionou entender sua lógica operacional, fertilizando o terreno para os resultados obtidos. Seguindo a ambivalente sugestão teórica de dentro e fora, característico dos sistemas.

Ao invés de uma competição, o sistema coexiste a temporalidade do fluxo de notícias da rede. O sistema mantém sua lógica temporal, entretanto, anuncia-se uma possível modificação. Uma observação empírica decorrente da análise sugere que existe uma tendência a atemporalidade das notícias publicadas. Visto essa dinâmica auto-referente, para existir em um amplo contexto, acredita-se e já se evidencia que o jornal vem assumindo uma maior flexibilidade temporal em relação às notícias.

Embora não pareça, o sistema atualiza-se a todo o momento, entretanto, não necessariamente reflete sobre a edição em produção. O sistema funciona em tempo real, diferentemente de seu suporte, o que sugere uma lógica própria de funcionamento.

A partir da perspectiva sistêmica de auto-referência e heterorreferência dentro do panorama de sociedade em rede, percebemos um sistema auto-referente. Ao mesmo tempo em que olha para fora de si mesmo, funciona sob lógica própria, sem interferências significativas. Este momento de observação para além de si mesmo, em perspectiva heterorreferencial, é percebido quando o sistema atenta-se a repercussão de notícias na rede. Entretanto, o fluxo de notícias em rede não é identificado como um fator modificador sobre, especificamente, os critérios de noticiabilidade do sistema analisado. A exceção a esta percepção é identificada quando determinada notícia teve larga repercussão na rede e pode ter, ao longo do dia, sua publicação revisada. Mesmo assim não implica em uma modificação sobre os critérios de noticiabilidade.

O jornal Zero Hora desenvolveu uma estratégia de sobrevivência mantendo-se focado em seu local de circulação, produzindo-se para um leitor “imaginado” do Rio Grande do Sul, que vai constituindo e sendo constituído pelo jornal. Organiza suas rotinas de produção noticiosa, seus critérios de noticiabilidade e cultura profissional particular do veículo em torno disso. Elege para tal o “localismo” como balizador das escolhas diárias dos acontecimentos jornalísticos e da construção discursiva dada aos mesmos, privilegiando os acontecimentos que tenham relação com a região de abrangência da cobertura e circulação do jornal, buscando construir uma comunidade dos seus leitores.

O localismo vai além de um critério jornalístico, e se constitui para Zero Hora, percebemos, num caminho de mercado e de captação de leitores ao optar pela sua inserção no local onde está territorialmente inserido, mediante uma construção discursiva que busca interpelar o leitor pelos aspectos identitários e de pertencimento. Zero Hora disputa o leitor com seus concorrentes da Capital e do interior do Estado pela forma como representa a realidade e, inserido nela, seu público-leitor (ou boa parte dele), por sua vez, identifica-se com essa forma de representação.

O suporte papel do jornal imprime características subjacentes a ele, sua lógica é definida a partir das potencialidades e fraquezas do meio. A evolução do sistema se dá em termos de conteúdo e muito pouco em termos de suporte, o papel. Quando assim deixar de ser não poderemos mais chamá-lo de jornal, ao menos do modo como o concebemos no presente. Ao mesmo tempo em que o jornal impresso desenvolve uma temporalidade social comum, o sistema é pensado de uma maneira a promover uma dinâmica social a partir das notícias publicadas.

A auto-referencialidade que percebemos no sistema, nos desperta profundos questionamentos sobre a funcionalidade do jornal impresso em contexto de rede e notícias em fluxo. Entretanto, não o concebemos como um

organizador ou compilador de notícias, mas sim como parte de um contexto cultural, social e político particular e específico.

Para além da apuração das notícias, o sistema preocupa-se a renovações, em aspectos pontualmente identificados e refletidos sobre os critérios de noticiabilidade. Fotografia e espaço além de serem concebidos como novos critérios de noticiabilidade, por não estarem contemplados no aporte teórico do estudo, demonstram essas evidências. A fotografia mostrou-se um critério de noticiabilidade decisivo para a publicação de notícias. Sua existência ou não passa a ser um critério de relevância para a tomada de decisão do que é publicado. Bem como, a finitude do jornal impresso caracteriza-se como um fator condicionante para o funcionamento do sistema. Da mesma forma que os editores reconhecem o espaço físico do jornal como um novo critério de noticiabilidade.

Os resultados da análise mostram que não houve modificações quanto aos critérios de noticiabilidade utilizados pelo sistema. Em proposição aos argumentos de influência da dinâmica da sociedade em rede, a expectativa anterior a análise era contrária. Esta identificação de relevância nos faz compreender um sistema predominantemente auto-referente, articulando-se sob lógica própria de funcionamento.

Mesmo tendo identificado que o sistema não tenha sofrido modificações, bem como, seus critérios de noticiabilidade permaneçam os mesmos em contexto de rede, acredito que estamos caminhando em direção a um novo jornalismo. Ousamos imaginar a notícia independente de instrumentos e suportes pré-estabelecidos para existir, dessa forma, as notícias desprendem-se de formatos e meios definidos. As notícias assumem a lógica própria dos sistemas nos quais circulam, não diferentemente ocorreria em perspectiva de rede.

O estudo elucidativo desta dissertação incitou-nos a novos desafios acadêmicos, sendo a proposição de um projeto de doutoramento, que consiste na

identificação e construção de critérios de noticiabilidade específicos a rede. Marcamos como superada a progressão de características das mídias na transição entre o paradigma analógico e digital, voltando-nos as especificidades particulares da rede e os critérios de noticiabilidade próprios a sua lógica.

Retrocedendo a um curto espaço no tempo, as notícias na internet estavam associadas às incertezas do, então, novo espaço. Mesmo a sociedade contemporânea ainda voar raso nesse ambiente, a brusca transformação sob tal perspectiva nos encaminha a uma possível nova relação com as notícias. Quando essas deixam de pertencer a um determinado ambiente, passam à ordem do todo e a todo tempo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: FCG, 2004. 325 p.

GLOBO. **Vídeo**. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=Hbm50uD4wXk>>. Acesso em: 07 jul. 2009.

GLOBONEWS. **Programa Sem Fronteira**. Entrevista transmitida pela televisão em maio 2009.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2002.

INTERNETWORLDSTATS. Disponível em:
<<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 8 jun. 2009.

KLEINROCK, L. **On some principles of nomadic computing and multi-access communications**. IEEE Communications Magazine, 2000. [Texto em Pdf].

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

LEVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEMOS, A. L. M. Mídias locativas e territórios informacionais. In: SANTAELLA, L.; ARANTES, P. (Orgs.). **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 207-230.

MANOVICH, L. **The poetics of augmented space: learning from Prada**. 2005. Disponível em: <<http://u.nu/57vi4>>. Acesso em: 4 nov. 2009.

PARAGUAI. Tecnologias móveis: circulação e comunicação. SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (Orgs.). **Estéticas Tecnológicas - Novos modos de sentir**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 249-261.

PELLANDA, E. **Internet móvel: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação**. Porto Alegre, 2005. Tese [Doutorado em Comunicação Social]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PLANT, S. **On the mobile: the effects of mobile telephones on social and individual life.** Londres, 2001. Disponível em: <<http://u.nu/9cvi4>>. Acesso em: 22 out. 2009.

SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2007. 70 p.

_____. Mídias locativas: a Internet móvel de lugares e coisas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 35, p. 95-101, abr. 2008a.

_____. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 37, p. 20-24, dez. 2008b.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico.** São Paulo: Editora 34, 1993.

WEB PAGE. **Twitter.** Disponível em: <www.twitter.com/bussss>. Acesso em: 09 nov. 2009. às 12h34min.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ENTREVISTAS

ARAÚJO, Diego. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Polícia do Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 18 out. 2009.

ARAÚJO, Luis Antônio. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Política do Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 19 out. 2009.

LOPES, Pedro Dias. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Internet.** Porto Alegre, 17 out. 2009.

NOBRE, Altair. **Entrevista com o Editor-chefe do Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 18 out. 2009.

PEREZ, Luciano. **Entrevista com o editor-chefe da editoria de Mundo do Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 19 out. 2009.

SCHMITT, Christianne. **Entrevista com a Editora-chefe da editoria de Geral do Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 18 out. 2009.

STEFFANELI, Ricardo. **Entrevista com o diretor de redação do Jornal Zero Hora.** Porto Alegre, 20 out. 2009.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, C. **A cauda longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. São Paulo: Campus, 2006.

BARABÁSI, A-L. **How everything is connected to everything**. Plume, 2003.

BARNET, B. Infomobility and Technics: some travel notes. **CTheory**, v. 28, n. 03, Disponível em: <<http://www.ctheory.net>>. Acesso em: 17 maio 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BESLAY, Laurent; HAKALA, Hannu. Digital Territory: Bubbles. In: **Vision Book**. 2005. Disponível em: <http://europa.eu.int/information_society/topics/research/visionbook/index_en.htm>. Acesso em: 8 abr. 2009.

BOLTER; GRUSIN. **Remediation: understanding New Media**. MIT, 2001.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. A era da intercomunicação. In: **Le monde diplomatique**. 2006. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379>>. Acesso em: 17 maio 2009.

BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

CAMPBELL, Vicent. News values and news selection. In: **Information age journalism**. London: Arnold, 2004.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A galáxia Internet**: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade. Lisboa: FCG, 2004. 325 p.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

COOPER, G.; GREEN, N. et al. Mobile Society? Technology, distance, and presence. In: **Virtual Society**. Technology, Cyberbole, Reality (S. Woolgar, Ed.). Oxford: Oxford Press, 2002.

CORREIA, Fernando. **Os jornalistas e as notícias**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

_____. De outros espaços. In: **Architecture, Mouvement, Continuité** (Tradutora Pedro Moura. 1984. Disponível em: <<http://www.rizoma.net/interna.php?id=169&secao=anarquitectura>>. Acesso em: 17 maio 2009.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news**. New York: Vintage Books, 1980.

GLOBONEWS. **Programa sem fronteira**. Entrevista transmitida pela televisão em maio 2009.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2002.

ITO, M. A new set of social rules for a newly *wireless* society. **Japan Media Review** (17/07/04). Disponível em: <<http://www.ojr.org/japan/wireless/1043770650.php>>. Acesso em: 9 jun. 2009.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.

LEMOS, A. Cibercultura e Mobilidade. In: LEMOS, André (Org.). Comunicaciones móviles. In: **Razón y Palabra**, México, n. 41, Oct./Nov. 2004.

LEMOS, A. Cibercultura. **Tecnologia e Vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. (Org.). Cibercidade II. **Ciberurbe. A cidade na sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

_____. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis**: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. Bauru-SP: COMPOS, jun. 2006.

_____. (Org.). **Cidade digital**. Salvador: EDUFBA, 2007.

_____. **Cibercidade**. Verbetes para o "Critical Dictionary of Globalisations". Groupe d'Etudes et de Recherches sur les Mondialisations. 2006. Disponível em: <www.mondialisations.org>. Acesso em: 25 abr. 2009.

LEMOS, A. L. M. Mídias locativas e territórios informacionais. In: SANTAELLA, L.; ARANTES, P. (Orgs.). **Estéticas tecnológicas**: novos modos de sentir. São Paulo: EDUC, 2008. p. 207-230.

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

LEVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MEYROWITZ, J. Global Nomads in the digital veldt. **Revista Famecos**, Porto Alegre, PUC-RS, p. 23-30, jul. 2004.

PONTE, Cristina. **Leituras das notícias**: contributos para uma análise do discurso jornalístico. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2007. 70 p.

_____. Mídias locativas: a Internet móvel de lugares e coisas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 35, p. 95-101, abr. 2008a.

_____. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 37, p. 20-24, dez. 2008b.

SCHRAGE, M. Wi-Fi, Li-Fi and Mi-Fi. **Technology Review**, v. 106, n. 6, p. 20, Aug. 2003.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news**: a social history of american newspaper. New York: Basic Books, 1978.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó, SC: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Space and Place**: the perspective of experience. University of Minnesota Press, Minneapolis/London, 2003.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. São Paulo: Editora 34, 1993.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Histórico profissional

Gostaria que você comentasse sucintamente sobre sua trajetória profissional até o cargo de editor-chefe.

Em sua opinião, qual é a principal diferença entre a função de editor e repórter?

A teoria

Você conhece a teoria dos critérios de noticiabilidade?

Você tem claro quais são os critérios de noticabilidade postulados na teoria?

Na prática

A decisão de publicação de uma notícia é feita automaticamente ou de modo reflexivo?

- O que é levado em consideração? Qual a lógica?
- O que leva uma notícia ser publicada? Quais são os critérios para esta seleção?

Há uma hierarquização na publicação de notícias?

Como funciona a relação da publicação e a falta de espaço físico do jornal?

E a relação ao tempo/periodicidade?

Porque uma notícia derruba outra?

O que é uma notícia normal na sua concepção?

Um acontecimento pode virar notícia e não ser publicado, por quê?

A qualidade técnica de uma notícia é determinante para sua publicação?

Você pensa no interesse do leitor para a publicação de uma notícia?

- O leitor contribui na hora da decisão do que será publicado? Como?

E os furos são levados em consideração?

Internet

São os mesmos editores para a zerohora.com?

A Internet é referência em algum aspecto no momento de escolher que notícia será publicada?

Você acha que a lógica de publicação do jornal impresso é a mesma na web?

Utilização da Tabela

- Gostaria que você comentasse critério a critério:

Critérios de noticiabilidade:		
Localismo / Proximidade		
Importância/ Interesse	Relevância/	Pertinência/
Quantidade		
Exclusividade/ Ineditismo/ Concorrência		
Qualidade técnica		
Atualidade/ Novidade / Factualidade		
Conflito		
Interesse		
Impacto		
Curiosidade/Surpresa		
Opinião		
Transgressão a norma		

ANEXO A - Bloco de Análise

Critérios de noticiabilidade codificados como unidades de registro:	Número de menções:
Localismo / Proximidade	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo
Importância/ Relevância/ Pertinência/ Interesse	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo
Quantidade	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano
Exclusividade/ Ineditismo/ Concorrência	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano Altair, Ricardo
Qualidade técnica	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo
Atualidade/ Novidade/Factualidade	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo
Conflito	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Altair
Interesse	Luis, Diego, Luciano, Altair, Ricardo
Impacto	Luis, Christianne
Curiosidade/Surpresa	Luciano
Opinião	Luis, Christianne, Altair
Transgressão a norma	Luis, Diego

Unidades de Registro: Localismo / Proximidade

Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo

• **Pedro Dias Lopes:**

“... Então eu continuo com esse critério marco que é exclusividade, localismo...”.

“... A Zero Hora é um jornal que é assumidamente bairrista, é local. Logo, talvez o principal critério seja o critério da proximidade”.

“... É o que eu digo assim, em termos de importância a questão da localidade é uma coisa que volta e meia...”.

“... Especialmente aqui. Aqui 120%. Se fosse a Folha eu diria a mesma coisa, ou o Globo, enfim. Acho que isso é 100%, é DNA nosso isso aí.”

“... volta e meia a proximidade é um critério que sobrepõe a todos os outros por ser local e nós assumirmos isso, e a nossa maior pretensão é que ninguém encontre mais notícias do Rio Grande do Sul, e no caso de Santa Catarina sobre Santa Catarina, do que nos veículos da RBS.”

• **Luis Antônio Araújo:**

“... É impacto, é localismo, é o interessante, é o tentar de alguma maneira oferecer uma outra perspectiva, oferecer um outro olhar em relação a determinado fato. Esse é o critério geral”.

“... o caso dos dois homens e um caixão, a gente sempre vai se orientar pelo critério local”.

“... cremos inclusive que sequer os nossos leitores aceitariam que a Zero Hora visse a realidade, cobrisse os fatos de uma forma diferente, com uma hierarquia diferente. Ela primeiro cobre o local e em segundo ela cobre o nacional e o mais distante.”

“... Sem dúvida, a relevância local ela é, eu diria que um dos nossos principais critérios ao longo da nossa jornada de trabalho.”

- **Diego Araújo:**

“... Muito. Nós principalmente aqui, não sei se tu é gaúcho, mas, a Zero Hora chega a ser motivo de piada, com razão, desse localismo, dessa gauchização.”

- **Christianne Schmitt:**

“... a Zero Hora é muito local, muito bairrista, é muito, assim, qualquer lugar que você vai fazer uma matéria fora, fazer uma viagem, ah não é gaúcho...”

“... Zero hora é muito local, por exemplo... a questão local é muito relevante mas agente precisa equilibrar, local, regional, nacional e assim por diante...”

“... A Zero Hora é muito local.”

“... a questão local é muito relevante, mas a gente procura equilibra, mas num certo momento, num certo momento eu te falei dessa coisa, a gente procura equilibra. É o regional, o local, o nacional...”

- **Luciano Peres:**

“... Um dos critérios pra isso é a proximidade. Outro é a importância do país, assim, obviamente Estados Unidos é mais importante pra nós do que Angola...”

“... Dentro dessa questão da proximidade, também, até pela proximidade cultural, damos muita importância para a América Latina também. Não é só a proximidade geográfica, mas também a cultural.”

- **Altair Nobre:**

“... A Zero Hora, ela tem um, assim, uma qualidade, que é o seguinte, é um jornal abrangente, é um jornal que vai para todo o estado, e que é de certa forma até um jornal influente no país, em outros lugares no país, mas ela tem um conceito calcado claramente que pra ela crescer ela precisa ser local.”

- **Ricardo Stefanelli:**

“... Muito importante.”

“... Aquilo que eu falei sobre as pessoas da nossa terra, entende, vão estabelecer as suas conversas, e eventualmente alguma de suas ações até, pautadas pelo jornal. Às vezes inconscientemente.”

**Unidades de Registro: Importância/
Relevância/ Pertinência/ Interesse**

**Pedro, Luis, Diego, Christianne,
Luciano, Altair, Ricardo**

• **Pedro Lopes:**

“... em termos de importância a questão da localidade é uma coisa que volta e meia...”

“... alguns assuntos que tem determinada importância na Internet ela não tem o mesmo peso no jornal.”

“... Bom, aí entra a questão de relevância, enfim, quantas pessoas aquela notícia atinge, embora, como somos um jornal local, às vezes aquela notícia que atinja, vamos botar aí, quantitativamente, 100 mil pessoas no Rio Grande do Sul, ela tem mais relevância do que uma notícia que atinja 10 milhões de pessoas no Brasil.”

“... tu alimentar uma controvérsia que de certa forma é um conflito, se tu tem que punir mais ou menos punir uma escola, isso o jornalismo ganha, desperta interesse nas pessoas.”

“... Quando é um jornalismo muito commodity, ... com notícias factuais, sem interesse assinado no papel, tu não consegue fazer com que as pessoas absorvam aquilo, entendeu. Abrem o jornal mas não conseguem ler tudo.”

• **Luis Antônio Araújo:**

“... Por uma razão simples: a importância do Brizola na história do Rio Grande do Sul é absolutamente desproporcional a importância dele na história brasileira.”

“... Os gaúchos têm importância nessa cobertura, e tudo mais.”

“... Me parece que toda a notícia tem que ter um grau de importância. Não existe notícia com importância zero. Ela tem que ter um grau de importância seja pelo ineditismo dela, seja pela capacidade dela de afetar a sociedade, afetar o governo, afetar outras instituições, afetar os cidadãos...”.

“... E se soma, então, por isso a relevância, esse seria o critério da relevância e da extensão, do impacto e do número de pessoas que é envolvida por aquela informação.”

“... E finalmente, também acho que há uma preocupação dos jornais atrair o interesse do leitor, quer dizer, buscar valorizar de alguma maneira não somente o importante, mas, principalmente, e esse é um desafio pra nós...”.

“... Até porque no geral o interesse dos leitores ele não é um fenômeno isolado, o leitor, ele se interessa na medida em que ele se informa, na medida em que ele vê outros veículos tratando de um determinado assunto...”.

“... é do interesse do leitor saber a opinião da governadora.”

• **Diego Araújo:**

“... A relevância. O fato dela ser factual, dela ser mais importante, mais interessante do que a outra.”

• **Christiane Schmitt:**

“... É uma das coisas que mais me fascina, assim. Um deles é isso de derrubar, de perder a importância, e não só por causa da rede. A rede também é importante porque aquilo ali bateu muito, talvez isso tu vá ouvir bastante “é, bateu, bateu, aquilo cansei já, parece notícia de ontem”.

“... A notícia ela se impõem, né, eu não sei descrever muito, mas enfim, ela é muito abstrata, mas eu consigo ver a notícia mais por esse lado do da importância dela, né. Do significado dessa notícia, porque notícia é tudo, é “ah, morreu o fulano, morreu lá”, é importante pra cultura...”

“... se não vai afetar muita gente, por quê que eu vou dar uma importância enorme?”

“... e esse assunto parece que despertou mais interesse do que o encontro do G-20, que é um encontro bastante relevante, pro mundo inteiro, pros países

desenvolvidos, pros países emergentes, e esse assunto do cartão de crédito despertou maior... não maior, mas bastante interesse dentro da editoria, e a questão do G-20 que não temos dúvida nenhuma que tem que ser a nossa principal aposta do jornal, da editoria de economia amanhã”.

• **Luciano Peres:**

“...a notícia que tem mais ligação com o Brasil provavelmente tem mais importância pra nós.”

“... basicamente o que a gente avalia é o interesse do leitor. O interesse... a gente tenta... nós temos o espaço limitado, na editoria de Mundo, aliás, no jornal inteiro, mas a gente tenta dar notícias pela importância e também pelo interesse, de curiosidade...”

• **Altair Nobre:**

“... O interesse dela, o interesse do público em relação a ela, a importância dela, a pertinência de publicá-la ou não. Não é porque algo é interessante que merece ser publicado. E muitas vezes a própria... a avaliação da capacidade que os repórter, os editores, tiveram em transformar essa informação em algo que vá fazer a diferença no jornal, vai surpreender o leitor, e que vai valorizar o jornal.”

“... Se o interesse da notícia é mais abrangente do que a outra notícia. Se essa notícia tem maior efeito, tem maior repercussão. Se essa notícia ela é mais recente.”

“... a gente pergunta todo o dia qual é o interesse... qual é o assunto que tá na Zero Hora de hoje que mais lhe chamou a atenção”

“... A novidade por si só não tem razão de ser. A novidade, desde que ela esteja casada com interesse. Hoje em dia, só novidade não adianta, porque só novidade, a Internet, tudo na Internet é novidade.”

• **Ricardo Stefanelli:**

“...o leitor também vem nos dizendo qual são os assuntos que ele tem interesse”.

**Unidade de Registro:
Quantidade**

**Pedro, Luis, Diego, Christianne,
Luciano**

• **Pedro Dias Lopes:**

“... é um critério (...) um subcritério de aposta, eu colocaria assim. Se eu tiver duas notícias locais, eu vou optar por qual, a que atingir mais gente. Por isso que eu digo que é um subcritério.”

• **Luis Antônio Araújo**

“... O critério principal hoje na Zero Hora eu diria que é a medida em que aquela informação afeta a vida cotidiana do maior número de pessoas. Esse é pelo menos um critério de desempate.”

• **Diego Araújo**

“...Com certeza, com certeza. Tu avalia. Assim como talvez, entendeu, dos últimos acidentes que a gente tem acompanhado ai, o acidente com um morto, não, mas morreu a filha do Feijó, muda completamente o cenário, entendeu? Por isso que eu digo, não existe essa regra, mas existe um conceito que norteia isso, não é? Agora, claro, se tu tem um ônibus, tem um avião, tu aumenta muito mais a tua cobertura. Influencia muito.”

(resposta oriunda de pergunta sobre Quantidade)

• **Christianne Schmitt**

“... se não vai afetar muita gente, por que eu vou dar uma importância enorme?”

• **Luciano Peres**

“... Não vejo exatamente essa distinção, assim, a notícia, não pelo fato de ter várias pessoas envolvidas ou não. É mais pela notícia em si, não consigo imaginar...”

Unidades de Registro: Exclusividade/ Concorrência	de	Ineditismo/	Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano Altair, Ricardo
--	-----------	--------------------	---

• **Pedro Dias Lopes**

“... Então, eu não posso me ater a critérios impressos, de hierarquia, que não funciona na Internet. Então eu continuo com esse critério macro que é exclusividade, localismo, esses são os mesmos”.

“... E ainda avança com coisa multimídia. Avança com vídeo, avança com infografia, avança com pesquisa com o público, então, há uma concorrência quase desleal, assim, se tu comparar, então, no que o jornal tem que se agarrar? Tem que se agarrar no que é a excelência do jornalismo antigo, no que sempre foi, que é a grande reportagem, que são textos analíticos, opinião, bons artigos. Isso não está na Internet, um grande artigo”.

“...Mas do jeito que é feito hoje, de um dia para o outro, com essa concorrência pesada que é a Internet, com todas essas vantagens que temos aí, que às vezes consegue ainda fazer coisas melhores que o jornal em duas ou três horas, aí realmente vai ficar muito difícil...”.

• **Luis Antônio Araújo**

“... Ela tem que ter um grau de importância seja pelo ineditismo dela, seja pela capacidade dela de afetar a sociedade, afetar o governo, afetar outras instituições, afetar os cidadãos, e é basicamente isso...”.

“... a grande preocupação que eu vejo da parte da maioria dos sites é a de disputar a primazia na divulgação de informação, ou seja, de dar o furo.”

• **Diego Araújo**

“... é o que nós perseguimos o tempo todo. É o que a gente quer o tempo todo é ter matéria exclusiva no jornal. Sempre. E essa é uma das variáveis. Se a

matéria é só nossa, ela é exclusiva, ela tem que ser valorizada. E ela tem que ser valorizada em espaço, tratamento...”.

“ ... Agora, se tu tem cinco matérias, que tem que sair amanhã, porque, ou são factuais, ou a concorrência vai dar, né, e eu tenho espaço pra quatro, ai eu uso, dentro dessas cinco, que eu acho interessante, qual é a que vai ficar. A menos importante ou a que eu posso abrir mão...”.

• **Christianne Schmitt**

“... E é claro que eu to concorrendo com a rede, com a TV, com a Internet, com o que for, to concorrendo, e não só com isso, com o boca a boca, porque hoje em dia todo mundo é assim, né, o boca a boca é uma concorrência incrível pra gente...”

“... E não quero desmerecer, principalmente na Zero Hora, o trabalho de edição ele tem sido muito valorizado, e ele tomou uma importância muito grande nos últimos anos por conta da concorrência, da Internet, e a televisão também, que está uma concorrência muito forte com o jornal. A edição ela está muito valorizada também virou assim, artigo de luxo, porque é uma maneira que a gente tem de atrair e dar algo mais, e dar o além, mas o furo no jornal... Não tem coisa melhor do que tu ter um furo no jornal, né?”.

• **Luciano Peres**

“... É. Mas a grande concorrência... o New York Times não é nosso concorrente, pra ver o que outros jornais estão dando... Pra nós concorrente é o Correio do Povo. Mas é interessante pra nós ver o que os outros jornais do centro do país, dos Estados Unidos e da Europa estão usando também.”

“... Continuamos querendo dar furos nos concorrentes.”

• **Altair Nobre**

“... E dentro do conceito do que é quente são diferentes critérios que são combinados a ponto da gente poder ter uma decisão. Qual é o critério? Se a notícia é exclusiva ou não.”

“... avalia diante de diferentes variáveis, entre elas, o tamanho do jornal, da edição do dia, aliás, o tamanho do espaço da edição do dia, a concorrência com outros conteúdos, pra ver qual é o mais interessante para o público-alvo do jornal...”.

• **Ricardo Stefanelli**

“... não é que uma matéria seja exclusividade nossa que nós vamos publicar. Não é esse critério. É que assim, ó, é interessante pra um jornal como a Zero Hora, que é principal jornal do Estado, ter notícias exclusivas. Nós todos os dias trazemos pelo menos uma notícia exclusiva. Seja ela de que porte for. Às vezes uma grande notícia exclusiva, uma média notícia exclusiva, e uma pequena notícia exclusiva. Mas esse é uma das coisas que a gente procura também. Ta, fugir das *commodities*, e ter notícias que o leitor encontro apenas num jornal do porte e da força da Zero Hora.”

Unidade de Registro: Qualidade técnica

Pedro, Luis, Diego, Christianne, Luciano, Altair, Ricardo

• **Pedro Dias Lopes:**

“... Sem dúvida. Na hora de fechar tu não está apresentando o contraponto, às vezes. Tu está dizendo, enfim, que o órgão não fiscalizou e uma obra desabou. Se o órgão tal não falou, a gente segura a manchete.”

“... Ela só é derrubada por critério, do tipo, a matéria não está muito bem fechada”.

“... Na hora de fechar tu não está apresentando o contraponto, às vezes. Tu está dizendo, enfim, que o órgão não fiscalizou e uma obra desabou. Se o órgão tal não falou, a gente segura a manchete”.

• Luis Antônio Araújo:

“... Sim. Na verdade quando nós tratamos de notícia e de informação, nós vamos tentar trabalhar essa notícia, nós vamos tentar trabalhar essa informação da melhor maneira possível de acordo com os critérios técnicos da Zero Hora.”

“... Eu não posso simplesmente ter uma informação e dizer “eu tenho que bota essa informação de qualquer maneira no jornal e não importa o texto”, eu diria, nos jornais, esse não seria jamais o nosso procedimento.”

• Diego Araújo:

“... Sem dúvida. Sem dúvida. Porque uma foto... eu digo que uma foto arromba espaço. Às vezes uma grande foto de um assunto que não é notícia, ela exige que a gente faça um registro disso.”

“... Mas às vezes a foto traz a obrigatoriedade de publicação, vamos dizer assim. Assim como por exemplo, um acidente.. um acidente normal, assim, que tenha um morto. Normalmente a gente dá uma nota disso.”

• Christianne Schmitt:

“... Implica. Claro que, por exemplo, se a gente tiver uma matéria notícia, vamos supor, uma matéria da arrecadação, eu te falo de novo porque ela é básica, aí o editor fez um texto ruim, precisa de um gráfico bom, eu não vou publicar, mas vou ter que mandar refazer”.

“... Cada vez a gente tem que escrever menos texto. Cada vez mais gráficos, mais foto, mais edição, enfim, formas de expressão, mas então a gente tem que trabalhar nessa composição. E aí, o falta de espaço também é um limitador. Tem que fazer ainda uma página melhor num espaço menor”.

• Luciano Peres:

“... Mais ou menos, né, a gente pode publicar uma notícia em foto, não tem problema, a gente publica a notícia sem foto sem problema. Agora, é claro que o contrário é verdadeiro, se uma notícia... agora nós temos, por exemplo, vou te dar um exemplo de amanhã, tem uma tempestade de areia na Austrália,

então, normalmente seria uma nota, mas tem fotos muito bonitas, todo alaranjado, né, o teatro de Sidney todo alaranjado, então nós vamos dar um destaquezinho porque a foto é muito bonita.

• **Altair Nobre:**

“... uma matéria interessante, a chance de uma matéria emplacar no jornal e ser chamada de capa e mobilizar o jornal e mobilizar fotografia para produzir uma foto legal pra essa matéria...”.

• **Ricardo Stefanelli:**

“... a edição é muito importante, porque não adianta tu ter só bom conteúdo e não saber transmitir isso pro leitor”.

“... Às vezes numa matéria a foto é importante. Tu vai falar por exemplo de estragos causados por um temporal, tu mostrar as áreas atingidas é fundamental, é fundamental. Noutras horas, como numa matéria de concurso, por exemplo, tu não precisa necessariamente ter imagem”.

“... É o desenho do jornal, como ele é desenhado, ele hierarquiza, ele diz para o leitor: isso é mais importante, isso é importante, isso é menos importante, isso é quase não importante. O projeto gráfico ele ajuda a dar essa hierarquia”.

**Unidade de Registro:
Atualidade/Novidade/Factualidade**

**Pedro, Luis, Diego, Christianne,
Luciano, Altair, Ricardo**

• **Pedro Dias Lopes:**

“... Atualidade 100%. Mas ai eu acho que atualidade é meio **comoditie (22minutos)** eu te diria assim, entendeu? O que que é atualidade hoje? Atualidade é o que está acontecendo agora, nas últimas duas horas, que tem que estar ali no site. E no impresso não. Ai que está. No impresso a lógica é

diferente. Por isso eu acho que a atualidade mudaria, mudaria pela interpretação, análise ... Não é mais atualidade. É atualidade interpretada”.

“... Tem, mas para o jornalismo com um passo a frente, pra eu não estar preocupado em atualidade, mas preocupado em interpretação, preocupado com opinião, com a profundidade, com análise”.

“... Olha, novidade mesmo hoje, ela não é tu publicar algo antes. É publicar algo que ninguém tem, algo exclusivo. Isso é novidade. Antigamente novidade era o cara entrar primeiro que todo mundo e dizer que o Papa morreu. Isso não é mais novidade, porque dez minutos depois o mundo já deu essa notícia. Então acho que você da primeiro ou não da no online, no rádio e na TV eu acho que isso acabou. Estou sendo bem sincero contigo, acho que isso acabou. Que que é novidade hoje? Novidade é conseguir dar uma informação que ninguém tem. Como a gente fala, exclusiva”.

• **Luis Antônio Araújo:**

“... Atualidade, pra Zero Hora, aqui no Estado, é um critério que ele é relativo na medida em que nós podemos ter por exemplo, na nossa última edição dominical de 20 de setembro”.

“... Bom, eu acho que isso é da essência da notícia. Eu acho que a informação ela tem que ter um grau de ineditismo ela tem que acrescentar algo ao que as pessoas já sabem sobre um determinado fato. Muitas vezes ela salienta um aspecto de um fato já conhecido, esse aspecto desconhecido de um fato já conhecido. Mas a novidade ela está envolvida, ela é da natureza da notícia”.

• **Diego Araújo:**

“... É, mais uma vez entra a rádio, a Internet e a TV. A gente... claro que a gente se preocupa com atualidade. Mas, a gente está sempre procurando da um chutinho pra frente. Trabalhar a atualidade com um pezinho na frente dela ...”.

“... Então, a atualidade tem sempre muita preocupação, mas sempre assim, pra não ser uma coisa datada. Sempre tentar um pouquinho antecipar”.

“... Vai parar na sinaleira e isso é novidade. Não é furo. Mas é novidade, é tendência. É dizer para as pessoas ‘olha, o que está acontecendo é isso’. Acho interessante isso.”

• **Christianne Schmitt:**

“... Sim, tu tem que levar em consideração ... Aí voltou a falar de novo ... Voltou a ser atual. Eu tinha que dar uma notícia explicando”.

“... O que não se falou, o que ninguém sabe. Nossa, isso aliás, eu devia ter te falado. Que é uma coisa que move a gente, que é, é pauta das nossas reuniões”.

• **Luciano Peres:**

“... Como eu te disse, pra nós, a gente não publica notícia velha. A menos que.. não existe notícia velha, notícia velha são coisas que já saíram em outros jornais, coisas que já foram publicadas, não tem sentido”.

• **Altair Nobre:**

“... Isso não tem novidade, em tese. Mas como nunca foi publicado e ele traz novas luzes pra entender um passado recente do Brasil, isso é novidade. E por quê que é novidade? A novidade por si só não tem razão de ser. A novidade, desde que ela esteja casada com interesse”.

“...Hoje em dia, só novidade não adianta, porque só novidade, a Internet, tudo na Internet é novidade. Quer dizer, a cada segundo, se tu for ali, saber se vai ter novidades no jornal, basta dar um comando tu pega 100 novidades, assim, que são novidades. Mas elas fazem a diferença elas surpreendem o leitor, quer dizer, eu acho que o conceito mais da novidade hoje ta mais casado com a idéia de surpreender o leitor, de fazer a diferença”.

Ricardo Stefanelli:

“... A palavra novidade não me agrada. Agora, o novo, a tendência nascendo, o novo me agrada. A palavra novidade, eu acho um pouco desgastada e não se adéqua ao jornalismo, entende. Agora, o novo em encanta”.

**Unidade de Registro:
Conflito**

**Pedro, Luis, Diego, Christianne,
Altair**

• **Pedro Dias Lopes:**

“... O debate, ta, seja ele com armas, seja ele com idéias, ele normalmente rende frutos para o jornalismo. Então tu conseguir de alguma maneira pautar controvérsia, ou alimentar controvérsia, eu acho importante”.

• **Luis Antônio Araújo:**

“... Não, depende da natureza do conflito, depende da extensão dele e da relevância dele. Há, seguramente, muitos conflitos que não tem interesse jornalístico, que são circunscritos, às vezes a uma determinada comunidade, e às vezes a uma determinada profissão, corporação”.

• **Diego Araújo:**

“Tudo que envolve polêmica, ela nos aguça”.

• **Christianne Schmitt:**

“Conflito sempre é complicado, né, porque a gente sempre tem que dá equilíbrio”.

• **Altair Nobre:**

“... Se ela gera um debate na sociedade, tudo o que gera um debate na sociedade e que move paixões, isso tudo interessa ao jornal”.

**Unidade de Registro:
Interesse**

**Luis, Diego, Luciano, Altair,
Ricardo**

• **Luis Antônio Araújo:**

“... ajude o leitor, não simplesmente deu a informação que o leitor já tem, ele não precisa dela, ele já tem. Ele quer algo mais, ele quer ver o futuro, ele quer ter uma perspectiva diferente, ele quer enxergar aquele problema, muitas vezes até sem concordar com essa visão, mas ele quer ter uma visão diferente. Ele quer ter uma visão nuançada, ou às vezes inusitada. E finalmente, também acho que há uma preocupação dos jornais atraírem o interesse do leitor”.

• **Diego Araújo:**

“... Sim e não, vamos dizer. Os leitores... a gente acaba, por experiência, sabendo os assuntos que são mais pop do que outros. Por exemplo, assunto envolvendo animal hoje em dia, é um assunto extremamente pop. Extremamente pop. Se tiver envolvido animal com agressão, é show de cartas. Ele é. Ele é. Só que tu não pode ficar refém disso”.

“... Tu não pode aumentar o tamanho dela porque tu sabe que vai ter uma repercussão interessante. Então, assim, sempre quando a gente trabalha com animais da uma repercussão violenta”.

• **Luciano Peres:**

“... basicamente o que a gente avalia é o interesse do leitor. O interesse... a gente tenta... nós temos o espaço limitado, na editoria de Mundo, aliás, no jornal inteiro, mas a gente tenta dar notícias pela importância e também pelo interesse, de curiosidade...”.

• **Altair Nobre:**

“... O interesse dela, o interesse do público em relação a ela, a importância dela, a pertinência de publicá-la ou não...”.

- **Ricardo Stefanelli:**

“... uma das funções do jornalista é saber captar interesses que seu público por ventura tenha”.

Unidade de Registro:

Impacto

Luis, Christianne

- **Luis Antônio Araújo:**

“... Eu acho que é basicamente isso. É impacto, é localismo, é o interessante, é o tentar de alguma maneira oferecer uma outra perspectiva, oferecer um outro olhar em relação a determinado fato. Esse é o critério geral”.

- **Christianne Schmitt:**

“... Bom, hoje pra mim notícia é o que pode interessar ao leitor. O que vai ter um efeito, o que vai ter um impacto, o que vai ter um impacto na vida prática dele e notícia em jornal, eu vejo de uma maneira bem diferente do que em outros veículos hoje”.

Unidades de Registro:

Curiosidade/Surpresa

Luciano

- **Luciano Peres:**

“... mas a gente tenta dar notícias pela importância e também pelo interesse, de curiosidade”.

Unidade de Registro:
Opinião

Luis, Christianne, Altair

• **Luis Antônio Araújo:**

“... Me parece que cada vez menos, considerando opinião dentro de uma notícia, a opinião na Zero Hora, no caso da Zero Hora, ela pode ser considerada parte da nossa apuração, onde nós vamos ouvir as pessoas, e queremos ouvir a opinião delas a respeito de um determinado fato, não simplesmente a informação, nós não temos como separar, quando nós ouvimos uma fonte, aquilo que é opinião dela, daquilo que é informação, mas nós vamos conseguir, ao longo do nosso trabalho, estabelecer exatamente o que é fato e o que é versão, mas não é algo que hoje se imponha por si só.

• **Christianne Schmitt:**

“... Tem que ter, mas aí é uma coisa que a gente tem que ouvir todas as opiniões. Todas as opiniões, mas a gente trabalha em geral opinião, né. Algumas não, algumas.., aí também tem que ser muito discutido, não da pra falar, assim, sem ter um caso, não posso usar um... “ah, o cara quer dar uma opinião”. Agora, se for relevante, a gente analisa, vê se vale ou não”.

• **Altair Nobre:**

“... A manifestação de opinião ela é, até como está escrito no próprio jornal, quando ele convida os leitores a mandar artigos e cartas. A manifestação de opinião, ela é interessante pra mim, como editor, quando essa opinião, ela traz contribuições, ela se refere a fatos e situações que são de amplo interesse. Quando essa opinião, ela meramente expressa uma visão muito particular e não traz uma contribuição pro debate é uma opinião que, assim como o texto do repórter, que é um texto mal feito, ele acaba sendo descartado, uma opinião, que acaba não tendo, não agregando nenhuma contribuição num debate”.

**Unidade de Registro:
Transgressão a norma**

Luis, Diego

• **Luis Antônio Araújo:**

“... ela é notícia em primeiro lugar, porque a questão do comportamento e da disciplina em sala de aula é uma questão que preocupa uma larga parcela da população. Então, o que acontece dentro das salas de aula, seja uma professora agredida, seja um aluno armado, seja um crime cometido, nós chegamos a esse ponto, um crime cometido em sala de aula, um estudante que morre em uma sala de aula, uma sala de aula que desaba, ou que não existe mais e os estudantes tem que ter aula em um depósito de lixo, bom, esse ambiente escolar, do espaço de aprendizagem, normalmente atrai atenção”.

• **Diego Araújo:**

“... O guri transgrediu uma norma. Não sairia na Zero Hora. Ela só saiu pela punição. A punição que é a polêmica”.

Critérios de noticiabilidade não codificados como unidades de registro	Número de menções:
Espaço	Pedro, Luis, Diego, Christiane, Luciano, Altair, Ricardo
Qualidade Técnica: • Fotografia	Pedro, Diego, Christiane, Luciano, Altair, Ricardo

Unidade de Registro: Espaço	Pedro, Luis, Diego, Christiane, Luciano, Altair, Ricardo
--	---

• **Pedro Dias Lopes:**

“... No impresso, são assim. O primeiro critério é espaço. Aposta, como eu disse, tu tem dois assuntos muito bons, tu vai ter que deixar um dia para o outro dia. Um vai na terça o outro vai na quarta. Isso é normal”.

“... Porque essa questão do vai ser publicada ou não ela também obedece a essa outra questão que eu te falava, do espaço...”.

“... O critério de noticiar ou não, ele obedece até um pouco a Internet, obedece. Influencia? Influencia. Diminui o espaço das coisas no outro dia? Diminui Mas principalmente influencia no como. Uma notícia que é muito relevante num dia, mesmo ela sendo factual, ela tem que estar no jornal no outro dia.”

• **Luis Antônio Araújo:**

“... Uma outra questão que é muito importante e que sempre vai ser um critério de desempate num momento crítico, num momento extremo em que duas notícias disputam o mesmo espaço onde elas não podem conviver na edição do

dia seguinte e uma tem que morrer, o caso dos dois homens e um caixão, a gente sempre vai se orientar pelo critério local”.

“... O que acontece é que se o espelho é pequeno e o jornal tem só 40 páginas e nós vamos tentar ver qual editoria que está com menos movimento naquele dia e vamos tirar espaço dela e o jornal tem que abarcar tudo o que for relevante”.

“... às vezes um pouco mais, às vezes um pouco menos, mas tempos 24 horas para definir o miolo de uma edição e nós vamos sempre tá envolvidos e engalfinhados aí com as limitações de tempo e de espaço que são inerentes”.

• **Diego Araújo:**

“ ... O repórter vem da rua e fala que a é aquela, que eu tinha dado com uma expectativa X, rendeu menos, ou rendeu mais, e me exige fazer uma nova opção, diminuindo para buscar espaço pra ela”.

“... Agora, se tu tem cinco matérias, que tem que sair amanhã, porque, ou são factuais, ou a concorrência vai dar, né, e eu tenho espaço pra quatro, ai eu uso, dentro dessas cinco, que eu acho interessante, qual é a que vai ficar”.

“... Porque uma foto... eu digo que uma foto arromba espaço. Às vezes uma grande foto de um assunto que não é notícia, ela exige que a gente faça um registro disso”.

“... É o tempo todo tu escolhe. Então, tu tem que trabalhar com algumas variáveis, que são: factual ou não, concorrência presente ou não, espaço. Muito forte isso”.

“... Sim, acontece sim. E dou notícias em tamanhos diferentes por causa de espaço, porque o jornal é finito”.

“... Mas o jornal é finito. Tu tem lá teu espaço e tu tem que fazer escolhas”.

• **Christianne Schmitt:**

“... Determinante. Porque determina e delimita. Limita o que é publicado e como vai ser publicado também. Que é outro... grave... eu acho assim, que a questão,

pro editor hoje eu acho que é... o principal dilema e a principal preocupação do editor hoje é o espaço do jornal. Porque é o espaço e a apresentação visual, que eu chamo de apresentação visual, que não deixa de ser a edição, também. Cada vez a gente tem que escrever menos texto. Cada vez mais gráficos, mais foto, mais edição, enfim, formas de expressão, mas então a gente tem que trabalhar nessa composição. E aí, o falta de espaço também é um limitador. Tem que fazer ainda uma página melhor num espaço menor”.

• **Luciano Peres:**

“... basicamente o que a gente avalia é o interesse do leitor. O interesse... a gente tenta... nós temos o espaço limitado, na editoria de Mundo...”.

“... Há uma hierarquização, claro. Coisas mais importantes saem num espaço maior, coisas que devem ser registradas só, num espaço menor, pode ser uma notinha, por exemplo pelo ‘Pelo Mundo’, nós temos uma coluna de notas aí onde vão coisas que são importantes, interessantes e tal, mas não temos espaço para publicar maior, e colocamos menor”.

• **Altair Nobre:**

“... o tamanho do espaço da edição do dia, a concorrência com outros conteúdos, pra ver qual é o mais interessante para o público-alvo do jornal, e negocia com o repórter no sentido de... ou com os repórteres, vários repórteres, no sentido de adequar o conteúdo produzido por eles a essas variáveis que vão dar a cara do jornal daquele dia”.

• **Ricardo Stefanelli:**

“... Eu tenho como norma que notícia boa, notícia interessante, notícia pulsante, sempre tem espaço para ser publicado num jornal, muito mais ainda num site”.

Qualidade Técnica:• **Fotografia****Pedro, Diego, Christianne, Luciano,
Altair, Ricardo**• **Pedro Dias Lopes:**

“... É o flagra de um fotografo que motivou entrevista de cinco, seis perguntas, que rendeu um perfilzinho. Uma nota típica da página 3 do jornal, inclusive foi a página 3 do jornal. Porque é uma coisa curiosa, não vai ter espaço de meia página no jornal. Na Internet isso não só foi a foto de capa, como foi a notícia mais lida do dia”.

• **Diego Araújo:**

“... tu opta se tu vai da com foto ou sem foto, até... muitas vezes tu faz essa opção na hora que tu define a pauta. Tu já define, essa pauta vai ser interessante, então nós vamos escolher o repórter que eu acho melhor pra ela, que tem mais o perfil dela, botar um fotógrafo que tenha o perfil dessa pauta, porque eu pretendo usá-la no tamanho X...”.

“... Sem dúvida. Sem dúvida. Porque uma foto... eu digo que uma foto arromba espaço. Às vezes uma grande foto de um assunto que não é notícia, ela exige que a gente faça um registro disso. Exemplo, uns caras de paraglider no céu de Torres. Tem todos os dias. Mas num dia de verão que a gente está na praia e tem uma grande foto de uns caras descendo de paraglider, nos obriga a da essa foto. E não é uma grande notícia. Todo mundo já viu um paraglider descendo. Mas às vezes a foto traz a obrigatoriedade de publicação, vamos dizer assim. Assim como, por exemplo, um acidente.. um acidente normal, assim, que tenha um morto. Normalmente a gente da uma nota disso”.

“... É, mas assim, no acidente não tenha um morto, o registro, que a gente chama né. Um morto também. A gente normalmente da uma nota. Mas se tu tem uma grande foto desse acidente, ele não tem um tratamento de registro”.

- **Christianne Schmitt:**

“... Porque é o espaço e a apresentação visual, que eu chamo de apresentação visual, que não deixa de ser a edição, também. Cada vez a gente tem que escrever menos texto. Cada vez mais gráficos, mais foto, mais edição, enfim, formas de expressão, mas então a gente tem que trabalhar nessa composição”.

- **Luciano Peres:**

“... a gente pode publicar uma notícia em foto, não tem problema, a gente publica a notícia sem foto sem problema. Agora, é claro que o contrário é verdadeiro (...) vou te dar um exemplo de amanhã, tem uma tempestade de areia na Austrália, então, normalmente seria uma nota, mas têm fotos muito bonitas, todo alaranjado, né, o teatro de Sidney todo alaranjado, então nós vamos dar um destaquezinho porque a foto é muito bonita”.

- **Altair Nobre:**

“... uma matéria interessante, a chance de uma matéria emplacar no jornal e ser chamada de capa e mobilizar o jornal e mobilizar fotografia para produzir uma foto legal pra essa matéria”.

- **Ricardo Stefanelli:**

“... Às vezes numa matéria a foto é importante. Tu vai falar, por exemplo, de estragos causados por um temporal, tu mostrar as áreas atingidas é fundamental, é fundamental. Noutras horas, como numa matéria de concurso, por exemplo, tu não precisa necessariamente ter imagem”.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – MESTRADO
PRÁTICAS CULTURAIS NAS MÍDIAS, COMPORTAMENTOS E IMAGINÁRIOS
DA SOCIEDADE DA COMUNICAÇÃO

GUSTAVO BUSS CEZAR

**CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE:
UMA RELEITURA FRENTE À
NOVA RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL
DA SOCIEDADE EM REDE**

Porto Alegre

2010